

BNIB Conjuntura Econômica

Periódico elaborado pelo Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETENE

76

Jul/Set 2023



OBRA PUBLICADA PELO



PRESIDENTE

Paulo Henrique Saraiva Câmara

DIRETORES

Ana Teresa Barbosa de Carvalho
Anderson Aorivan da Cunha Possa
João Monteiro da Franca Neto
José Aldemir Freire
Thiago Alves Nogueira
Wanger Antônio de Alencar Rocha

**ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ESTUDOS
ECONÔMICOS DO NORDESTE – ETENE**

Tibério Rômulo Romão Bernardo
Gerente de Ambiente

Allisson David de Oliveira Martins
**Gerente Executivo – Célula de Estudos e Pesquisas
Macroeconômicas**

CORPO EDITORIAL

Editor-Científico
Luiz Alberto Esteves

Editor-Chefe
Tibério Rômulo Romão Bernardo

Editor-Executivo
Allisson David de Oliveira Martins

EQUIPE TÉCNICA

Atividade Econômica
Allisson David de Oliveira Martins
Adriano Sarquis Bezerra de Menezes

Produção Agropecuária
Hellen Cristina Rodrigues Saraiva Leão

Produção Industrial
Liliane Cordeiro Barroso

Intermediação Financeira
Allisson David de Oliveira Martins

Serviços e Varejo
Wellington Santos Damasceno

Turismo
Nicolino Trompieri Neto - UNIFOR.
Davi Nascimento da Silva Sousa - UNIFOR.

Mercado de Trabalho
Hellen Cristina Rodrigues Saraiva Leão

Comércio Exterior
Laura Lúcia Ramos Freire

Finanças Públicas, Índice de Preços e Cesta Básica
Antônio Ricardo de Norões Vidal

Estagiário
José Wilker de Sousa Martins

Jovem Aprendiz
Isabelle Iorrana Braga da Silva
Alexandre de Oliveira do Nascimento

Revisão
Hermano José Pinho

Diagramação
Gustavo Bezerra Carvalho

Banco do Nordeste do Brasil S/A
**Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste -
ETENE**
Av. Dr. Silas Munguba, 5.700 - Bloco A2 - Térreo Passaré -
60743-902 - Fortaleza (CE) - BRASIL
Telefone: (85) 3251-7177
Cliente Consulta: 0800 728 3030

Os conceitos e opiniões emitidos nesse documento não refletem necessariamente o ponto de vista do BNB.
É permitida a reprodução das matérias, desde que seja citada a fonte.

Dados internacionais de catalogação na publicação.

BNB Conjuntura Econômica, n.1, 2004- Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2004-

n.

Quadrimestral

Periodicidade anterior: 2004-2005 bimestral; 2006-2013 quadrimestral; 2014 semestral.

ISSN 18078834

1.Economia- Brasil – Nordeste – Periódicos. 2. Desenvolvimento econômico – Brasil – Nordeste
– Periódicos. I Banco do Nordeste do Brasil.

CDD:330.05

CDU: 33 (812/814) (05)

Sumário

1 Atividade Econômica	4
2 Produção Agropecuária.....	9
3 Atividade Industrial	18
4 Setor de Serviços.....	26
5 Varejo	28
6 Turismo	30
7 Mercado de Trabalho	32
8 Comércio Exterior	38
9 Finanças Públicas	47
10 Intermediação Financeira	54
11 Índices de Preços	59
12 Cesta Básica	63

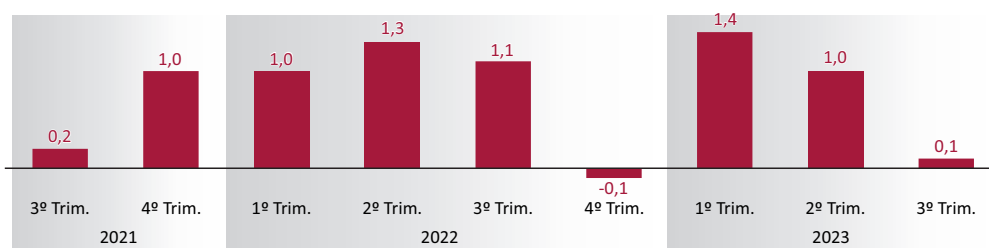
1 Atividade Econômica

1.1 Produto Interno Bruto

De acordo com o IBGE, o Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil cresceu 0,1% no terceiro trimestre de 2023, relativamente ao trimestre imediatamente anterior, indicando uma pequena desaceleração da trajetória de crescimento verificada no segundo trimestre, quando a economia cresceu 1%. Na comparação com o mesmo trimestre de 2022, o PIB cresceu 2,0%, influenciado pelos resultados positivos dos três grandes setores da economia (agropecuária, indústria e serviços).

Este desempenho da economia no terceiro trimestre surpreendeu o mercado financeiro, que projetava um recuo de 0,3% no período, com a estimativa de que a economia brasileira iria encerrar 2023 com um crescimento de 2,84%, enquanto o Ministério da Fazenda vem trabalhando com uma perspectiva de crescimento do PIB este ano em torno de 3%.

Gráfico 1 – Produto Interno Bruto - PIB - Brasil - % em relação ao trimestre imediatamente anterior - 2021 a 2023*

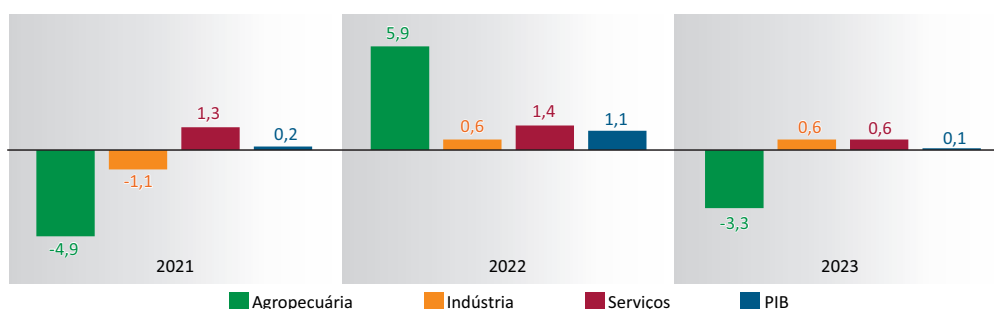


Fonte: IBGE (2023). Elaboração: Etene (2023)
*Sem ajuste sazonal

Em termos de desempenho setorial, a agropecuária recuou -3,3% no terceiro trimestre deste ano, em relação ao trimestre anterior, enquanto os Serviços e a Indústria avançaram 0,6%, nessa comparação. Na comparação com o mesmo período de 2022, a agropecuária cresceu 8,8%, com o aumento na estimativa de algumas culturas que têm safra relevante nesse período, como o milho, a cana-de-açúcar, o algodão herbáceo e o café, juntamente com a pecuária. Na indústria a alta foi de 1% relativamente ao terceiro trimestre do ano passado, com destaque para os setores de eletricidade e gás, água, esgoto, atividades de gestão de resíduos (crescimento de 7,3%), e indústrias extrativas (7,2%). Já as atividades de construção e indústrias de transformação registraram queda de, respectivamente, -4,5% e -1,5%, nessa mesma comparação.

O setor de maior peso no PIB, o de serviços, também contribuiu positivamente para o desempenho da economia no terceiro trimestre, registrando expansão de 1,8% na comparação com o mesmo trimestre do ano passado. As atividades que puxaram esse crescimento foram atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados (crescimento de 7%), atividades imobiliárias (3,6%), informação e comunicação (1,6%), transporte, armazenagem e correio (1,6%) e outras atividades de serviços (1,1%).

Gráfico 2 – Produto Interno Bruto - PIB - Brasil - Oferta – 3º Trimestre em relação ao trimestre imediatamente anterior - 2021 a 2023*



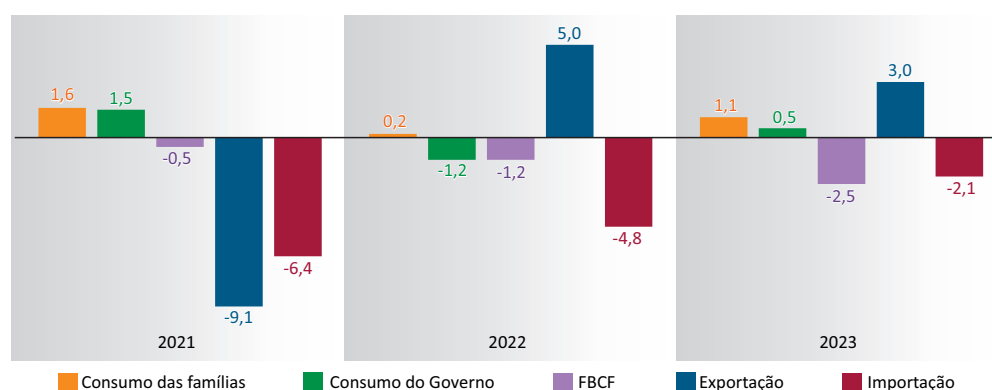
Fonte: IBGE (2023). Elaboração: Etene (2023)
*Sem ajuste sazonal

Apesar de relativa estabilidade macroeconômica, o nível de incerteza sobre a economia brasileira ainda é alto, principalmente por conta do fraco desempenho dos investimentos, que vêm caindo há quatro trimestres, e da resiliência do mercado de trabalho, que ainda se mantém aquecido, mas não se sabe até quando poderá sustentar esse crescimento. Além disso, o País tem grandes desafios fiscais que podem influenciar as expectativas do mercado. A equipe econômica tem prometido zerar o déficit público em 2024, mas vai depender do aumento da arrecadação tributária.

Na análise do desempenho do PIB pela ótica da despesa, as variações positivas ocorreram nos itens de Despesa de Consumo das Famílias (1,1%) e do Governo (0,5%), bem como nas Exportações (crescimento de 3%). O dinamismo no consumo das famílias pode ser explicado pelas políticas adotadas pelo Governo, relacionadas com os programas de transferência de renda e demais programas sociais, renegociação de dívidas das famílias de baixa renda e expansão do crédito, aliadas à folga proveniente da descompressão das taxas de inflação, as quais vêm contribuindo para elevar o poder de compra da renda das famílias. As exportações, por sua vez, voltaram a se destacar, contribuindo positivamente pelo quinto trimestre consecutivo para o crescimento do PIB. Esse resultado pode ser explicado pelo crescimento da demanda internacional por commodities brasileiras, dentre as quais se destacaram as exportações de petróleo e minério de ferro.

Os gastos com Formação Bruta de Capital Fixo, que garantem o crescimento a longo prazo, registraram uma retração de 2,5%, na comparação com o segundo trimestre. A taxa de investimento no terceiro trimestre do ano foi de 16,6% do PIB, situando-se em patamar inferior ao observado no mesmo período de 2022 (18,3%). O Governo tem pressionado o BACEN para aliviar a política monetária, o que realmente tem influenciado na trajetória de queda dos juros nos últimos meses. Mas isso não é suficiente para a retomada dos investimentos, pois o País precisa enfrentar muitos outros desafios para melhorar o ambiente de negócios. A reforma tributária constitui um passo importante nessa direção.

Gráfico 3 – Produto Interno Bruto - PIB - Brasil - Demanda -3º Trimestre em relação ao trimestre imediatamente anterior (%) - 2021 a 2023*



Fonte: IBGE (2023). Elaboração: Etene
*Sem ajuste sazonal.

1.2 Inflação, Juros e Câmbio

De maneira geral, pode-se afirmar que a economia brasileira, apesar de alguns fatores de risco, e da desaceleração das atividades verificada no terceiro trimestre de 2023, está numa situação estável. De fato, a dinâmica da inflação está melhorando gradualmente, enquanto o Banco Central do Brasil (BCB) deverá continuar a flexibilizar a política monetária no ritmo atual de cortes de 0,50 p.p. nas próximas reuniões. Na área fiscal, o País continua com o desafio de aprovar medidas para aumentar as receitas públicas e reduzir o déficit fiscal, mas essa preocupação pode ser contrabalanceada pela solidez da balança de pagamentos, que se mantém robusta neste ano.

No plano internacional, o cenário continua a exigir cautela, pois as principais economias globais, EUA e China, apresentaram desempenho distinto recentemente, inclusive com suas projeções de crescimento caminhando em direções opostas. Nos EUA, houve elevação das projeções, para cerca de 2,0% em 2023 e 1,0% em 2024, enquanto na China estima-se redução, para a faixa de 5,0% neste ano e 4,5% no próximo. Para a Zona do Euro, as expectativas se mantiveram ao redor de 0,5% e 1,0 para 2023 e 2024, respectivamente.

Nesse contexto, espera-se que o crescimento da economia continue a ser impulsionado pelas forças domésticas, notadamente pelos componentes de demanda agregada associados com o consumo das famílias e do Governo, juntamente com as exportações. Logicamente, essa situação mais favorável vai depender da continuidade da trajetória de corte de juros, pelo BACEN e que a inflação se mantenha sobre controle. Quanto ao consumo da administração pública, as expectativas são de que o Governo mantenha a trajetória de flexibilização dos gastos públicos, para impulsionar a atividade econômica e auxiliar na sustentação da renda e emprego das famílias.

No que se refere à inflação, o relatório do Banco Central de Setembro/2023 destaca que o quadro inflacionário tem melhorado, o que foi comprovado com a divulgação do IPCA de setembro, pelo IBGE, que mostrou uma alta de 0,26% nesse índice, abaixo das expectativas do mercado (0,32%). Em 12 meses, o índice acumulou 5,19%, ante 4,61% em agosto, abaixo do esperado (5,28%). A maior contribuição veio do grupo de Transportes, pressionado pela gasolina e passagem aérea, cujos efeitos já eram esperados pelo mercado. Do outro lado, o setor de Alimentação e Bebidas continuou pelo quarto mês seguido com deflação.

Tabela 1 – IPCA - Mensal e Acumulado de 2023

Data	Varição (em %)	Acumulado 12 meses (em %)
set/23	0,26	5,19
ago/23	0,23	4,61
jul/23	0,12	3,99
jun/23	-0,08	3,16
mai/23	0,23	3,94
abr/23	0,61	4,18
mar/23	0,71	4,65
fev/23	0,84	5,6
jan/23	0,53	5,77
dez/22	0,62	5,79
dez/21	0,41	5,9

Fonte: IBGE

Em que pese o leve aumento do IPCA, a leitura sobre a evolução dos preços é positiva, mantendo a trajetória de desinflação consistente, com os preços livres apresentando tendência de queda e a média dos núcleos também apresentando comportamento favorável. Diante disso, espera-se que a boa dinâmica inflacionária atual se prolongue nos próximos meses, principalmente com alimentação no domicílio e bens industriais ainda refletindo os preços mais baixos das commodities em reais. Por sua vez, a inflação de serviços deverá permanecer em tendência descendente e a retomada dos preços administrados possivelmente está concluída.

Com relação à política monetária, o Copom vem mantendo a estratégia de flexibilização da política monetária, entendendo que essa decisão é compatível com a estratégia de convergência da inflação para o redor da meta ao longo do horizonte relevante, que inclui o ano de 2024 e, em grau menor, o de 2025. Mas o Comitê reforça a necessidade de perseverar com a política monetária contracionista até que se consolide não apenas o processo de desinflação como também a ancoragem das expectativas em torno de suas metas. Em se confirmando o cenário esperado, os membros do Comitê, unanimemente, antevêm redução de mesma magnitude nas próximas reuniões e avaliam que esse é o ritmo apropriado para manter a política monetária contracionista necessária para o processo desinflacionário.

Sobre a taxa de câmbio, o desempenho recente do real (R\$) tem reforçado a percepção de que fatores internacionais como as incertezas quanto às políticas monetárias nas economias avançadas, menor crescimento da economia chinesa e acomodação nos preços de commodities, associadas com os riscos fiscais do governo brasileiro, limitariam o espaço para valorização da moeda. Por outro lado, o bom desempenho do balanço de pagamentos brasileiro e o afrouxamento gradual da política monetária evitarão que o real registre desvalorização expressiva.

As expectativas do relatório Focus apontam para um câmbio de R\$ 4,95/US\$ ao final de 2023 e de R\$ 5,00/US\$ em dez./2024. Podem ter contribuído para esse cenário os avanços na agenda da reforma tributária, bem como a aprovação do arcabouço fiscal, além da trajetória recente favorável da inflação. No contexto internacional, destaque para a valorização das moedas de países latino-americanos, provavelmente associado ao diferencial de juros favorável a essas moedas.

1.3 Economia do Nordeste

A economia nordestina, medida pelo índice de atividade IBCR-NE do Banco Central, avançou 2,2% no acumulado do ano de 2023, no período de janeiro a setembro, quando comparado com o mesmo período do ano anterior. A Região Centro-Oeste, com avanço de 7,0% na mesma base de comparação, é a que mais cresceu no nível de atividade econômica no Brasil nos nove meses de 2023.

Entre os estados do Nordeste divulgados pelo Bacen, o Estado da Bahia, que detém o maior peso econômico relativo do Nordeste, apresentou elevação de 3,2% no índice de atividade estadual de janeiro a setembro de 2023, na comparação com o mesmo período do ano anterior. A conjuntura econômica da Bahia, de janeiro a setembro deste ano, tem como destaque também o avanço do volume de serviços, em função do crescimento de 7,0%, quando comparado ao mesmo período de 2022. Nos últimos doze meses, a economia baiana cresceu 1,9%, segundo o Banco Central.

A economia pernambucana, pela ótica do índice de atividade econômica do Banco Central, apresentou crescimento de 1,4% no período de janeiro a setembro de 2023, quando comparado com o mesmo período de 2022. O destaque, em Pernambuco, foi a performance do volume de Serviços, que anotou crescimento de 4,0%, sobretudo pela expansão de 9,3% da atividade de serviços de informação e comunicação. Nos últimos doze meses, terminados em setembro de 2023, a economia pernambucana avançou 0,4%.

No Ceará, segundo o Banco Central, o índice de atividade econômica apresentou crescimento de 0,6% no acumulado do ano (janeiro a setembro), quando comparado com o mesmo período de 2022. O crescimento da economia cearense, decorre, em grande medida, dos avanços do volume de vendas do comércio varejista ampliado (5,4%). No período acumulado dos últimos doze meses, até setembro de 2023, o indicador de atividade econômica do Ceará, medido pelo Banco Central, cresceu 0,3%.

O Estado de Minas Gerais, que é contemplado, em parte, como área de abrangência do Banco do Nordeste, também apresentou crescimento de janeiro a setembro de 2023, com performance positiva de 4,6%. No mesmo sentido, o Estado do Espírito Santo, que tem a região norte do Estado atendida pelo Banco do Nordeste, registrou avanço de 2,2% no índice de atividade econômica estadual, no período de janeiro a setembro de 2023, em comparação com janeiro a setembro de 2022.

De forma geral, a atividade econômica do Nordeste em 2023 continua sendo favorecida pelo avanço dos serviços e comércio, da melhora do emprego e do processo de desinflação, apesar do aperto das condições financeiras, com juros e nível de endividamento elevados.

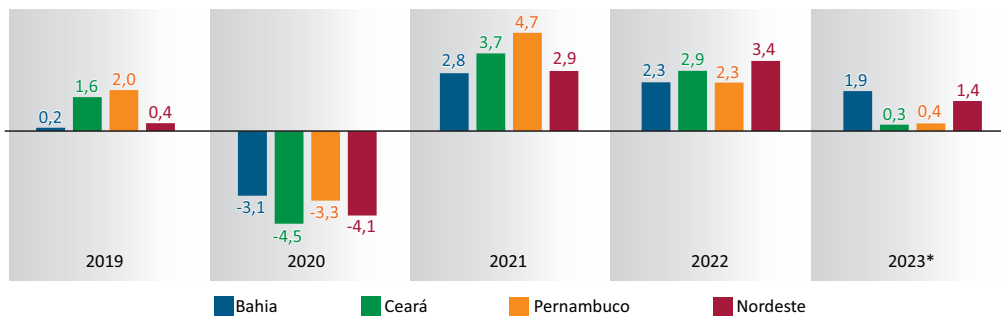
Tabela 2 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central do Brasil – Brasil, Nordeste, Sudeste, Bahia, Ceará, Pernambuco, Espírito Santo e Minas Gerais - % Crescimento no ano - 2016 a 2023

	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023*
Brasil	-4,2	0,9	1,3	1,0	-4,2	4,7	2,9	2,8
Nordeste	-4,9	0,7	1,3	0,4	-4,1	2,9	3,4	2,2
Bahia	-5,5	-0,3	2,2	0,2	-3,1	2,8	2,3	3,2
Ceará	-4,2	1,0	1,7	1,6	-4,5	3,7	2,9	0,6
Pernambuco	-0,3	1,6	2,2	2,0	-3,3	4,7	2,3	1,4
Sudeste	-3,9	0,7	1,2	1,7	-3,1	4,2	3,2	2,8
Espírito Santo	-7,4	0,3	2,5	-3,7	-6,0	6,8	0,2	2,2
Minas Gerais	-3,0	0,3	0,6	-0,2	-1,9	5,2	3,4	4,6

Fonte: Banco Central do Brasil, 2023. Elaboração: BNB/Etene (2023).

*2023 refere-se ao acumulado do ano 2023, terminado em setembro, comparado ao mesmo período do ano anterior.

Gráfico 4 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central do Brasil – Nordeste, Bahia, Ceará e Pernambuco - % em relação ao ano anterior - 2019 a 2023*



Fonte: Banco Central do Brasil, 2023. Elaboração: BNB/Etene (2023).

*2023 refere-se ao acumulado dos últimos doze meses, terminado em setembro, comparado ao mesmo período do ano anterior.

2 Produção Agropecuária

2.1 Agricultura

O setor agrícola apresentou ganho de produtividade e crescimento na produção anual. Segundo dados do IBGE, para a Safra 2023, o mapeamento das culturas mostrou que as produtividades se mantêm elevadas e as produções agrícolas recordes em todo o território nacional, fruto de investimentos em tecnologias e práticas de manejo adequadas, mesmo frente às intempéries climáticas.

Quanto à produção nacional de grãos, deverá alcançar 318,01 milhões de toneladas em 2023, crescimento de 20,9% (+54,9 milhões de toneladas) frente à observada no mesmo período de 2022, que foi de 263,1 milhões de toneladas (Tabela 1). Entre as principais causas do ganho na produção de grãos estão o aumento da área plantada e do melhor desenvolvimento dos ciclos das lavouras, principalmente nas culturas de soja, algodão e milho e, devido às condições climáticas que vêm favorecendo o desenvolvimento de algumas culturas.

A área plantada com grãos, no País, foi estimada em 78,0 milhões de hectares em 2023, aumento de +5,8% frente à safra anterior. Considerando a proporção de área plantada para as principais culturas, verifica-se que soja e milho representam com 56,4% e 28,7% sobre a área plantada total destinada ao plantio de grãos, nesta ordem; além de obterem significativos avanços na área plantada, crescimento de +7,0% e +4,8%, frente à safra passada, respectivamente.

Tabela 1 – Safra de grãos no Brasil, Nordeste e Estados selecionados (toneladas) - 2022 e 2023

País / Região / Estados	Safra 2022		Safra 2023		Var. (%) 2023/2022
	Produção (t)	Part. (%) ¹	Produção (t)	Part. (%) ¹	
Norte	13.515.880	5,1	16.414.402	5,2	21,4
Nordeste	25.415.131	9,7	27.336.238	8,6	7,6
Maranhão	5.991.576	23,6	6.511.906	23,8	8,7
Piauí	5.926.000	23,3	6.605.185	24,2	11,5
Ceará	671.140	2,6	500.472	1,8	-25,4
Rio Grande do Norte	56.914	0,2	44.635	0,2	-21,6
Paraíba	102.910	0,4	80.453	0,3	-21,8
Pernambuco	268.491	1,1	178.937	0,7	-33,4
Alagoas	105.057	0,4	238.112	0,9	126,7
Sergipe	931.336	3,7	1.028.554	3,8	10,4
Bahia	11.361.707	44,7	12.147.984	44,4	6,9
Sudeste	27.827.543	10,6	30.392.184	9,6	9,2
Sul	65.701.673	25,0	82.962.572	26,1	26,3
Centro-Oeste	130.694.379	49,7	160.992.223	50,6	23,2
Brasil	263.154.606	100,0	318.097.619	100,0	20,9

Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do IBGE (2023).

Nota (1): Participação das regiões em relação ao País e participação dos estados do Nordeste em relação a esta Região.

Entre as Regiões, a produção de grãos obteve acréscimos em todas as cinco Regiões do País, em 2023, com destaque para a Região Sul (+26,3%), que teve como base de comparação o ano de 2022, que foi reprimida devido às condições climáticas adversas nos estados da Região Sul, com diminuição das temperaturas e ocorrências de geadas. As demais regiões pontuaram positivamente: Centro-Oeste (+23,2%), Norte (+21,4%), Sudeste (+9,2%) e Nordeste (+7,6%).

Em termos de participação, o Centro-Oeste deverá permanecer como maior produtor nacional de grãos, atingindo 160,9 milhões de toneladas de grãos (50,6% do total do País); na sequência, o Sul, com produção de 82,9 milhões de toneladas, participa com 26,1% da produção nacional em 2023; Sudeste

atingiu a produção de 30,3 milhões de toneladas (9,6%); Nordeste registrou 27,3 milhões de toneladas (8,6% do total) e Norte, com produção de 16,4 milhões de toneladas de grãos, participa com 5,2% do total de grãos produzidos no País, conforme dados do Gráfico 1.

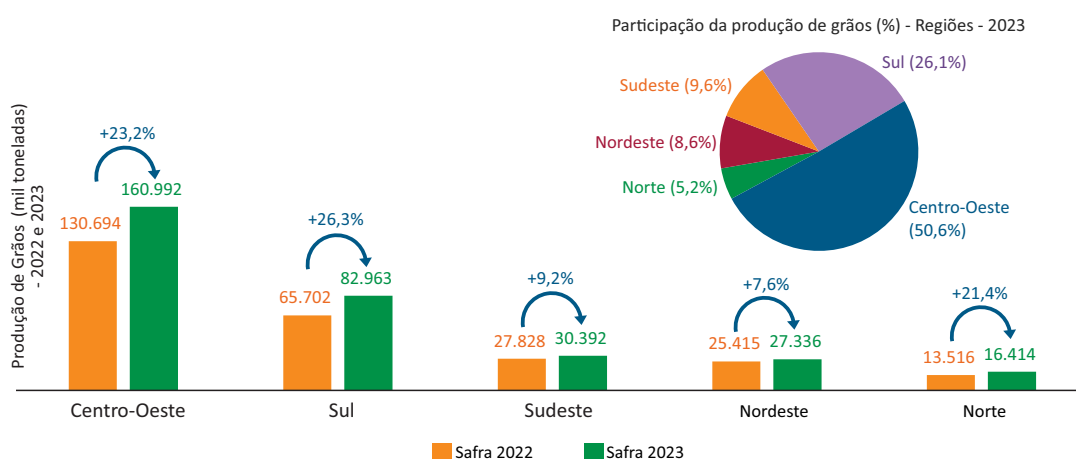
A Safra de grãos do Nordeste atingiu níveis recordes, a expectativa para 2023 deverá alcançar 27,3 milhões toneladas de grãos. Assim, com avanço de +7,6% frente à safra passada, o Nordeste participa com 8,6% da produção nacional de grãos, configurando a quarta posição relativa entre as regiões do País, conforme dados do Gráfico 1.

Segundo a Conab (2023), a distribuição das chuvas na Região Nordeste não ocorreu de forma uniforme. Os acumulados de chuva concentraram em áreas do MATOPIBA e sul da Bahia, que contribuiu para o armazenamento da água no solo, assim, favoreceu ao desenvolvimento das lavouras.

Conforme dados do Levantamento Sistemático da Produção Agrícola, a pesquisa do IBGE também aponta que a estimativa de área destinada ao plantio de grãos na Região Nordeste será +4,3% superior à safra passada, chegando a cultivar 9,2 milhões de hectares, em 2023. O destaque na área plantada fica para as culturas de soja e milho, que representam cerca de 43,8% e 33,2% da área plantada destinada ao cultivo de grãos na Região, em 2023.

Em relação à safra do ano anterior, soja (+6,9%) e milho (+3,0%) alcançaram os maiores crescimentos em área plantada; amendoim (+1,6%), algodão (+1,1%) e arroz (+0,8%) também aumentaram a área destinada ao plantio em 2023, de maneira geral, devido às boas condições climáticas nas áreas produtoras.

Gráfico 1 – Produção de grãos (mil toneladas) e variação (%) - Brasil e Regiões - 2022 e 2023



Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do IBGE (2023).

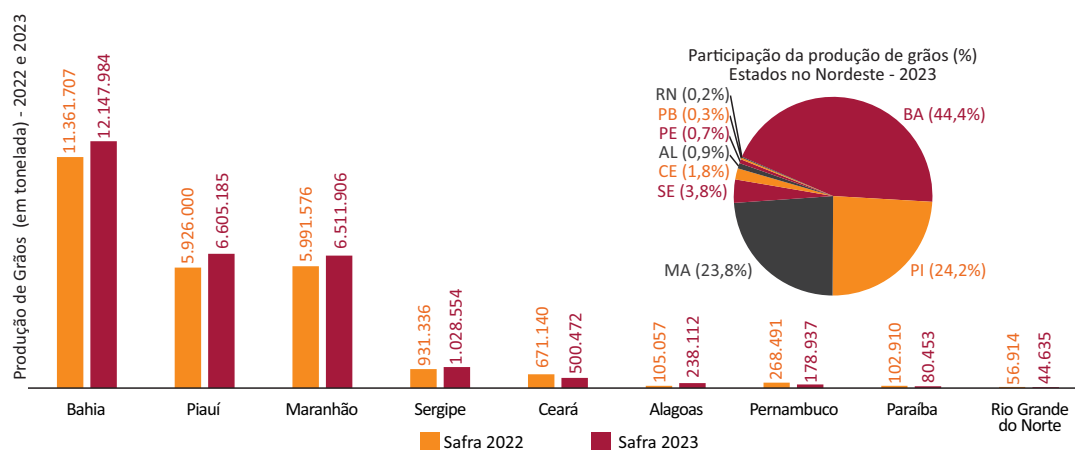
Quanto aos estados da Região Nordeste, cinco apresentam ganhos na produção de grãos na Safra 2023. Em relação ao período anterior, os destaques das variações na produção de grãos ocorrem nos estados na Bahia (+786,2 mil t), Piauí (+679,1 mil t) e Maranhão (+520,3 mil t). Também agregaram no incremento na produção regional de grãos: Alagoas (+133,0 mil t) e Sergipe (+97,2 mil t), vide Gráfico 2.

Quanto ao crescimento na produção de grãos frente à safra passada, Alagoas deverá apresentar maior progresso, aumento em +126,7%, frente à Safra passada, seguido por Piauí (+11,6%), Sergipe (+10,4%) e Maranhão (+8,7%), crescimentos na produção de grãos superiores à média regional (+7,6%). Salienta-se que as estimativas irão se adequando à medida que novas informações de área plantada vão sendo registradas nos próximos levantamentos agrícolas.

Dentre os grandes produtores de grãos do Nordeste, Bahia lidera como o maior produtor regional de grãos, com participação de 44,4%, na safra de 2023. Na sequência, Piauí (24,2%) e Maranhão (23,8%), que, somados os três estados representam cerca de 92,4% do total da produção regional de grãos, conforme dados do Gráfico 2.

Entre os principais cultivos de grãos na Região, destacam-se na Safra 2023 as produções de soja (14,8 milhões de toneladas) e milho (10,2 milhões de toneladas). As duas culturas representam cerca de 91,5% do total produzido de grãos no Nordeste, além de responderem por 77,0% da área plantada, sendo 33,2% da área destinada de grãos ao plantio de milho e 43,8% para o plantio de soja, de acordo com informações do IBGE.

Gráfico 2 – Estados do Nordeste: Participação¹ (%) e Produção de grãos (toneladas) - 2022 e 2023



Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do IBGE (2023).

Nota (1): Participação dos estados do Nordeste em relação a esta Região.

Considerando os principais produtos agrícolas, os resultados para a Safra de 2023 são bastante promissores. No País, destacam-se em crescimento da produção as culturas da cana-de-açúcar (+11,8%), uva (+11,8%), café (+6,9%), fumo (+4,3%), mandioca (+2,6%), tomate (+1,6%), batata-inglesa (+1,4%) e banana (+0,1%). No entanto, castanha-de-caju (-14,6%), laranja (-7,2%) e cacau (-2,2%) devem fechar o ano de 2023 com quebra de safra, conforme dados da Tabela 2.

Quanto à produção de grãos no País, os resultados para a Safra 2023 foram bastante promissores. Destacam-se em crescimento as produções de sorgo (+43,3%), soja (+26,5%), milho (+19,6%), algodão (+12,3%) e trigo (+4,8%), conforme dados da Tabela 2. Enquanto, as produções de mamona (-13,7%), arroz (-5,1%), amendoim (-4,1%) e feijão (-2,7%), apresentaram declínio, diante do ajuste da redução de área de plantio na safra de 2023.

No Nordeste, se sobressaem os crescimentos da produção das culturas do algodão (+26,5%), milho (+8,5%), soja (+7,2%), tomate (+6,3%), cana-de-açúcar (+6,0%), uva (+2,1%) e arroz (+2,0%), Tabela 2.

O crescimento da produção de milho de +8,5% na Região em 2023, acréscimo de 803,7 mil toneladas, será promovido, em grande medida, pela ampliação da produção no Piauí, cujo incremento será de 319,5 mil toneladas de milho, ou seja, crescimento de 12,3% frente à safra passada. Na sequência, Bahia (+254,1 mil toneladas, +8,9%), Maranhão (+249,3 mil toneladas, +11,2%), Alagoas (+118,4 mil toneladas, +202,9%) e Sergipe (+99,7 mil toneladas, +11,2%).

Na Região, cerca de 83,9% da produção de milho concentra-se na Bahia (30,3%), Piauí (28,5%) e Maranhão (24,3%), estados que fazem parte da fronteira agrícola MATOPIBA. As estimativas são influenciadas pelos principais indicadores de mercado, como os preços da commodity, além do crescimento da área plantada e ganho de produtividade, que são fatores decisivos no aumento da produção, aliados às boas condições climáticas.

A soja, o principal produto cultivado no Nordeste, deverá crescer 7,2% frente à safra passada, aumento de 988,4 mil toneladas. As estimativas dos aumentos na produção de soja no Piauí (+11,9%, acréscimo de +367,2 mil t), Bahia (+4,5%, aumento em +325,2 mil t) e Maranhão (+8,2%, variação de +282,6 mil t) são reflexos do crescimento da área plantada e ganho de produtividade, impulsionados pelas cotações da soja.

Especificamente, nos perímetros produtivos localizados nos cerrados da Bahia, Maranhão e Piauí, a soja deverá participar com 99,8% da produção total de soja da Região. Na Bahia, a participação da soja

alcançará 51,2% da produção regional de soja em 2023; No Maranhão e Piauí, a participação será de 25,3% e 23,3% da soja produzida no Nordeste, nesta ordem.

Quanto aos demais produtos agrícolas na Região Nordeste, em 2023, tomate (+6,3%), cana-de-açúcar (+6,0%), uva (+2,1%) e fumo (+0,1%) apresentaram crescimento em suas respectivas produções, frente à safra anterior. Enquanto, registrou quebra de safra nos cultivos de castanha -de-caju (-14,6%), cacau (-9,5%), laranja (-8,3%), batata-inglesa (-6,3%), mandioca (-2,2%), café (-2,0%) e banana (-0,5%).

Tabela 2 – Principais produtos da Safra no Brasil e Nordeste (Em mil toneladas) - 2022 e 2023

Produto das lavouras	Brasil			Nordeste			Part. (%) NE / BR 2022
	Safra 2022	Safra 2023	Var. (%)	Safra 2022	Safra 2023	Var. (%)	
Cereais, leguminosas ¹ ...	263.154.606	318.097.619	20,9	25.415.131	27.336.238	7,6	8,6
Algodão	6.740.437	7.569.546	12,3	1.531.646	1.937.805	26,5	25,6
Amendoim	846.683	811.899	-4,1	11.900	11.157	-6,2	1,4
Arroz	10.658.247	10.111.086	-5,1	337.289	344.032	2,0	3,4
Feijão	3.078.792	2.994.590	-2,7	611.415	527.165	-13,8	17,6
Mamona	38.920	33.593	-13,7	38.920	33.305	-14,4	99,1
Milho	110.166.209	131.748.405	19,6	9.405.729	10.209.501	8,5	7,7
Soja	119.523.533	151.216.632	26,5	13.801.265	14.789.748	7,2	9,8
Sorgo	2.850.368	4.084.965	43,3	238.975	204.157	-14,6	5,0
Trigo	10.042.331	10.521.792	4,8	35.334	35.112	-0,6	0,3
Banana	7.065.752	7.067.260	0,0	2.485.298	2.473.555	-0,5	35,0
Batata-inglesa	4.027.306	4.083.312	1,4	354.000	331.764	-6,3	8,1
Cacau	290.118	283.666	-2,2	126.050	114.045	-9,5	40,2
Café	3.139.627	3.356.187	6,9	234.439	229.764	-2,0	6,8
Cana-de-açúcar	625.679.400	700.425.597	11,9	52.129.055	55.263.305	6,0	7,9
Castanha-de-caju	147.174	125.707	-14,6	146.320	124.892	-14,6	99,4
Fumo	665.412	694.093	4,3	23.369	23.375	0,0	3,4
Laranja	16.722.488	15.516.754	-7,2	1.251.948	1.148.212	-8,3	7,4
Mandioca	18.200.277	18.670.040	2,6	4.207.668	4.117.106	-2,2	22,1
Tomate	3.856.430	3.917.767	1,6	434.598	462.156	6,3	11,8
Uva	1.502.371	1.680.390	11,8	462.743	472.241	2,1	28,1

Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do IBGE (2023).

Nota: (1) Estão incluídos algodão herbáceo, amendoim, arroz, aveia, centeio, cevada, feijão, mamona, milho, soja, girassol, sorgo, trigo e triticale.

2.2 Pecuária

Para 2023, as projeções para o setor agropecuário, já com expectativas bastante positivas, seguem com tendência de crescimento no terceiro trimestre, com valores recordes. A estimativa de crescimento para a Pecuária no País foi influenciada principalmente pela produção de bovinos, frangos e leite, com peso significativo no Valor Bruto da Produção, segundo informações do Ministério da Agricultura e Pecuária (2023).

O cenário interno positivo tem contribuído para que o País continue como um dos principais produtores do setor no mercado internacional. Tanto os alimentos quanto os insumos agrícolas empreendem progressivamente como instrumentos geopolíticos de poder nas relações entre os países. Nessa conjunção, após a instabilidade geopolítica internacional gerada pelo conflito entre Rússia e Ucrânia no início de 2022, os mercados voltaram a equilibrar. No mercado brasileiro, os insumos agropecuários e alguns dos principais itens da produção da pecuária sinalizaram recuperação em seus volumes tanto no País, quanto na Região Nordeste.

No entanto, a conjuntura do setor da pecuária nacional vem sendo impulsionada diante de fatores externos. A estimativa de crescimento das demandas nacional e externa pela carne bovina brasileira se

dá tanto na via da queda da oferta de carne bovina dos concorrentes, como Argentina e Uruguai, quanto pela expectativa de aumento de consumo da carne bovina pela China. Assim, concomitantemente, como a carne bovina e de frango são bens substitutos, o aumento das exportações da carne bovina poderá também pressionar a produção da carne de frango no País.

As atividades pesquisadas são do IBGE em seus levantamentos da Pesquisa Trimestral do Abate de Animais, Pesquisa Trimestral do Leite e Pesquisa Trimestral da Produção de Ovos de Galinha.

Bovinos

No País, a quantidade de bovinos abatidos cresceu 12,2%, frente ao 3º trimestre de 2022, conforme dados da Tabela 1 (IBGE). Para este período, o aumento na quantidade de bovinos abatidos foi induzido principalmente pela aquecida demanda internacional pela carne brasileira, que elevou os investimentos.

Segundo a Secretaria de Comércio Exterior, com 4,12 milhões de toneladas exportadas, o volume das exportações de carne bovina *in natura* bateu recorde no acumulado de 2023, e chega como o segundo maior da história, ficando atrás apenas ao registrado no primeiro semestre de 2022.

Em contraponto à tendência de alta do volume exportado, o valor pago pela carne nacional vem caindo. Em setembro de 2023, a cotação foi de US\$ 4.329 por tonelada contra os US\$ 5.670 a tonelada registrada no mesmo período do ano passado (SECEX/ME).

Tabela 3 – Número de animais abatidos e peso das carcaças de bovinos, suínos e frangos e produção de ovos de galinha - Brasil - 2022 e 2023

Abate de Animais, Aquisição de Leite, Aquisição de Couro Cru e Produção de Ovos de Galinha	3º trimestre de 2022			3º trimestre de 2023			Variação (%) 3º trimestre 2023 / 2022	
	Brasil	Nordeste	% NE/Br	Brasil	Nordeste	% NE/Br	Brasil	Nordeste
Número de animais abatidos (Mil cabeças ou carcaças)								
Bovinos	7.963.127	663.919	8,3	8.934.785	728.987	8,2	12,2	9,8
Suínos	14.535.426	166.902	1,1	14.615.195	162.245	1,1	0,5	-2,8
Frangos	1.531.236.022	60.677.381	4,0	1.580.549.170	58.159.630	3,7	3,2	-4,1
Peso das carcaças (Toneladas)								
Bovinos	2.164.840	174.247	8,0	2.380.371	191.500	8,0	10,0	9,9
Suínos	1.340.310	13.716	1,0	1.373.343	13.067	1,0	2,5	-4,7
Frangos	3.201.600	133.304	4,2	3.315.512	126.190	3,8	3,6	-5,3
Leite (Mil litros)								
Adquirido	6.148.420	447.603	7,3	6.231.393	492.872	7,9	1,3	10,1
Industrializado	6.095.774	445.742	7,3	6.222.039	492.680	7,9	2,1	10,5
Ovos (Mil dúzias)								
Produção	1.036.531	176.643	17,0	1.060.798	182.278	17,2	2,3	3,2

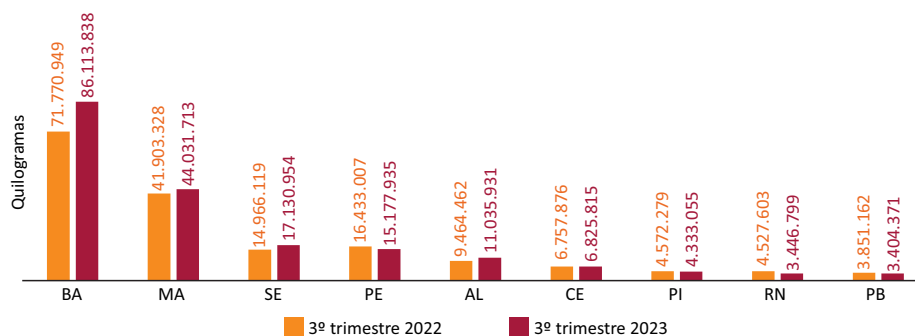
Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do IBGE (2023). Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Agropecuária, Pesquisa Trimestral do Abate de Animais, Pesquisa Trimestral do Leite, Pesquisa Trimestral do Couro e Produção de Ovos de Galinha.

A Região Nordeste, que representa 8,2% do quantitativo de bovinos abatidos no País, registrou considerável crescimento de +9,8%, em comparação ao 3º trimestre de 2022. Nesse período, Bahia (+20,0%) e Alagoas (+16,6%) registraram os maiores crescimentos no quantitativo de bovinos abatidos; Sergipe (+14,5%), Maranhão (+5,1%) e Ceará (+1,0%) também registraram crescimento do quantitativo de bovinos abatidos. Enquanto, em termos de representatividade do quantitativo de bovinos abatidos, os estados da Bahia (45,0%), Maranhão (23,0%) e Sergipe (8,9%) estão entre os maiores abatedores de bovinos na Região.

Para as cotações da carne bovina, no mercado interno, os preços médios praticados no fim do primeiro semestre de 2023 foi de retração nas cotações. Mesmo com o aquecimento da demanda doméstica, a alta oferta de animais para o abate impulsionou os preços da arroba para baixo, assim, mantendo os preços internos em forte queda neste período.

No cenário internacional, a expectativa é de desaceleração dos preços, com tendência de alta das exportações de carne bovina *in natura*, desde o fim do embargo dos países asiáticos. O suporte veio sobretudo da retomada dos envios de carne à China a partir de março de 2023, que gerou expectativas positivas entre os agentes do setor nacional (Conab,2023). A China é o principal comprador da carne bovina *in natura*, participando, em média, com 57,0% das exportações brasileiras de carne bovina.

Gráfico 3 – Peso das carcaças de bovinos - Estados do Nordeste - 3º trimestre de 2023 e 2022



Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do IBGE (2023). Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Agropecuária, Pesquisa Trimestral do Abate de Animais, Pesquisa Trimestral do Leite, Pesquisa Trimestral da Produção de Ovos de Galinha.

Suíños

No País (+0,5%), o quantitativo de suínos abatidos se apresentou estável nos comparativos entre o terceiro trimestre de 2023 e 2022. Como as exportações de carne suína acumularam alta (+9,6%), apesar da oferta elevada, houve pressão na demanda por carne suína no mercado interno. Desta forma, os preços da carne suína sofreram leve valorização no fim do terceiro trimestre de 2023. No mercado atacadista, registrou leve retração de 0,1% em setembro de 2023, frente à registrada no mês anterior.

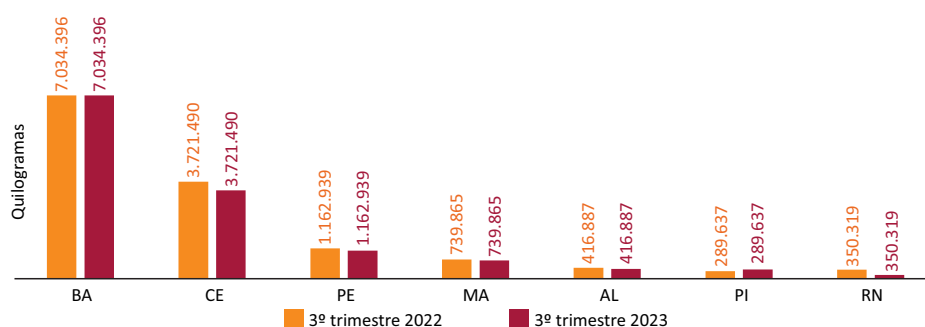
Quanto às exportações de carne suína brasileira, em setembro, somou 112,8 mil toneladas, maior registro no mês em 2023. A quantidade escoada é superior ao registrado no mesmo período do ano anterior, quando foram registradas 102,7 mil toneladas. Desta forma, a receita gerada pelas exportações alcançou US\$ 244,7 milhões, valor maior em 0,2% ao contabilizado em setembro de 2022, com US\$ 244,3 milhões, segundo dados da Secretária de Comércio Exterior (Secex).

No acumulado de janeiro a setembro de 2023, foram escoadas 920,1 mil toneladas da carne, aumento de 11,4% frente ao registrado no mesmo período de 2022 (825,6 mil toneladas exportadas). Desta forma, a carne suína gerou uma receita de US\$ 2,160 bilhões no acumulado de 2023, contra US\$ 1,851 bilhão do mesmo período em 2022.

Para o Nordeste (-2,8%), houve decréscimo do quantitativo de suínos abatidos, no acumulado de 2023. Este fato deriva principalmente pela valorização no mercado interno, os valores da proteína ficaram acima dos registrados em setembro de 2022. Agregado a este fator, tem a queda dos preços da carne bovina, que é um substituído do consumo de carne suína, assim, contribuindo para redução da demanda por carne suína, e conseqüentemente, de seu preço.

Neste período, entre os produtores dos abates suínos na Região, Bahia desponta como maior produtor de carne suína (peso regional de 53,8%), em seguida, Ceará, segundo maior produtor (peso regional de 25,9%) e em terceiro, Pernambuco, com participação de 8,2%.

Gráfico 4 – Peso das carcaças de suínos - Estados do Nordeste - 3º trimestre de 2023 e 2022



Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do IBGE (2023). Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Agropecuária, Pesquisa Trimestral do Abate de Animais, Pesquisa Trimestral do Leite, Pesquisa Trimestral da Produção de Ovos de Galinha.

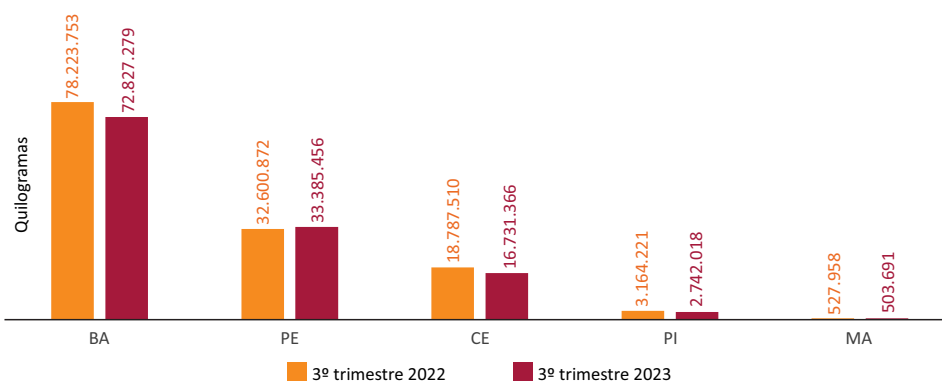
Frangos

No 3º trimestre de 2023, o total de frangos abatidos no País correspondeu a 3,3 milhões de toneladas, crescimento de 3,6%, comparado ao mesmo período do ano anterior. Este fato se deve às exportações de carne de frango, que foram *Record* no acumulado de 2023, que totalizaram 4,68 milhões de toneladas (*in natura* e processados), alta de 5,6% ante ao mesmo período do ano anterior, ano de 2022 (Secex/ME). Assim, o Brasil passou a responder por quase 35% das vendas mundiais da carne de frango (USDA). Esse cenário foi fortemente impulsionado pela alta nos preços internacionais e o crescimento das vendas para a China (segue como principal destino), Japão e Emirados Árabes Unidos e também pela ausência de gripe aviária.

Para o Nordeste, o cenário apresentou contração no abate de frangos para o 3º trimestre de 2023, decréscimo no total do peso das carcaças de frango de -5,3% frente ao mesmo período do ano anterior. O quantitativo do peso das carcaças de frango abatido chegou em 126,1 mil toneladas, resultado fortemente determinado pelo crescimento do abate de frangos em Pernambuco. Em Pernambuco, o crescimento do abate de frango foi de +2,4% frente ao 3º trimestre de 2022, chegando a produzir 33,3 mil toneladas de frango no 3º trimestre de 2023, além de permanecer como o segundo maior produtor de carne de frango da Região, produzindo cerca de 26,5% do total do abate de frango no Nordeste, ficando atrás apenas da Bahia, que detém cerca de 57,7% da produção de carne de frango da Região.

Quanto aos preços do frango, no mercado interno, com oferta ajustada, os preços médios da carne de frango elevaram no fim do trimestre de 2023. Além da redução dos preços das carnes bovina, o baixo ritmo de vendas da carne de frango foi sobretudo pela oferta elevada de aves no mercado interno, pressionando assim, os preços dos produtos do setor no fim do terceiro trimestre de 2023 (Cepea/Esalq).

Gráfico 5 – Peso das carcaças de frangos- Estados do Nordeste - 3º trimestre de 2023 e 2022



Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do IBGE (2023). Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Agropecuária, Pesquisa Trimestral do Abate de Animais, Pesquisa Trimestral do Leite, Pesquisa Trimestral da Produção de Ovos de Galinha.

Produção de Leite

Quanto à produção de leite no País, verificou-se ampliação da aquisição tanto para o leite cru (+1,3%) quanto para o industrializado (+2,1%), frente ao 3º trimestre de 2022. Mesmo diante das ocorrências de climáticas na Região Sul e do inverno seco do Sudeste e Centro-Oeste, a aquisição nacional de leite foi impactada positivamente, sobretudo devido à melhoria nos custos de produção, que na média, a captação industrial cresceu, no contexto nacional.

No Nordeste, que representa 7,9% da produção nacional, foram captados cerca de 492,8 milhões de litros de leite no 3º trimestre de 2023. Comparativamente ao mesmo trimestre de 2022, o acréscimo foi de 45,2 milhões de litros de leite na Região, ou seja, incremento de 10,1% no período em análise.

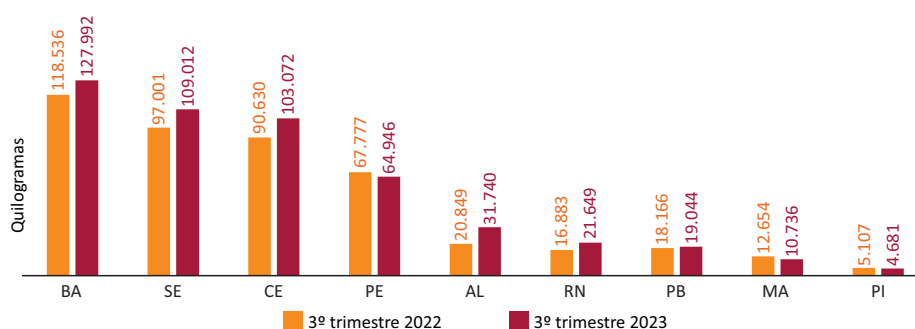
No comparativo do 3º trimestre de 2023 ante ao mesmo trimestre de 2022, seis Unidades Federativas apresentaram variação positiva na produção de leite cru nesse período; os mais relevantes ocorreram no Ceará (+12,4 milhões de litros), Sergipe (+12,0 milhões de litros), Alagoas (+10,9 milhões de litros), Bahia (+9,4 milhões de litros) e Rio Grande do Norte (+4,7 milhões de litros).

Neste período, as variações relativas mais relevantes ocorreram em Alagoas, cujo crescimento foi 52,2% frente ao 3º trimestre de 2022; na sequência, Rio Grande do Norte (+28,2%), Ceará (+13,7%), Sergipe (+12,4%), Bahia (8,0%) e Paraíba (+4,8%).

Bahia lidera no ranking da captação de leite cru regional, com participação de 26,0% do total regional. Em seguida, Sergipe (22,1%), Ceará (20,9%) e Pernambuco (13,2%) entre os maiores produtores de leite na Região.

Quanto aos preços, segundo Cepea/Esalq, as expectativas para os preços do leite são de queda no último trimestre de 2023, levando em consideração a diminuição dos custos de produção, tanto na alimentação dos animais, quanto da energia elétrica e combustíveis. De acordo com informações do Cepea/Esalq, o preço do leite cru captado por laticínios em setembro chegou a R\$ 1,96/litro na “Média Brasil” líquida, registrando quarta queda consecutiva. Essa desvalorização é a combinação da demanda interna por leite enfraquecida e aumento das importações devido a entressafra em algumas regiões produtoras. Dento da porteira, verificou-se de forma sistêmica redução dos custos de produção ao longo da cadeia produtiva, que, de certa forma, vem incentivando investimentos na produção de leite nacional, que tem feito a oferta se recuperar, mesmo em períodos de entressafra.

Gráfico 6 – Produção de leite - Estados do Nordeste - 3º trimestre de 2023 e 2022



Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do IBGE (2023). Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Agropecuária, Pesquisa Trimestral do Abate de Animais, Pesquisa Trimestral do Leite, Pesquisa Trimestral da Produção de Ovos de Galinha.

Produção de Ovos

A produção de ovos de galinha no País foi de 1,06 bilhão de dúzias, no 3º trimestre de 2023. No Nordeste, a produção chegou em 182,2 milhões de dúzias de ovos, crescimento de +3,2% ante ao 3º trimestre do ano anterior, valor superior à média nacional, que foi de +2,3%, no período em análise.

As expectativas para produção de ovos são otimistas, pois o poder de compra de avicultores permanece em alta devido principalmente à valorização das cotações dos ovos somado à queda dos preços do farelo de soja e à estabilidade dos preços do milho, que são os principais insumos consumidos na avicultura (Cepea/Esalq).

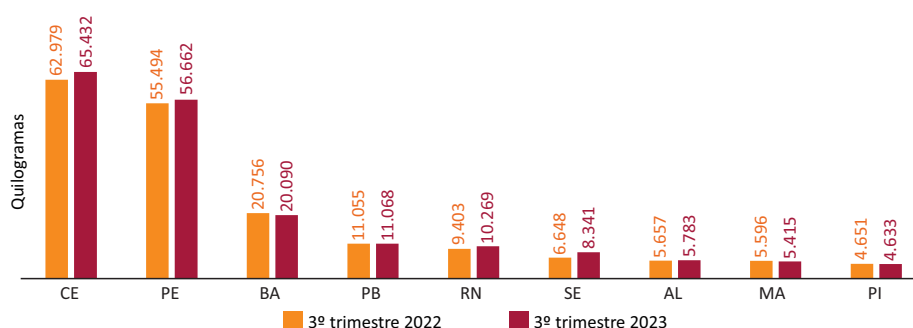
Na Região, embora o setor continue sendo impactado pela alta dos custos de produção, a demanda regional por ovos de galinha segue aquecida. Esse fato é devido ao preço acessível do ovo frente a outras proteínas.

Entre os Estados, Ceará (+2,4 milhões de dúzias de ovos), Sergipe (+1,6 milhões de dúzias de ovos) e Pernambuco (+1,1 milhões de dúzias de ovos) apresentaram significativos acréscimos na produção de ovos de galinha, em relação ao 3º trimestre de 2022.

Em termos de crescimento relativo, Sergipe, Rio Grande do Norte e Ceará apresentaram os maiores crescimentos no período, +25,5, +9,2% e +3,9%, nesta ordem, frente ao 3º trimestre de 2022.

Mesmo nesse ritmo, Ceará e Pernambuco continuam como os maiores produtores de ovos no mercado regional. Nesse terceiro trimestre de 2023, Ceará e Pernambuco chegaram a participar de 67,0 % da produção de ovos do Nordeste. O Ceará produziu cerca de 65,4 mil dúzias de ovos, cerca de 35,9% da produção regional, enquanto Pernambuco chegou a produzir 56,6 mil dúzias de ovos, atingindo 31,1% da produção total de ovos.

Gráfico 7 – Produção de ovos de galinha - Estados do Nordeste - 3º trimestre de 2023 e 2022



Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do IBGE (2023). Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Agropecuária, Pesquisa Trimestral do Abate de Animais, Pesquisa Trimestral do Leite, Pesquisa Trimestral da Produção de Ovos de Galinha.

Referências

IBGE. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Agropecuária. Estatística da Produção Pecuária: primeiros resultados, jul-set. 2023. Disponível em:

<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/2380/epp_2023_3tri.pdf>. Acesso em: 07 dez. 2023.

IBGE. Indicadores IBGE. Levantamento Sistemático da Produção Agrícola: setembro 2023. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/2415/epag_2023_set.pdf> Acesso em: 11 out. 2023.

3 Atividade Industrial

Atividade Industrial Brasil

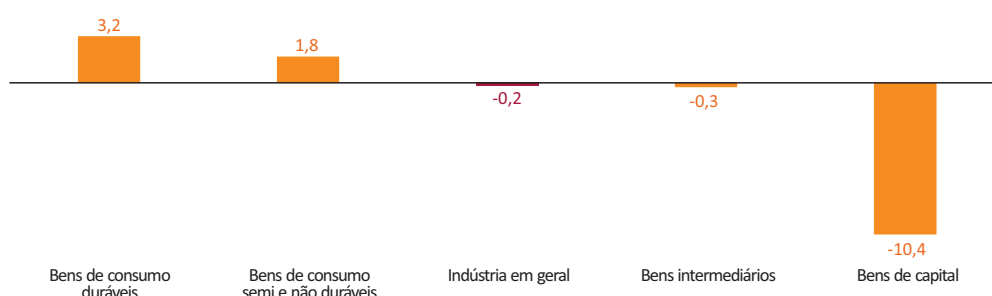
A produção industrial do País ficou praticamente estável (0,1%) em setembro de 2023, frente ao mês anterior, após o registro de 0,2% ocorrido em agosto. Conforme ressalta o IBGE (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2023e), o segundo mês seguido de dados positivos não altera o comportamento de menor dinamismo que tem caracterizado a indústria, que se mantém muito aquém do que precisa para recuperar as perdas do passado recente.

O setor reduziu sua defasagem produtiva na passagem de agosto para setembro, de 1,8% para 1,6% abaixo do patamar pré-pandemia de fevereiro de 2020, mas ainda se encontra 18,1% abaixo do nível recorde alcançado em maio de 2011.

Em relação a iguais períodos de 2022, a atividade da indústria, em 2023, registrou: 0,6% em setembro, 0,0% no terceiro trimestre, -0,2% no acumulado do ano e 0,0% na taxa anualizada, encerrada em setembro. Os dados são do IBGE (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2023a).

Levando em conta as 4 grandes categorias econômicas (Gráfico 1), percebe-se que o recuo no acumulado de janeiro a setembro (-0,2%) foi puxado principalmente pela forte retração em bens de capital (-10,4%), mas os bens intermediários, responsáveis por quase 45% da indústria de transformação nacional, também fecharam no negativo (-0,3%). Houve resultado positivo em duas categorias: bens de consumo duráveis (3,2%) e bens de consumo semi e não duráveis (1,8%).

Gráfico 1 – Taxa de crescimento da produção industrial, por grandes categorias econômicas (%) – Brasil – Acumulado de janeiro a setembro de 2023 (Base: igual período do ano anterior)

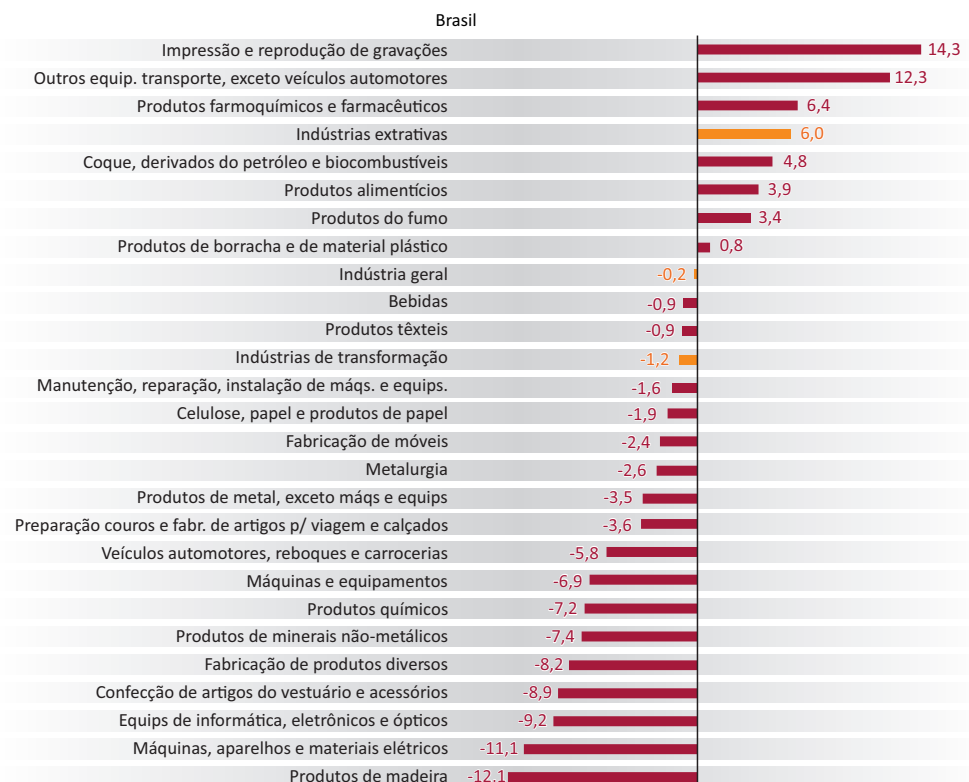


Fonte: Elaborado pelo BNB/Etene, com dados do IBGE (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2023b).

A forte retração no setor de bens de capital (-10,4%) é fator de preocupação especial, tendo em vista se referir à produção potencial da indústria, seja em termos quantitativos, seja em termos de modernização da estrutura produtiva nacional. Conforme destaque do IEDI (INSTITUTO DE ESTUDOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL, 2023) sobre a pesquisa “Idade e Ciclo de Vida das Máquinas e Equipamentos no Brasil”, da CNI (CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA, 2023c), a idade média dos equipamentos da indústria é alta e mais de um terço deles estão obsoletos, em parte adquiridos antes do período pré-internet no Brasil e, grande parte, antes de 2016, quando os conceitos de indústria 4.0 começaram a ser mais difundidos. Este diagnóstico reforça a necessidade de construir um ambiente favorável ao investimento, o que inclui a redução dos juros, facilitação do acesso ao crédito e redução das taxas de inadimplência.

O comportamento por seções e atividades da indústria, para o acumulado do ano até setembro de 2023 (-0,2%), apontou para crescimento na indústria extrativa (6,0%), mas recuo na indústria de transformação (-1,2%). Nesta, dentre as 24 atividades pesquisadas, 17 registraram redução (Gráfico 2), com destaque para produtos químicos (-7,2%), veículos, reboques e carrocerias (-5,8%), máquinas e equipamentos (-6,9%), máquinas, aparelhos e materiais elétricos (-11,1%) e produtos de minerais não metálicos (-7,4%). Dentre os registros positivos, encontram-se: derivados do petróleo e biocombustíveis (4,8%), produtos alimentícios (3,9%), farmoquímicos e farmacêuticos (6,4%) e outros equipamentos de transporte (12,3%).

Gráfico 2 – Taxa de crescimento da produção industrial por seções e atividades (%) - Brasil – Acumulado de janeiro a setembro de 2023 (Base: igual período do ano anterior)



Fonte: Elaborado pelo BNB / Etene, com dados do IBGE (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2023c).

A Pesquisa Sondagem Industrial da CNI (CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA, 2023a) apontou que os principais problemas assinalados pelos empresários, referentes ao 3º trimestre deste ano, foram: demanda interna insuficiente, elevadas cargas tributárias e taxas de juros, mesmo “Top 3” apontado no trimestre anterior. Adicionalmente, identificou que, em setembro, houve queda no emprego industrial pelo 12º mês seguido. Ou seja, há um 1 ano a oferta de emprego na indústria vem diminuindo mês a mês. Enquanto a utilização da capacidade instalada (UCI) se manteve estável em 70%, na passagem de agosto para setembro, no mesmo patamar da média histórica dos meses de setembro da série (70%).

Referindo-se ao terceiro trimestre do ano, a condição financeira das indústrias foi avaliada a partir de seus índices de análise. Os empresários consideraram o lucro operacional (45,3 pontos) como insatisfatório (abaixo da linha divisória dos 50 pontos), contudo, foi observada leve satisfação com a situação financeira das empresas (50,3 pontos). O índice que mensura acesso ao crédito (41,2 pontos) segue apontando para dificuldade em sua obtenção. Já o índice de evolução do preço de matérias-primas atingiu 52,6 pontos, indicando que houve aumento nesses preços. Este indicador que registrou queda no trimestre anterior pela primeira vez na série histórica, voltou a sinalizar aumento nos preços. Segundo a CNI (CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA, 2023a), na passagem do segundo para o terceiro trimestre, o indicador cruzou a linha divisória, ao avançar 3,1 pontos, mas mesmo com a alta, permanece 11 pontos abaixo da média histórica da série, de 63,6 pontos.

As expectativas para os próximos 6 meses permanecem em campo positivo, apesar da redução nos indicadores. Com dados captados em outubro de 2023, apenas o índice de expectativa de quantidade exportada se manteve relativamente estável, em 51,7 pontos. Todos os demais índices observaram recuo: demanda (54,5 pontos), compras de matérias-primas (52,4 pontos) e de número de empregados (50,7 pontos). A CNI (CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA, 2023a), pondera que estes índices estão abaixo da média histórica para o período, refletindo certa moderação do otimismo dos industriais.

Já a intenção de investimento permaneceu relativamente estável em outubro (54,5 pontos), comportamento observado desde o fim de 2022, mas o índice supera a média histórica de 51,6 pontos, o que indica que há intenção de investir na indústria acima do que é considerado como usual.

Atividade Industrial Nordeste

A atividade industrial do Nordeste recuou no mês de setembro frente a agosto de 2023 (-5,2%), mas também quando a base de comparação se referiu ao ano anterior (Tabela 1): -9,4%, em relação a setembro de 2022; -5,9% no terceiro trimestre do ano, -4,9%, no acumulado de janeiro a setembro, e -6,9%, na taxa anualizada até setembro de 2023. Os dados são da pesquisa industrial mensal do IBGE (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2023d).

Tabela 1 – Taxa de crescimento da produção industrial (%) – Brasil e Nordeste – Mês de referência: setembro de 2023

Locais	Setembro 2023/ Agosto 2023	Setembro 2023/ Setembro 2022	3º Tri de 2023/ 3º Tri de 2022	Acumulado Janeiro-Setembro	Acumulado nos Últimos 12 Meses
Brasil	0,1	0,6	0,0	-0,2	0,0
Nordeste	-5,2	-9,4	-5,9	-4,9	-6,9

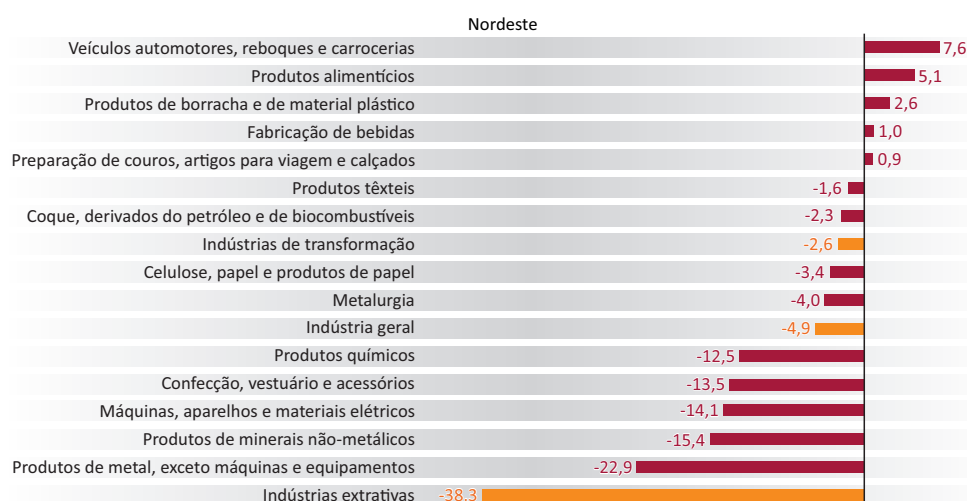
Fonte: Elaboração Etene/BNB, com dados do IBGE (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2023d).

Na passagem de agosto para setembro de 2023, a defasagem da produção industrial da Região se acentuou, passando de 20,6% para 24,9% a menos do que o produzido antes da pandemia. Na esfera nacional mais próximo de recuperar perdas, o nível de defasagem vem oscilando, mas melhorou entre agosto e setembro, passando de 1,8% para 1,6% aquém da produção de fevereiro de 2020.

A retração na atividade industrial do Nordeste, no acumulado dos nove primeiros meses do ano (-4,9%), se configurou na terceira mais intensa do País (à frente apenas do Rio Grande do Sul, -5,1%, e Ceará, -7,6%). Na Região, o setor apresenta 12 meses seguidos de taxas negativas na comparação mensal interanual, desde outubro de 2022 (-10,8%), ou seja, não cresce há 1 ano.

Dentre as seções e atividades regionais, chama atenção a redução na indústria extrativa, no acumulado do ano (-38,3%), que registrou retração em todos os estados do Nordeste divulgados pela pesquisa. Houve recuo também na indústria de transformação (-2,6%), com taxas negativas em 9 de suas 14 atividades pesquisadas, com destaque para produtos químicos (-12,5%), minerais não metálicos (-15,4%), produtos de metal (-22,9%). Entre as atividades que cresceram no período estão: alimentos (5,1%) e veículos, reboques e carrocerias (7,6%).

Gráfico 3 – Taxa de crescimento da produção industrial, por seções e atividades (%) – Nordeste – Acumulado janeiro-setembro de 2023 (Base: igual período do ano anterior)



Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do IBGE (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2023c).

No entanto, pesquisa da CNI (CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA, 2023b), traz resultados menos desanimadores na análise de outros dados relativos à indústria. Após subir 4 pontos percentuais (p.p.) em agosto, a utilização da capacidade instalada (UCI) da indústria do Nordeste avançou mais 3 p.p. em setembro de 2023, frente ao mês anterior (65%, 69% e 72%, na citada sequência mensal). Já o número de empregados do setor apontou crescimento pelo segundo mês consecutivo em setembro (51,7 pontos), aumentando a intensidade frente ao mês anterior. Desde outubro de 2022, este índice não se mostrava positivo, ou seja, o emprego vinha caindo de forma ininterrupta por 9 meses.

Em relação à situação financeira das empresas do Nordeste, no 3º trimestre de 2023 (53,0 pontos), o índice, acima dos 50 pontos, revela satisfação por parte dos empresários. Isto ocorre pelo segundo trimestre consecutivo, apesar da manifestação de insatisfação quanto ao lucro operacional (46,6 pontos), ao aumento no preço das matérias-primas (54,1 pontos), e à dificuldade de acesso ao crédito (45,2 pontos).

Outro aspecto positivo se refere ao otimismo observado em outubro, em todos os índices de expectativa (todos acima dos 50 pontos): demanda (56,3 pontos), exportação (56,8 pontos), compra de matérias primas (54,8 pontos) e emprego (52,4 pontos). Além disso, na passagem de setembro para outubro de 2023, houve crescimento e ganho de intensidade no índice de expectativa de investimento para os próximos 6 meses, de 59,2 para 60,0 pontos.

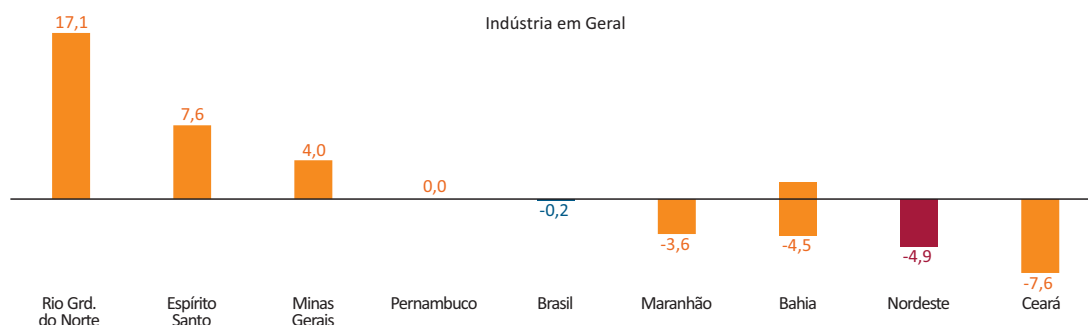
Conforme avaliação da FIEB (FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DA BAHIA, 2023), os resultados da produção industrial, seja em nível nacional seja regional, estão revelando uma desaceleração preocupante na indústria, que enfrenta dificuldades competitivas, sistema tributário complexo, os efeitos dos juros altos e consequente restrição no crédito que penalizam o desempenho do setor. Ressalta a necessidade de reformas estruturais e a implementação de políticas que combatam o processo de desindustrialização, compreendendo que sem fortalecer a produção local, é difícil melhorar significativamente as perspectivas da economia brasileira.

Atividade Industrial nos Estados da área de atuação do BNB

Em abril deste ano, foram divulgados novos resultados na PIM Regional (Pesquisa Industrial Mensal, do IBGE), após mudanças metodológicas implementadas, em especial, na atualização da cesta de produtos, na estrutura de ponderação e na inclusão de três novos locais: Rio Grande do Norte, Maranhão e Mato Grosso do Sul. Assim, a indústria da Região Nordeste conta agora com dados de 5 Estados (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2023f).

Por seu turno, a indústria da área de atuação do BNB, que passou a ter disponibilidade de dados para 7 estados, registrou crescimento em 3 deles, na taxa acumulada de janeiro a setembro de 2023 (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2023d): Rio Grande do Norte (17,1%), Espírito Santo (7,6%) e Minas Gerais (4,0%). Conforme se observa no Gráfico 4, Pernambuco (0,0%) ficou na estabilidade. Apresentaram redução: Maranhão (-3,6%), Bahia (-4,5%) e Ceará (-7,6%), único, dentre estes, que recuou abaixo da média da Região Nordeste (-4,9%).

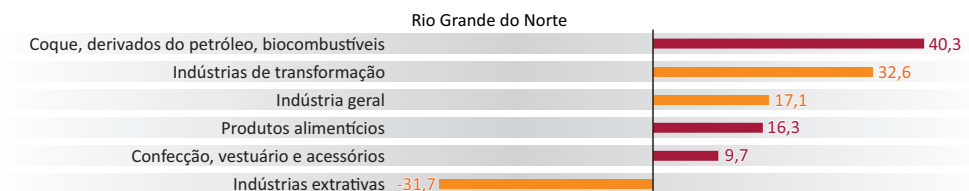
Gráfico 4 – Taxa de crescimento da produção industrial (%) – Nordeste e Estados da área de atuação do BNB – Acumulado de jan-set de 2023 (Base: igual período do ano anterior)



Fonte: Elaboração Etene/BNB, com dados do IBGE (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2023c).

A indústria do Rio Grande do Norte vem crescendo, praticamente, durante todo o ano, frente a iguais meses de 2022 (de fevereiro a setembro de 2023). Em setembro (40,2%), teve, pelo quarto mês consecutivo, o melhor desempenho nacional. Apresentou também a maior taxa de crescimento do País no acumulado de janeiro a setembro (17,1%). Conforme análise do IBGE, este grande avanço pode ser explicado pela baixa base de comparação, assim como pelo comportamento positivo da indústria de transformação (32,6%), onde todas as atividades registraram avanço (Gráfico 5): derivados do petróleo (40,3%), alimentos (16,3%) e confecções (9,7%). No entanto, teve acentuada perda na indústria extrativa (-31,7%).

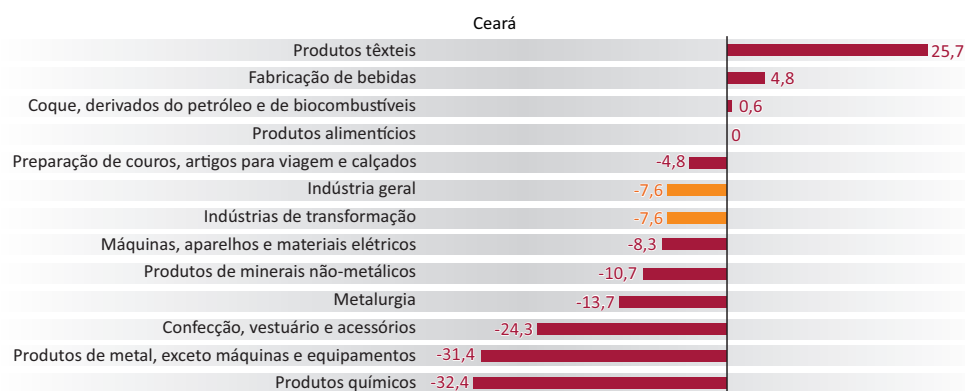
Gráfico 5 – Taxa de crescimento da produção industrial, por seções e atividades (%) – Rio Grande do Norte – Acumulado de jan-set de 2023 (Base: igual período do ano anterior)



Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do IBGE (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2023c).

Apresentando 6 meses seguidos de taxas negativas, a indústria do Ceará registrou a queda mais intensa do País no mês de setembro (-11,9%), como também no acumulado do ano (-7,6%), frente a iguais períodos de 2022. No acumulado dos 9 meses, avançou em apenas 3 das 11 atividades pesquisadas no Estado (Gráfico 6): têxteis (25,7%), bebidas (4,8%) e derivados do petróleo (0,6%), mas recuou em 7, dentre elas, metalurgia (-13,7%), confecção e acessórios (-24,3%) e minerais não metálicos (-10,7%). A produção de alimentos, manteve o mesmo patamar do ano anterior (0,0%).

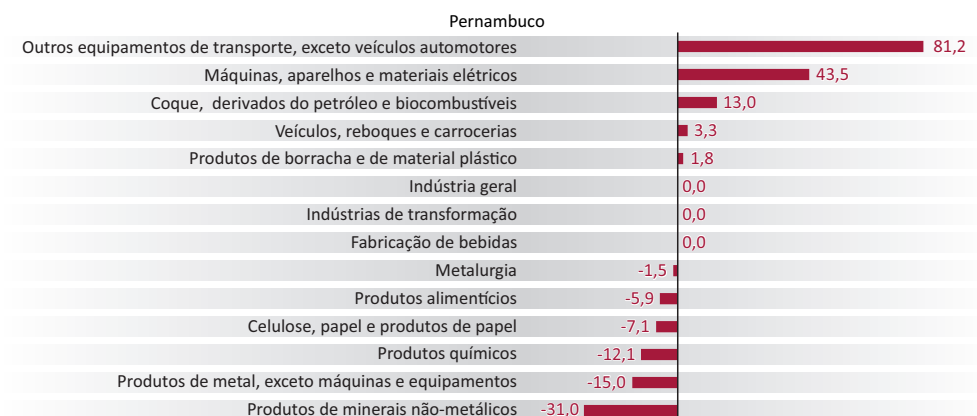
Gráfico 6 – Taxa de crescimento da produção industrial, por seções e atividades (%) – Ceará – Acumulado de jan-set de 2023 (Base: igual período do ano anterior)



Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do IBGE (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2023c).

Registrando recuo em setembro (-4,6%), após quatro meses seguidos de taxas positivas, na comparação com iguais meses de 2022, a indústria de Pernambuco manteve estabilidade no acumulado dos 9 primeiros meses do ano (0,0). Refletindo apenas a indústria de transformação (0,0%), destacaram-se (Gráfico 7), derivados do petróleo (13,0%) e veículos (3,3%). Dentre as 12 atividades, 6 reduziram a produção, como alimentos (-5,9%) e produtos químicos (-12,1%).

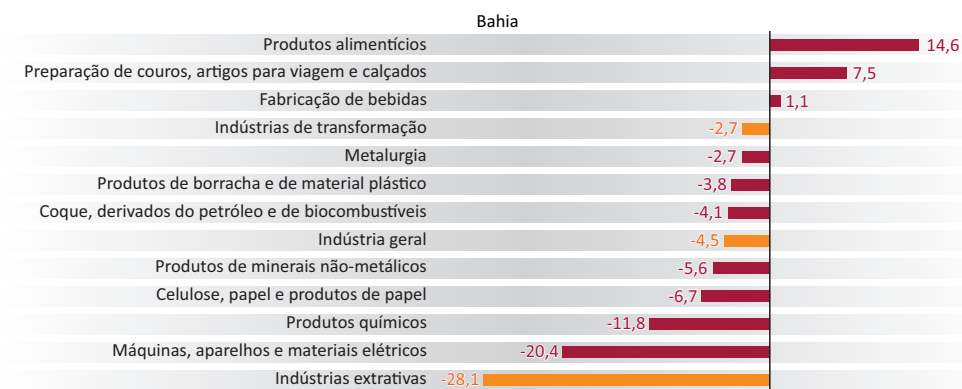
Gráfico 7 – Taxa de crescimento da produção industrial, por seções e atividades (%) – Pernambuco – Acumulado de jan-set de 2023 (Base: igual período do ano anterior)



Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do IBGE (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2023c).

A indústria da Bahia, com cinco meses seguidos de taxas negativas, apresenta a maior defasagem industrial do País; ao comparar o nível de produção atual com o anterior ao início da pandemia: em setembro de 2023, produziu 30,3% a menos do que em fevereiro de 2020. No acumulado de janeiro a setembro de 2023 (-4,5%), refletiu retrações tanto na indústria extrativa (-28,1%) quanto na de transformação (-2,7%). Nesta, apenas 3, de suas 10 atividades pesquisadas tiveram avanço (Gráfico 8): alimentos (14,6%), couro e calçados (7,5%) e bebidas (1,1%). Entre as que recuaram, estão: produtos químicos (-11,8%), celulose e papel (-6,7%) e derivados do petróleo (-4,1%).

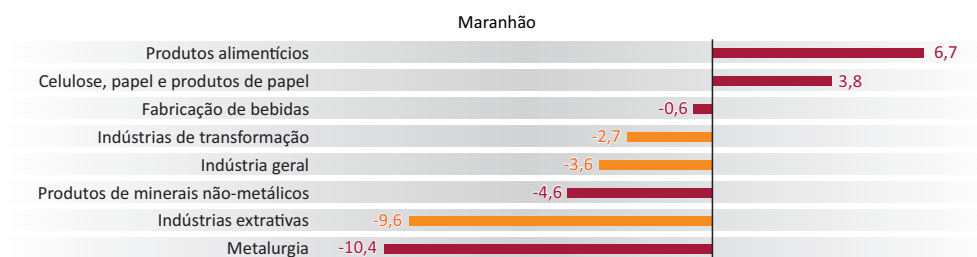
Gráfico 8 – Taxa de crescimento da produção industrial, por seções e atividades (%) – Bahia – Acumulado de jan-set de 2023 (Base: igual período do ano anterior)



Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do IBGE (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2023c).

A indústria do Maranhão que mostrou bom desempenho no 1º trimestre, registrou recuos acentuados em quase todos os meses seguintes (exceção em agosto, 0,9%), em relação a iguais meses de 2022. Em setembro, assinalou a quinta redução mais intensa do País (-5,4%). Por consequência (Gráfico 9), obteve resultado negativo no acumulado do ano (-3,6%), refletindo a forte retração na indústria extrativa (-9,6%), mas também na de transformação (-2,7%), puxada, em especial, pela metalurgia (-10,4%).

Gráfico 9 – Taxa de crescimento da produção industrial, por seções e atividades (%) – Maranhão – Acumulado de jan-set de 2023 (Base: igual período do ano anterior)



Fonte: Elaboração Etene/BNB, com dados do IBGE (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2023c).

Minas Gerais teve desempenho positivo em todos os meses do ano, mas veio perdendo força ao longo dos trimestres, 8,1% e 3,9% nos dois primeiros, respectivamente, e 0,9%, no 3º trimestre. No ano, até setembro (4,0%), acumulou crescimento tanto na indústria extrativa (6,7%) quanto na de transformação (3,0%). Nesta, houve avanço em 10 atividades dentre as 13 pesquisadas (Gráfico 10), com destaque para derivados do petróleo (9,5%) e veículos (7,8%). Já a indústria do Espírito Santo fez o comportamento inverso, acelerando crescimento ao longo dos trimestres (-2,7%, 3,8% e 23,7%, respectivamente). Este avanço, que proporcionou uma taxa de 7,6% no acumulado do ano até setembro, foi favorecido, contudo, pelo crescimento na indústria extrativa (17,3%), já que registrou retração acentuada na de transformação (-6,9%), com recuo em todas as atividades divulgadas pela pesquisa.

Gráfico 10 – Taxa de crescimento da produção industrial por seções e atividades (%) – Minas Gerais e Espírito Santo – acumulado de jan-set de 2023 (Base: igual período do ano anterior)



Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do IBGE (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2023c).

Referências

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA (CNI). Demanda interna insuficiente segue como principal problema relatado na indústria. **Sondagem Industrial**. Indicadores Econômicos CNI, Ano 26, Número 9, Setembro 2023. Disponível em: https://static.portaldaindustria.com.br/media/filer_public/6a/bb/6abbffdb-358c-4a85-9900-f5599df3ac4d/sondagemindustrial_setembro2023.pdf. Acesso em: 08.11.2023a.

_____. **Sondagem Industrial. Série Setembro/2023.** Disponível em: <https://www.portaldaindustria.com.br/estatisticas/sondagem-industrial/>. Acesso em: 16.11.2023b.

_____. Idade e Ciclo de Vida das Máquinas e Equipamentos no Brasil. **Sondagem Especial 88.** Brasília- DF, 2023. Disponível em: https://static.portaldaindustria.com.br/media/filer_public/88/c3/88c3a7d5-2902-41ef-8eec-ca7a309c7a5a/sondespecial_idadedasmaquinas_julho2023.pdf. Acesso em: 08.11.2023c.

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DA BAHIA (FIEB). Nota sobre os resultados da PIM-PF Regional. **Estudos Técnicos.** FIEB, outubro de 2023. Disponível em: <https://www.fieb.org.br/estudos-tecnicos/>. Acesso em: 16 de novembro de 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa Industrial Mensal - Produção Física Brasil** - PIM-PF - Set. 2023. IBGE, 01/11/2023. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/228/pim_pfbr_2023_set.pdf. Acesso em: 07.11.2023a.

_____. **Pesquisa Industrial Mensal - Produção Física Brasil. Tabela 8887** - Produção Física Industrial, por grandes categorias econômicas. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/8887>. Acesso em: 08.11.2023b.

_____. **Pesquisa Industrial Mensal - Produção Física. Tabela 8888** - Produção Física Industrial, por seções e atividades industriais. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/8888>. Acesso em: 08.11.2023c.

_____. **Pesquisa Industrial Mensal - Produção Física Regional** - PIM-PFR – setembro de 2023. IBGE, 08/11/2023. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/229/pim_pfr_2023_set.pdf. Acesso em: 08.11.2023d.

_____. Produção industrial nacional varia 0,1% em setembro e mantém tendência de estabilidade observada no ano. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38225-producao-industrial-nacional-varia-0-1-em-setembro-e-mantem-tendencia-de-estabilidade-observada-no-ano>. Acesso em: 07.11.2023e.

_____. Produção industrial avança em cinco dos 15 locais pesquisados em setembro frente a agosto. **Agência IBGE Notícias**, 08/11/2023. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38280-producao-industrial-avanca-em-cinco-dos-15-locais-pesquisados-em-setembro-frente-a-agosto>. Acesso em: 23.11.2023f.

INSTITUTO DE ESTUDOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL (IEDI). Cenário adverso leva setor de bens de capital à estagnação. **IEDI na Imprensa.** Disponível em: https://www.iedi.org.br/artigos/imprensa/2023/iedi_na_imprensa_20231006_cenario_adverso_leva_setor_de_bens_de_capital_a_estagnacao.html. Acesso em: 08.11.2023.

4 Setor de Serviços

O volume de serviços no Brasil registrou crescimento de 3,4% na comparação do acumulado de Janeiro a Setembro de 2023 com o mesmo período do ano anterior. O resultado foi divulgado pelo IBGE por meio da Pesquisa Mensal de Serviços.

O resultado foi influenciado pelo crescimento verificado em todos os grupos pesquisados, são eles: Serviços prestados às famílias (+4,6%), Serviços de informação e comunicação (+4,2%), Serviços profissionais, administrativos e complementares (+3,9%), Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio (+3,4%) com exceção de Outros serviços (-0,8%).

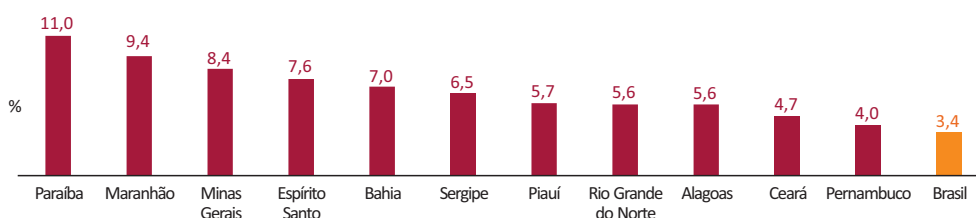
Em relação às subatividades, a maioria das atividades registrou variação nacional positiva, com exceção de Armazenagem, serviços auxiliares aos transportes e correio (-5,6%). No acumulado, destacam-se Transporte terrestre (+7,8%), seguido por Transporte aquaviário (+7,7%) e Serviços de tecnologia da informação (+6,7%).

Volume de Serviços no Nordeste

Na análise estadual, registrou-se crescimento acima da média nacional em todos os estados da área de atuação do Banco do Nordeste, a saber: Paraíba (+11%), Maranhão (+9,4%), Minas Gerais (+8,4%), Espírito Santo (+7,6%), Bahia (+7%), Sergipe (+6,5%), Piauí (+5,7%), Rio Grande do Norte (+5,6%), Alagoas (+5,6%), Ceará (+4,7%) e Pernambuco (+4,0%), conforme o Gráfico 1.

O IBGE analisa o desempenho das atividades apenas em cinco, dentre os onze estados pertencentes à área de atuação do BNB, onde os destaques positivos foram verificados nos Serviços de informação e comunicação na Bahia (+13,5%), em Minas Gerais (+12,9%) e Pernambuco (+9,3%). Em direção oposta, com destaques negativos, houve retração na atividade Outros serviços em Pernambuco (-10%) e em Minas Gerais (-10,2%).

Gráfico 1 – Variação (%) do volume de serviços – Brasil e Estados selecionados – Jan-Set 2023/mesmo período do ano anterior



Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do IBGE. Pesquisa Mensal de Serviços - Setembro 2023.

Tabela 1 – Variação (%) do volume de serviços, atividades e subatividades – Brasil e Estados selecionados¹

Atividades e Subatividades *	Brasil	Ceará	Pernam- buco	Bahia	Minas Gerais	Espírito Santo
Serviços prestados às famílias	4,6	-4,2	0,4	8,4	5,2	-3,6
Serviços de alojamento e alimentação	4,6	-	-	-	-	-
Outros serviços prestados às famílias	4,8	-	-	-	-	-
Serviços de informação e comunicação	4,2	3,6	9,3	13,5	12,9	6,4
Serviços de Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC)	4,4	-	-	-	-	-
Telecomunicações	2,3	-	-	-	-	-
Serviços de Tecnologia da Informação	6,7	-	-	-	-	-
Serviços audiovisuais, de edição e agências de notícias	2,9	-	-	-	-	-
Serviços profissionais, administrativos e complementares	3,9	9,4	-0,2	7,5	8,1	11,8
Serviços técnico-profissionais	4,8	-	-	-	-	-
Serviços administrativos e complementares	3,7	-	-	-	-	-

Atividades e Subatividades *	Brasil	Ceará	Pernam- buco	Bahia	Minas Gerais	Espírito Santo
Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio	3,4	3,3	7,9	4,5	9,7	9,6
Transporte terrestre	7,8	-	-	-	-	-
Transporte aquaviário	7,7	-	-	-	-	-
Transporte aéreo	1,5	-	-	-	-	-
Armazenagem, serviços auxiliares aos transportes e correio	-5,6	-	-	-	-	-
Outros serviços	-0,8	9,2	-10,0	4,9	-10,2	-1,4
Total	3,4	4,7	4,0	7,0	8,4	7,6

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do IBGE.

Notas (1): Variação % Jan-Set 2023 / mesmo período do ano anterior. O IBGE não divulga as variações do volume de serviços para as subatividades estaduais.

Segundo o IBGE, os serviços estão em patamar 10,8% superior ao do pré-pandemia, em fevereiro de 2020 e 2,6% abaixo de dezembro de 2022, ponto mais alto da série histórica.

Outro destaque do Instituto é a avaliação especial de transportes por tipo de uso: passageiros e cargas. No indicador acumulado de Janeiro a Setembro de 2023, o transporte de passageiros mostrou expansão de 1,8% frente a igual período de 2022, enquanto o de cargas avançou 9,5% no mesmo período.

Sobre a pesquisa

A PMS produz indicadores que permitem acompanhar o comportamento conjuntural do setor de serviços no País, investigando a receita bruta de serviços nas empresas formalmente constituídas, com 20 ou mais pessoas ocupadas, que desempenham como principal atividade um serviço não financeiro, excluídas as áreas de saúde e educação. Há resultados para o Brasil e todas as Unidades da Federação. Os resultados podem ser consultados no Sidra.

Esta é a nona divulgação da nova série da pesquisa, que passou por atualizações na seleção da amostra de empresas, além de alterações metodológicas, com o objetivo de retratar mudanças econômicas na sociedade. São atualizações já previstas e implementadas periodicamente pelo IBGE.

Referências

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Pesquisa Mensal de Serviços - PMS – Setembro/2023.

5 Varejo

O volume de vendas do comércio varejista restrito no Brasil cresceu 1,8% no acumulado de Janeiro a Setembro de 2023 na comparação com o mesmo período no ano anterior, segundo dados da Pesquisa Mensal do Comércio (PMC), divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

No comércio varejista ampliado que, além das atividades do varejo restrito, inclui as atividades de Veículos, motos, partes e peças, Material de construção e Atacado especializado em produtos alimentícios, bebidas e fumo, o volume de vendas apresentou crescimento de 2,4%, na mesma comparação.

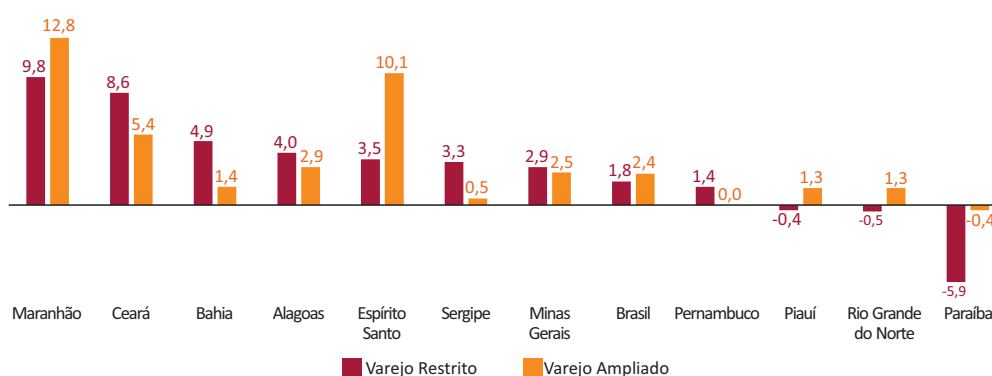
Dentre os grupos de atividades pesquisadas e analisadas para o Brasil, os maiores crescimentos foram verificados em Combustíveis e Lubrificantes (+6,8%) e em Veículos, motocicletas e peças (+6,9%).

Em relação aos estados pertencentes à área de atuação do Banco do Nordeste, Maranhão (+9,8%), Ceará (+8,6%), Bahia (4,9%), Alagoas (+4,0%), Espírito Santo (+3,5%), Sergipe (+3,3%) e Minas Gerais (+2,9%) registraram crescimento superior ao resultado nacional no comércio varejista restrito no acumulado de Janeiro a Setembro de 2023, na comparação com o mesmo período do ano anterior. Quanto ao comércio varejista ampliado, os destaques positivos, na mesma comparação, foram: Maranhão (+12,8%), Espírito Santo (+10,1%) e Ceará (+5,4%).

Dentre os cinco estados pertencentes a área de atuação do Banco do Nordeste nos quais são analisadas as atividades que apresentaram maior destaque positivo foram Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação na Bahia (+30,5%), Veículos, motocicletas, partes e peças no Espírito Santo (+23,8), Combustíveis e lubrificantes em Pernambuco (+16,8%) e na Bahia (15,6%) e Material de construção, no Espírito Santo (+16,1%).

O setor de Hiper e supermercados exerceu o maior impacto sobre o resultado positivo do varejo em Setembro e está 9,1% acima do patamar pré-pandemia. Segundo o IBGE, esse é um setor que pesa muito no indicador e, com avanço de 1,6%, acabou ajudando o varejo a sair da margem de estabilidade. Um dos fatores principais para o resultado dessa atividade é a escolha orçamentária das famílias, que está voltada para os itens de primeiras necessidades. Com o aumento da população ocupada e da massa de rendimento, as pessoas estão usando o rendimento habitual para os gastos em hiper e supermercados e não está sobrando para concentrar em outras atividades. Na passagem de agosto para setembro, o setor de hiper e supermercados estava pesando cerca de 56% do total do varejo.

Gráfico 1 – Variação (%) do volume de vendas do comércio - Brasil e Estados selecionados - Jan-Set 2023/mesmo período ano anterior



Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do IBGE. PMC Setembro 2023.

Existe um clima de otimismo dos analistas, fruto da queda da taxa de desemprego, que estava em 9,3% no começo do ano e caiu para 7,7% em Setembro somada à queda da Inflação. Outro fator foi o incentivo à venda de veículos novos até R\$ 120 mil que estimularam o setor que sofre com as altas taxas de juros o que desestimula a compra de carros com financiamento.

Tabela 1 – Variação (%) do volume de vendas do comércio e atividades - Brasil e Estados selecionados - Jan-Set 2023/mesmo período ano anterior.

Comércio e atividades	Brasil	Ceará	Pernam- buco	Bahia	Minas Gerais	Espírito Santo
Comércio varejista	1,8	8,6	1,4	4,9	2,9	3,5
Combustíveis e lubrificantes	6,8	6,2	16,8	15,6	4,7	1,9
Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	3,6	13,0	2,4	3,9	6,0	8,3
<i>Hipermercados e supermercados</i>	4,0	14,9	3,7	4,0	6,5	7,6
Tecidos, vestuário e calçados	-7,0	1,5	-12,6	-5,4	-13,3	-2,8
Móveis e eletrodomésticos	1,1	3,8	-3,4	3,3	6,3	-0,8
<i>Móveis</i>	-6,6	-0,6	-5,8	-0,9	-6,2	-1,7
<i>Eletrodomésticos</i>	6,2	11,2	-2,0	7,4	12,1	3,0
Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	3,7	7,3	2,9	3,8	6,2	5,5
Livros, jornais, revistas e papelaria	-4,1	-6,2	-4,7	-7,0	-11,7	-0,2
Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	1,2	-11,2	-25,3	30,5	7,8	4,4
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	-11,6	-0,7	-6,7	-13,3	-12,2	-13,4
Comércio varejista ampliado	2,4	5,4	0,0	1,4	2,5	10,1
Veículos, motocicletas, partes e peças	6,9	5,1	-1,5	-3,4	-4,2	23,8
Material de construção	-3,0	-0,5	1,0	5,9	-6,0	16,1
Atacado especializado em produtos alimentícios, bebidas e fumo	-0,8	1,4	1,0	-6,6	13,5	4,9

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do IBGE. PMC Setembro 2023

Grandes empresas do setor têm reagido e se adequado aos novos formatos e dinâmicas impostas pelo comércio eletrônico, com destaque para empresas asiáticas a exemplo da Shein, Shopee e Aliexpress. O varejo tradicional pressionou o Governo que impôs e aumentou restrições à importação de produtos com a reconfiguração das regras. Para tanto, o Governo criou o programa Remessa Conforme, que define regras para nacionalização de produtos e concede isenção de imposto de importação para remessas de até US\$ 50. Importações acima desse valor têm alíquota de 60%. Grandes empresas como Magalu, Riachuelo, Petz, Soma e Renner tentam se readequar para esse novo modelo de competição com as asiáticas.

Uma das estratégias têm sido utilizar os benefícios do Mercosul para baratear a produção e competir com produtos chineses. De uma forma geral, isso pode trazer benefícios às empresas, mas exportar empregos para outros países do Bloco.

Mais sobre a pesquisa

A PMC produz indicadores que permitem acompanhar o comportamento conjuntural do comércio varejista no País, investigando a receita bruta de revenda nas empresas formalmente constituídas, com 20 ou mais pessoas ocupadas, e cuja atividade principal é o comércio varejista.

Iniciada em 1995, a PMC traz resultados mensais da variação do volume e receita nominal de vendas para o comércio varejista e comércio varejista ampliado (automóveis, materiais de construção e atacarejo) para o Brasil e Unidades da Federação. Os resultados podem ser consultados no Sidra.

Referências

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Pesquisa Mensal do Comércio - PMC – Setembro/2023.

6 Turismo

O setor de turismo no Brasil apresentou um crescimento de 7,9% no acumulado do ano até setembro de 2023, com um aumento de 1,5% em relação ao mês anterior, segundo apontam os dados mais recentes divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Nos últimos 12 meses até setembro de 2023, a atividade turística registrou um significativo aumento de 9,2%. Apesar disso, esse desempenho tem mostrado uma tendência de declínio mensal, com expectativas de um crescimento mais expressivo no quarto trimestre devido às festividades de fim de ano. No âmbito regional, a pesquisa do IBGE revelou um notável aumento nas atividades turísticas nos estados onde o Banco do Nordeste atua. No acumulado do ano até setembro de 2023, Minas Gerais e Bahia se destacaram, liderando com crescimentos de 17,5% e 13,9%, respectivamente. No entanto, observa-se uma desaceleração no crescimento do turismo em Minas Gerais. Outros estados, como Espírito Santo (+3,5%), Pernambuco (+1,8%) e Ceará (+1%), apresentaram desempenhos abaixo do Brasil, conforme demonstrado na Tabela 1.

Ao examinar os desembarques de passageiros nos aeroportos nacionais no acumulado de janeiro a setembro de 2023, destaca-se um notável aumento em comparação com o mesmo período do ano anterior. Os desembarques internacionais experimentaram um crescimento expressivo de 45,5%, enquanto os desembarques domésticos registraram um aumento de 13,6%, conforme evidenciado na Tabela 2. Somente em setembro, os estrangeiros que elegeram o Brasil como destino contribuíram com US\$ 566 milhões, aproximadamente R\$ 2,3 bilhões, conforme revelado pelo mais recente levantamento do Banco Central (Bacen) — o valor mais elevado para este mês desde 1995, quando o Banco Central começou a contabilizar esses dados. No acumulado do ano, os visitantes estrangeiros proporcionaram uma injeção de R\$ 24,6 bilhões na economia brasileira. Os desembarques domésticos aumentaram de 59,9 milhões em 2022 para cerca de 68,1 milhões de passageiros em 2023, representando um incremento de 13,6%. Já os desembarques internacionais apresentaram uma variação ainda mais notável, passando de 5,2 milhões no acumulado até setembro de 2022 para cerca de 7,5 milhões no mesmo período de 2023, crescimento de 45,5%, como detalhado na Tabela 2.

Quanto ao desempenho das diferentes regiões, destaca-se um crescimento excepcional da Região Norte nos desembarques internacionais para o acumulado do ano até setembro de 2023, com uma expansão de 143,3% em relação ao mesmo período de 2022. No que diz respeito aos voos domésticos, a Região Sul liderou com um crescimento de 19,5%, seguida pela Região Sudeste, que registrou um aumento de 17,5%. O Nordeste também demonstrou expansão, embora em menor escala, com um crescimento de 4,6% nos voos domésticos, ficando à frente apenas da Região Norte, que teve um aumento de 1,7%.

Quando se trata dos desembarques de passageiros nos estados atendidos pelo Banco do Nordeste (BNB), merecem destaque os notáveis aumentos nos desembarques internacionais em Alagoas, que apresentaram um impressionante crescimento de 145,5% no acumulado do ano até setembro de 2023 em comparação com o mesmo período de 2022. Esse avanço foi impulsionado significativamente pelo governo alagoano, que estabeleceu parcerias para estimular o turismo internacional. No segmento de voos domésticos, Espírito Santo liderou com uma expansão de 25,9%, seguido de perto por Sergipe (+25,5%). Por outro lado, Rio Grande do Norte e Ceará registraram retrações de 2,4% e 2,1%, respectivamente, conforme detalhado na Tabela 3.

Tabela 1 – Indicadores de Volume das Atividades Turísticas, segundo Brasil e Unidades da Federação – Setembro de 2023 – Variação (%).

Brasil e Unidade da Federação	Mês/Mês anterior*			Interanual			Acumulado do ano			Últimos 12 meses		
	JUL	AGO	SET	JUL	AGO	SET	JUL	AGO	SET	JUL	AGO	SET
Brasil	0,9	-1,4	1,5	8,0	5,1	6,4	8,5	8,1	7,9	11,9	10,5	9,2
Ceará	4,7	-2,9	-1,7	-5,1	-6,4	-6,9	3,5	2,1	1,0	9,3	6,5	4,2
Pernambuco	-0,1	-7,9	-0,1	8,1	-3,3	-4,6	3,5	2,6	1,8	3,0	2,3	1,2
Bahia	6,2	-6,2	1,6	21,4	12,7	17,1	13,7	13,6	13,9	11,4	11,3	12,0
Minas Gerais	0,8	0,1	2,1	16,1	10,7	17,1	18,7	17,6	17,5	23,9	21,5	20,3
Espírito Santo	-4,4	-0,1	-1,0	-1,5	-0,3	2,6	4,2	3,6	3,5	5,9	4,5	4,4

Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do IBGE. (*) Com ajuste sazonal.

NOTA: O Índice de Atividades Turísticas – Iatur é construído através do agrupamento das seguintes atividades: Alojamento e alimentação; Serviços culturais, desportivos, de recreação e lazer; Locação de automóveis sem condutor; Agências de viagens e operadoras turísticas; Transportes turísticos (Transporte rodoviário de passageiros em linhas regulares intermunicipais, interestaduais e internacionais; Trens turísticos, teleféricos e similares; Transporte por navegação interior de passageiros em linhas regulares; Outros transportes aquaviários e Transporte aéreo de passageiros).

Tabela 2 – Desembarques de Passageiros, por Natureza, em Aeroportos – Brasil e Regiões – Acumulado de 2022 e 2023 findo em setembro.

Brasil e Regiões	Internacional			Doméstico		
	Acumulado de 2022	Acumulado de 2023	Var. (%)	Acumulado de 2022	Acumulado de 2023	Var. (%)
Nordeste	197.604	337.264	70,7	12.440.161	13.009.967	4,6
Norte	35.583	86.566	143,3	3.579.382	3.640.592	1,7
Centro-oeste	129.879	195.144	50,3	7.535.624	8.445.260	12,1
Sudeste	3.898.428	5.390.440	38,3	24.233.496	28.469.055	17,5
Sul	954.437	1.578.652	65,4	12.193.310	14.572.583	19,5
Brasil	5.215.931	7.588.066	45,5	59.981.973	68.137.457	13,6

Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados da Agência Nacional de Aviação Civil – Anac.

Tabela 3 – Desembarques de Passageiros em Aeroportos por Natureza do Voo – Nordeste e Estados – Acumulado de 2022 e 2023 findo em setembro.

Estados / Região	Internacional			Doméstica		
	Acumulado de 2022	Acumulado de 2023	Var. (%)	Acumulado de 2022	Acumulado de 2023	Var. (%)
Alagoas	4.205	10.325	145,5	814.079	816.930	0,4
Bahia	53.990	101.710	88,4	3.411.957	3.682.991	7,9
Ceará	71.176	93.730	31,7	2.260.941	2.213.283	-2,1
Maranhão	-	-	-	583.242	680.885	16,74
Paraíba	-	330	-	484.178	570.100	17,75
Pernambuco	52.118	102.996	97,6	3.403.790	3.445.219	1,2
Piauí	-	-	-	336.706	390.014	15,83
Rio Grande do Norte	16.115	28.173	74,8	813.397	793.856	-2,4
Sergipe	-	-	-	331.871	416.689	25,56
Nordeste	197.604	337.264	70,7	12.440.161	13.009.967	4,6
Minas Gerais	69.010	121.631	76,3	3.766.895	4.375.275	16,2
Espírito Santo	-	-	-	901.569	1.135.367	25,93

Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados da Agência Nacional de Aviação Civil – Anac.

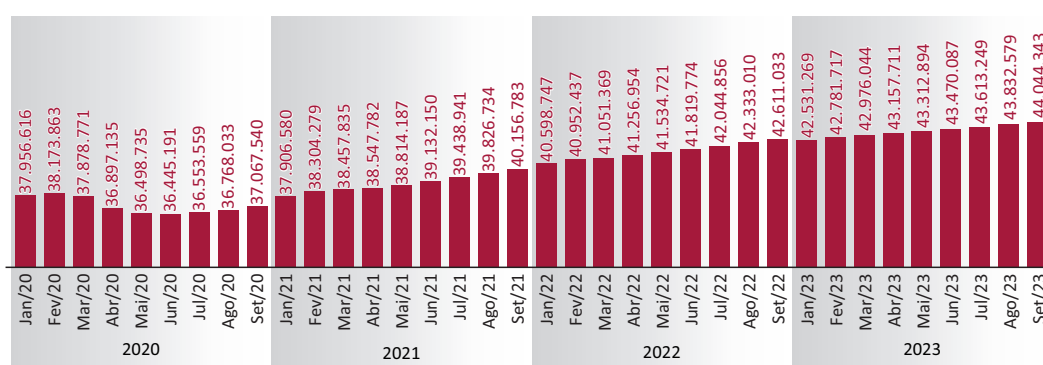
7 Mercado de Trabalho

7.1 Mercado de trabalho formal no Brasil

De acordo com dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados do Ministério da Economia, os principais indicadores do mercado de trabalho formal vêm paulatinamente mostrando recuperação no País e em todas as cinco regiões brasileiras, em 2023.

Conforme dados do Gráfico 1, o nível de emprego celetista no Brasil registrou sucessivos ganhos no estoque de empregos, a partir de janeiro de 2021, chegando a contabilizar 44,0 milhões de trabalhadores com registro na CLT, em setembro de 2023. Desta forma, o nível de emprego obteve expansão de +3,7% em relação ao estoque de empregos do ano de 2022.

Gráfico 1 – Brasil: Evolução do Estoque de Empregos¹ - 1º ao 3º trimestre - 2020 a 2023



Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do Caged (2023).

Nota (1): A variável estoque de emprego pode sofrer ajustes conforme atualização de dados pelo Ministério da Economia.

Quanto à movimentação do emprego no País, as contratações superaram as demissões, gerando saldo de empregos em +1.599.918 novos postos de trabalho, no acumulado de janeiro a setembro de 2023. Este resultado foi obtido da movimentação de 17.872.487 admissões e dos 16.272.569 desligamentos, de acordo com o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED).

No País, todos os cinco grupos das atividades econômicas apresentaram saldo de emprego positivo no acumulado de 2023. Neste período, Serviços (+870.320) obteve maior fechamento líquido de postos de trabalho. O Saldo positivo foi distribuído principalmente nos serviços de Atividades Administrativas (+203.403), de Educação (+133.752) e Saúde Humana e Serviços Sociais (+104.618). Na sequência, Construção (+243.410), Indústria (+230.753), Agropecuária (+111.336) e Comércio (+144.126) contribuíram para o saldo de empregos no País (Tabela 1).

Tabela 1 – Brasil: Movimentação do emprego, por atividade econômica - 1º ao 3º trim. de 2023

Grupo de Atividades Econômicas	Admitidos	Desligados	Saldos	Varição Relativa (%)
Agropecuária	1.008.579	897.243	111.336	6,61
Indústria	2.761.496	2.530.743	230.753	2,77
Construção	1.813.395	1.569.985	243.410	10,06
Comércio	4.041.473	3.897.347	144.126	1,49
Serviços	8.247.535	7.377.215	870.320	4,28
Não identificado	9	36	-27	
Brasil	17.872.487	16.272.569	1.599.918	3,77

Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do Caged (2023).

Regionalmente, nota-se que a expansão do número de novos postos de trabalho formal no País vem ocorrendo de forma generalizada, abrangendo todas as regiões do País. O Sudeste (+776.713), Nordeste

(+272.778) e Sul (+236.989) foram as regiões que ressaltaram com maior nitidez o processo de recuperação do mercado de trabalho, que vem se afirmando no decorrer do ano de 2023. Neste período, Nordeste configura como a segunda região brasileira que mais gerou empregos, registrando saldo de +272.778 novos empregos, ultrapassando a Região Sul (+236.989), no acumulado do ano de 2023.

Quanto ao estoque de empregos, Sudeste (22.544.148), Sul (8.157.333) e Nordeste (7.281.524) apresentam os maiores estoques de emprego no País, participando com 51,2%, 18,5% e 16,5% do estoque de empregos nacional, respectivamente, conforme os dados disponibilizados na Tabela 2.

Tabela 2 – Brasil: Movimentação do emprego, por Grande Região - 1º ao 3º trimestre de 2023

Brasil e Regiões	Admitidos	Desligados	Saldos	Estoque	Varição Relativa (%)
Norte	865.109	751.521	113.588	2.157.078	5,56
Nordeste	2.412.144	2.139.366	272.778	7.281.524	3,89
Sudeste	9.033.430	8.256.717	776.713	22.544.148	3,57
Sul	3.647.677	3.410.688	236.989	8.157.333	2,99
Centro-Oeste	1.815.673	1.620.351	195.322	3.881.312	5,30
Não identificado	98.454	93.926	4.528	22.948	24,58
Brasil	17.872.487	16.272.569	1.599.918	44.044.343	3,77

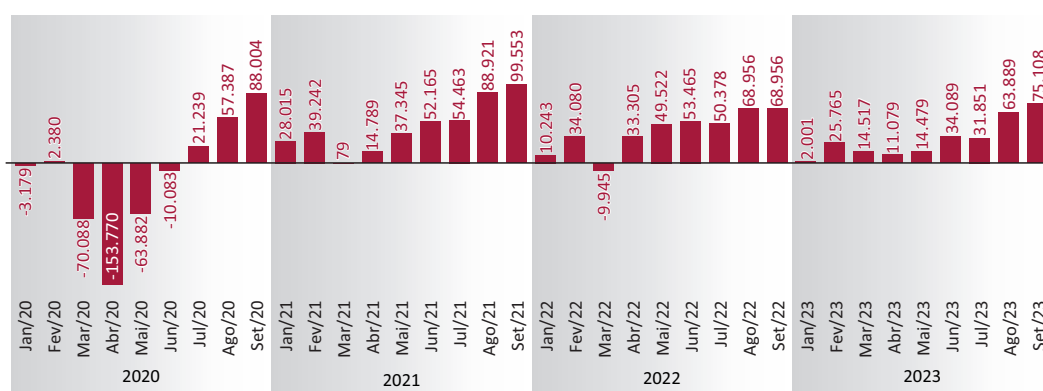
Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do Caged (2023).

Sendo assim, para o último trimestre de 2023, numa perspectiva de cenário otimista, tanto a nível nacional quanto regional, a estimativa do estoque de emprego seguirá tendência de crescimento, em razão, principalmente, da recuperação econômica dos setores como Serviços e Comércio devido aos impactos das festividades de fim de ano, setores estes mais atingidos pela pandemia da Covid-19.

7.2 Mercado de trabalho formal no Nordeste

No acumulado de janeiro a setembro de 2023, o mercado de trabalho formal no Nordeste segue tendência de crescimento. O resultado líquido de empregos formais no Nordeste de 272.778 novos postos de trabalho (Gráfico 2) deriva da combinação da recuperação econômica e controle da pandemia da Covid-19, com efeito significativo na geração de renda e empregos direto e indireto, repercutindo positivamente na recuperação econômica da Região.

Gráfico 2 – Nordeste: Evolução do saldo de empregos - 1º ao 3º trimestre - 2020 a 2023



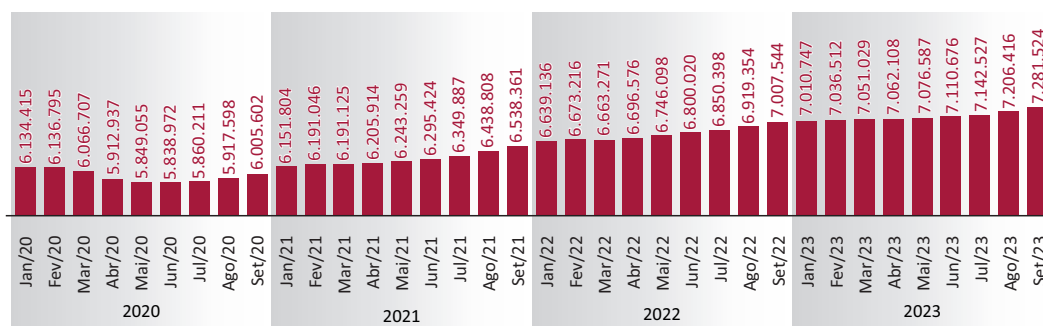
Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do Caged (2023).

No Gráficos 3, tem-se a trajetória do estoque de empregos dos primeiros seis meses dos anos de 2020 a 2022, quando se verificou crescimento no nível do estoque de empregos com carteira assinada na Região Nordeste, consolidando tendência de recuperação com registros de saldos de empregos positivos.

Desta forma, o estoque de empregos alcançou 7.281.524 vínculos ativos, o que representa variação de +3,89% em relação ao estoque de empregos do ano de 2022, seguindo tendência de crescimento

no decorrer do ano de 2023, conforme dados do Gráfico 3. As informações são do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), do Ministério da Economia (2023).

Gráfico 3 – Nordeste: Evolução do Estoque de Empregos - 1º ao 3º trimestre - 2020 a 2023



Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do Caged (2023).

De acordo com dados do Gráfico 4, verifica-se que o resultado do emprego na Região Nordeste foi impactado positivamente, principalmente, pela combinação do retorno intensivo nos setores de Serviços (que liderou na geração de empregos em todos os estados do Nordeste), Construção e Comércio, no acumulado de janeiro a setembro de 2023.

Nesse período, Serviços foi o setor que mais gerou postos de emprego no Nordeste, formação de +151.638 vagas de trabalho. Entre seus segmentos, Atividades administrativas (+44.876), Educação (+23.482), Administração Pública (+16.460) e Saúde humana e Serviços Sociais (+15.158) se sobressaíram na ampliação do quadro de funcionários. Serviços lidera na geração de empregos em todos os estados da Região, com destaque na Bahia (+44.475), Pernambuco (+29.544), Ceará (+27.771), Alagoas (+10.914) e Rio Grande do Norte (+9.023), vide Gráfico 4.

Construção registrou o segundo maior saldo positivo de empregos no Nordeste, computando +37.528 novas vagas, no acumulado de 2023. Na Região, Construção de Edifícios (+15.854 postos) obteve significativo resultado na geração de novos empregos formais, seguido por Obras de Infraestrutura (+12.018) e Serviços Especializados em Construção (+9.656). Entre os estados, lideram na geração de empregos Ceará (+7.797), na sequência, Bahia (+6.530), Piauí (+5.505), Rio Grande do Norte (+5.197) e Paraíba (+3.802).

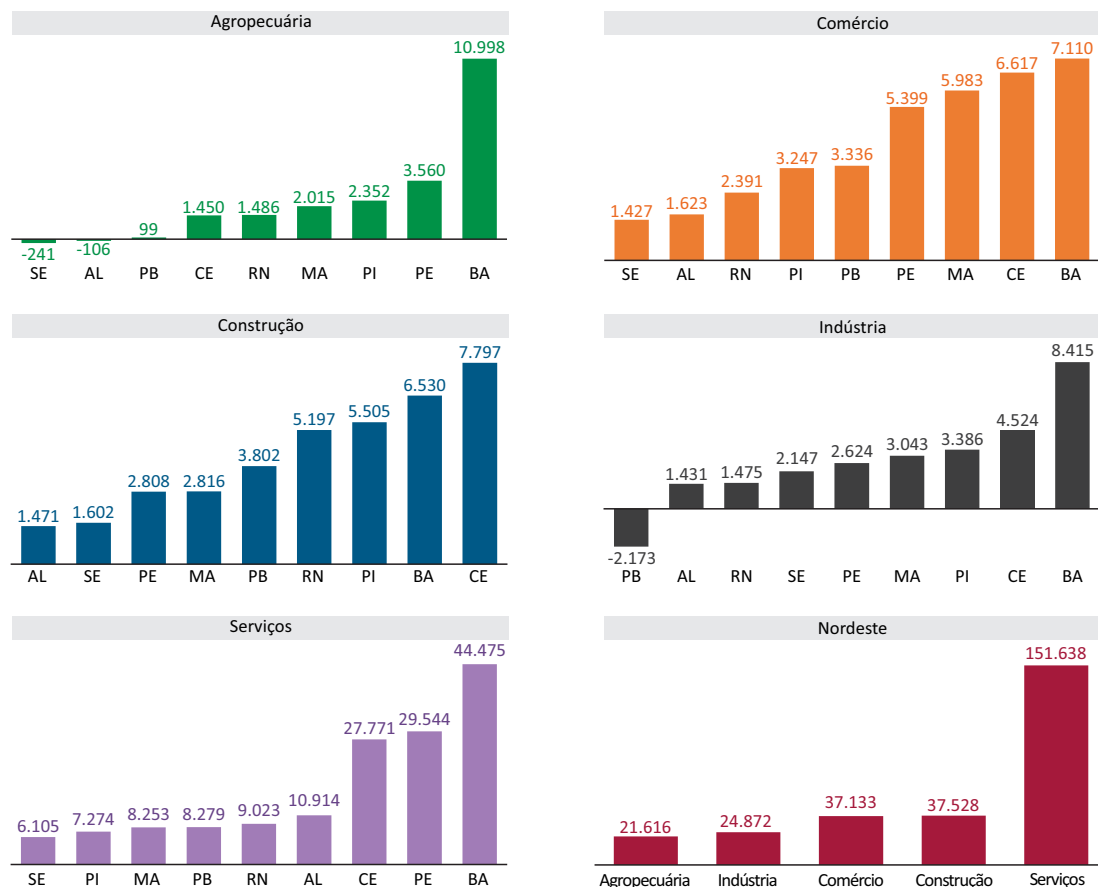
Comércio ampliou seu quadro de pessoal em +37.133 postos, no acumulado de janeiro a setembro de 2023. Entre as três subatividades pesquisadas, Comércio Varejista e Comércio por Atacado ampliaram o nível de estoque de empregos, resultado do saldo líquido na geração novos empregos em +16.454 e +12.038, nesta ordem. Comércio e reparação de veículos automotores e motocicletas (+8.641) também apresentou saldo positivo. Neste período, Bahia (+7.110), Ceará (+6.617), Maranhão (+5.983), Pernambuco (+5.399), Paraíba (+3.336) e Piauí (+3.247) se sobressaíram com maiores saldos de emprego na Região.

A Indústria ampliou o nível de empregos em +24.872 postos de trabalho, no acumulado de 2023. Todas as quatro subatividades registraram saldo de emprego positivo, com destaque para a expansão das Indústrias de Transformação (+20.698 postos). Importante frisar que as Indústrias de Transformação possuem o maior estoque de trabalhadores, com 1.023.253 trabalhadores registrados formalmente, representando cerca de 86,9% do estoque de emprego total da Indústria regional, que é de 1.177.433 trabalhadores formais.

O setor industrial foi fortemente impulsionado pelo ganho de postos de emprego na Fabricação de Produtos Alimentícios, com cerca de geração de +8.799 postos de trabalho. Ainda merecem destaques a Fabricação de Coque, de produtos derivados do Petróleo e de Biocombustíveis (+5.942) e Fabricação de Produtos de Metal, exceto máquinas e equipamentos (+2.078). Entre os estados, Bahia (+8.415), Ceará (+4.524), Piauí (+3.386) e Maranhão (+3.043) se sobressaíram na formação de novos postos de trabalho na Indústria regional.

Na Agropecuária, o saldo de empregos também foi de expansão (+21.616), no acumulado de 2023. Entre as subatividades, Produção de Lavouras Permanentes (+8.343) e Lavouras Temporárias (+6.290) lideram na geração de empregos; na sequência, Pecuária (+1.716), Produção Florestal (+1.498) e Pesca e Aquicultura (+131). Vale salientar os destaques na geração de novos postos de trabalho no cultivo de uva (+4.098), manga (+2.496), soja (+2.374) e criação de aves (+871). Entre os estados, Bahia (+10.998), Pernambuco (+3.560), Piauí (+2.352) e Maranhão (+2.015) foram os maiores em saldo de empregos.

Gráfico 4 – Nordeste: Saldo de emprego, por atividade econômica - 1º ao 3º trimestre de 2023



Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do Caged (2023).

7.3. Mercado de trabalho formal nas Unidades Federativas do Nordeste

O mercado de trabalho formal no Nordeste segue tendência de crescimento nos meses de janeiro a setembro de 2023, fato este que reflete na maioria de seus estados, com efeito significativo sobre a recuperação econômica da Região. De acordo com o Ministério da Economia, todos os estados do Nordeste apresentaram saldo de emprego positivo. Entre estes, Bahia (+77.527) despontou com maior saldo de empregos, seguido por Ceará (+48.159), Pernambuco (+43.934), Maranhão (+22.110) e Piauí (+21.764), vide Tabela 3.

Desta forma, esse crescimento do saldo de empregos positivo resultou na expansão do estoque de empregos no acumulado de 2023. Entre os Estados, Piauí (+5,84%), Alagoas (+4,64%), Rio Grande do Norte (+4,24%), Ceará (+4,09%) e Sergipe (+4,07%) apresentaram crescimento no estoque de empregos superior à média nacional (+3,77%) e regional, cuja variação foi de +3,89%, em relação ao ano de 2022.

Tabela 3 – Nordeste e Estados: Saldo e Estoque do Emprego Formal – Setembro e acumulado do 1º ao 3º trimestre de 2023

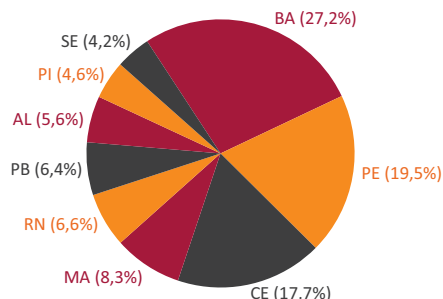
Estados	Saldo de Emprego Formal		Estoque do emprego formal ¹ - Acumulado até ao 3º trimestre de 2023		
	Setembro de 2023	Acumulado até ao 3º trimestre de 2023	Estoque	Participação (%)	Varição (%) ²
Maranhão	2.850	22.110	600.962	8,3%	3,74
Piauí	2.494	21.764	335.563	4,6%	5,84
Ceará	10.483	48.159	1.289.287	17,7%	4,09
Rio Grande do Norte	4.254	19.572	477.906	6,6%	4,24
Paraíba	4.193	13.339	463.653	6,4%	3,21
Pernambuco	18.864	43.934	1.419.278	19,5%	3,45
Alagoas	16.160	15.333	407.958	5,6%	4,64
Sergipe	5.956	11.040	307.841	4,2%	4,07
Bahia	9.854	77.527	1.979.076	27,2%	3,76
Nordeste	75.108	272.778	7.281.524	100,0%	3,89

Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do Caged (2023).

Nota: (1) Estoque de emprego com posição até setembro de 2023; (2) Variação percentual do estoque de emprego em relação ao ano de 2022.

De modo semelhante ao saldo de emprego positivo, a melhora das condições do mercado de trabalho impactou na representatividade regional do estoque de empregos, que é a quantidade total de vínculos celetistas ativos. A Bahia contabilizou 1.979.076 empregos formais, representando 27,2% do estoque de empregos regional, em setembro de 2023. Na sequência, destacam-se Pernambuco (1.419.278 postos, participação regional de 19,5%), Ceará (1.289.287 postos, cerca de 17,7%) e Maranhão (600.962 postos, com 8,3% do estoque de empregos regional). Os quatro estados detêm cerca de 72,6% do estoque de empregos formais no Nordeste, conforme dados do Gráfico 5.

Gráfico 5 – Estados do Nordeste: Estoque de Empregos Formais - 1º ao 3º trimestre de 2023⁽¹⁾



Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do Caged (2023). Nota: (1) Estoque de empregos, até setembro de 2023.

Na Bahia, todas as atividades apresentaram saldo de empregos positivo. A geração de emprego foi fomentada principalmente nos setores de Serviços (+44.475) e Agropecuária (+10.998). Em Serviços, os destaques na geração de empregos foram em Atividades administrativas (+8.454), Saúde Humana (+7.183), Educação (+6.978) e Transporte, armazenagem e correio (+4.168). Na Agropecuária, os cultivos de café (+1.475), soja (+564), algodão (+549), cana-de-açúcar (+493), manga (+489), uva (+485) e Produção florestal (+595) registraram os maiores saldos de empregos, no acumulado de janeiro a setembro de 2023.

No Ceará, Serviços (+27.771) foi o setor que mais formou novos postos de trabalho, no acumulado de 2023. Atividades administrativas (+10.322), Educação (+4.626) e Administração pública (+3.124) foram as atividades que mais impulsionaram o setor de Serviços no Estado cearense. Na Construção (+7.797), a ênfase de geração de empregos foi em Construção de Edifícios (+3.980), seguido por Serviços especializados (+2.680) e Obras de infraestrutura (+1.137).

No Maranhão, todos os setores geraram novos postos de emprego, no acumulado de janeiro a setembro de 2023. Serviços (+8.253) e Comércio (+5.983) foram os setores que mais geraram novos empregos, no acumulado de 2023. Em Serviços, o desempenho em Educação (+2.125) e Atividades

Administrativas (+1.995) estimularam, de forma significativa, a geração de novos postos de trabalho. No Comércio, o segmento Comércio Varejista (+2.480) despontou na geração de novos empregos, seguido por Comércio e reparação de veículos automotores e motocicletas (+1.995) e Comércio Varejista (+1.508).

No Piauí, todas as atividades econômicas registraram saldo positivo no acumulado de 2023. Entre os setores, Serviços (+7.274) lidera na formação de novos postos de trabalho, com destaque na Educação (+897). Na sequência, a geração de empregos na Construção (+5.505), Indústria (+3.386), Comércio (+3.247) e Agropecuária (+2.352) foram impulsionados principalmente por Obras de Infraestrutura (+3.003), Fabricação de Coque, de Produtos derivados do Petróleo e de Biocombustíveis (+1.958), Comércio Varejista (+1.889) e cultivo de Melão (+789), nesta ordem.

Por atividade econômica, vale enfatizar que Serviços, Construção e Comércio ampliaram novos postos de trabalho em todas as Unidades Federativas na Região. Em Serviços (+151.638), destacam-se Bahia (+44.475), Pernambuco (+29.544) e Ceará (+27.771), no acumulado de 2023. Nesse período, na Construção (+37.528), a geração de emprego obteve maior projeção no Ceará (+7.797), Bahia (+6.530), Piauí (+5.505) e Rio Grande do Norte (+5.197). Em Comércio (+37.133), os estados em destaque na geração de emprego de empregos foram: Bahia (+7.110), Ceará (+6.617), Maranhão (+5.983) e Pernambuco (+5.399), conforme dados da Tabela 4.

Tabela 4 – Nordeste e Estados: Saldo de emprego, por atividade econômica - 1º ao 3º trim. de 2023

Estados	Agropecuária	Indústria	Construção	Comércio	Serviços
Maranhão	2.015	3.043	2.816	5.983	8.253
Piauí	2.352	3.386	5.505	3.247	7.274
Ceará	1.450	4.524	7.797	6.617	27.771
Rio Grande do Norte	1.486	1.475	5.197	2.391	9.023
Paraíba	99	-2.173	3.802	3.336	8.279
Pernambuco	3.560	2.624	2.808	5.399	29.544
Alagoas	-106	1.431	1.471	1.623	10.914
Sergipe	-241	2.147	1.602	1.427	6.105
Bahia	10.998	8.415	6.530	7.110	44.475
Nordeste	21.613	24.872	37.528	37.133	151.638

Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do Caged (2023).

8 Comércio Exterior

8.1 Balança comercial do Brasil

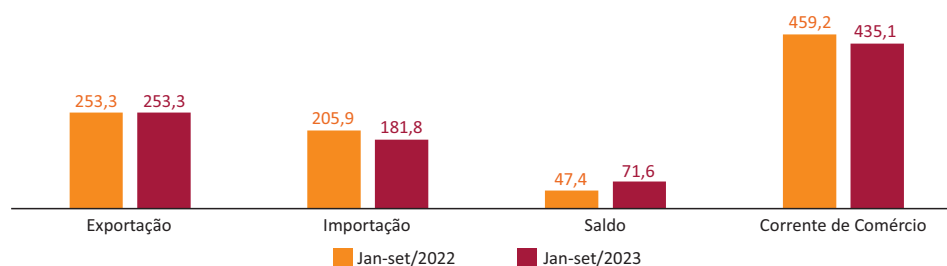
A balança comercial brasileira encerrou os nove primeiros meses do ano com superávit acumulado de US\$ 71,55 bilhões, maior resultado para o período desde o início da série histórica, em 1989, segundo a Secretaria do Comércio Exterior (SECEX) do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC).

As exportações somaram US\$ 253,30 bilhões, praticamente o mesmo valor registrado no período de jan/set/23, US\$ 253,29 bilhões. A queda dos preços de algumas commodities foi compensada pelo aumento da quantidade embarcada devido, principalmente, à boa safra de grãos.

Já importações, US\$ 181,75 bilhões, registraram queda de 11,7%, houve retração tanto dos preços dos produtos quanto da quantidade desembarcada, comparativamente ao mesmo período de 2022. A corrente de comércio do Brasil, indicador expresso pela soma dos valores exportados e importados pelo País, alcançou US\$ 435,06 bilhões, no acumulado até setembro, aumento de 50,9% em relação ao mesmo período do ano passado.

A Secex revisou a projeção da balança comercial para 2023 em US\$ 93 bilhões, ligeiramente superior à projeção de US\$ 84,7 bilhões, realizada em julho passado. De acordo com a nova estimativa, as exportações ficarão praticamente estáveis, com incremento de apenas 0,02%, atingindo 334,2 bilhões. As importações recuarão 11,5%, encerrando o ano em US\$ 241,1 bilhões.

Gráfico 1 – Brasil - Exportações, importações, saldo da balança comercial e corrente de comércio – Jan-Out/2023 – Jan - Set/2022 - US\$ bilhões



Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados da Secex/MDIC (coleta de dados realizada em 13/11/2023).

A decomposição das exportações brasileiras por setores de atividades econômicas (Tabela 1) mostra que, de janeiro a setembro deste ano frente a mesmo período do ano passado, houve crescimento nas vendas de produtos do setor Agropecuário (+7,7%, +US\$ 4.542,4 milhões) e de Outros produtos (+37,5%, +US\$ 455,8 milhões), responsáveis por 25,2% e 0,7% da pauta, respectivamente. O resultado positivo do setor agropecuário, nesse período comparativo, foi devido à safra recorde de grãos, principalmente de Soja e de Milho que registraram expansão de 9,9% (+ US\$ 4.113,3 milhões) e 27,6% (+US\$ 1.872,8 milhões), respectivamente.

A Indústria Extrativa, com 22,2% de participação nas exportações totais do País, registrou leve retração de 1,2% (-US\$ 681,0 milhões). As vendas de Minério de ferro e seus concentrados, representando 38,5% do total do setor, caíram 5,9% (-US\$ 1.352,1 milhões). Vale ressaltar, também, a ligeira retração de 0,3% (-US\$ 105,6 milhões), do principal produto do setor, Óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos, crus, com 50,0% de participação.

Tabela 1 – Brasil - Exportação por setor de atividades econômicas – Jan - Set/2023/2022 - US\$ milhões FOB

Atividade Econômica	Jan-set/2023		jan-set2022		Variação (%)
	Valor	Part. (%)	Valor	Part. (%)	
Agropecuária	63.862,7	25,2	59.320,3	23,4	7,7
Indústria Extrativa	56.275,0	22,2	56.956,0	22,5	-1,2
Indústria de Transformação	131.496,0	51,9	135.797,5	53,6	-3,2
Outros Produtos	1.670,9	0,7	1.215,1	0,5	37,5
TOTAL	253.304,7	100,0	253.288,9	100,0	0,0

Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados da Secex/MDIC (coleta de dados realizada em 13/11/2023).

Os produtos da Indústria de Transformação, responsáveis por 51,9% das vendas externas, registraram queda de 3,2% (-US\$ 4.301,4 milhões), no período em foco, motivada, principalmente, pela redução, em termo de valor, de Carne bovina fresca, refrigerada ou congelada (-25,5%, -US\$ 2.340,3 milhões), Óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos (exceto óleos brutos) (-16,6%, -US\$ 1.627,6 milhões) e Ferro-gusa, spiegel, ferro-esponja, grânulos e pó de ferro ou aço e ferro-ligas (-12,2%, -US\$ 601,5 milhões). Por outro lado, vale destacar o desempenho positivo nas vendas de Açúcares e melaços (+38,7%, + US\$ 2.859,3 milhões), Farelos de soja e outros alimentos para animais (+8,2%, + US\$ 705,6 milhões), e Carnes de aves e suas miudezas comestíveis, frescas, refrigeradas ou congeladas (+3,3%, +US\$ 221,1 milhões).

Os três principais mercados de destino dos produtos brasileiros absorveram 46,5% do total das vendas externas, nos nove primeiros meses de 2023: China (30,6% do total); Estados Unidos (10,5%) e Argentina (5,4%). Relativamente a mesmo período de 2022, cresceram as exportações para a China (+11,2%, +US\$ 7.802,2 milhões) e Argentina (+14,9%, +US\$ 1.764,6 milhões) enquanto decresceram para os Estados Unidos (-4,2%, -US\$ 1.167,7 milhões).

Para China, os principais produtos exportados foram Soja (41,6% do total), Óleos brutos de petróleo (18,4%) e Minérios de ferro e seus concentrados (17,5%).

Já os Estados Unidos adquiriram Produtos semiacabados, lingotes e outras formas primárias de ferro ou aço (14,0%), Óleos brutos de petróleo (12,0%) e Ferro-gusa, spiegel, ferro-esponja, grânulos e pó de ferro ou aço e ferro-ligas (4,8%), etc.

A Argentina importou Soja (14,1%), Partes e acessórios dos veículos automotivos (11,0%), Veículos automóveis de passageiros (8,3%), dentre outros.

A desagregação das importações brasileiras por Grandes Categorias Econômicas (Tabela 2) revela que o resultado negativo apresentado foi motivado pela redução nas aquisições de Bens Intermediários (-15,6%, -US\$ 20.580,7 milhões) e de Combustíveis e Lubrificantes (-26,6%, -US\$ 8.780,5 milhões). Juntos, representaram 74,8% das importações totais.

Tabela 2 – Brasil - Importação por grandes categorias econômicas – Jan - Out/2023 – Jan - Set/2022 - US\$ milhões

Grandes categorias econômicas	Jan-set/2023		jan-set2022		Variação (%)
	Valor	Part. (%)	Valor	Part. (%)	
Bens de capital	21.995,4	12,1	20.127,4	9,8	9,3
Bens intermediários	111.670,4	61,4	132.251,1	64,2	-15,6
Bens de consumo	23.757,9	13,1	20.384,3	9,9	16,5
Combustíveis e lubrificantes	24.231,3	13,3	33.011,8	16,0	-26,6
Bens não especificados anteriormente	99,2	0,1	98,0	0,0	1,2
TOTAL	181.754,1	100,0	205.872,6	100,0	-11,7

Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados da Secex/MDIC (coleta de dados realizada em 13/11/2023).

Nas aquisições de Bens Intermediários, as maiores quedas foram em Adubos ou fertilizantes químicos (exceto fertilizantes brutos) (-47,7%, -US\$ 9.847,7 milhões), Compostos organo-inorgânicos, compostos

heterocíclicos, ácidos nucleicos e seus sais, e sulfonamidas (-26,9%, -US\$ 2.029,5 milhões), Válvulas e tubos termiônicas, de cátodo frio ou foto-cátodo, diodos, transistores (-21,2%, -US\$ 1.870,9 milhões), Inseticidas, rodenticidas, fungicidas, herbicidas, reguladores de crescimento para plantas, desinfetantes e semelhantes)(-34,2%, -US\$ 1.524,8 milhões) e Óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos (exceto óleos brutos)(-21,4%, -US\$ 751,4 milhões).

Já na categoria Combustíveis e lubrificantes, os produtos que registraram as maiores quedas, em termos de valor, foram Óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos (exceto óleos brutos) (-27,4%, -US\$ 3.811,3 milhões), Gás natural, liquefeito ou não (-71,8%, -US\$ 3.175,0 milhões) e Carvão, mesmo em pó, mas não aglomerado (-31,7%, -US\$ 1.440,6 milhões).

As importações de Bens de Capital participaram com 12,1% da pauta. no acumulado até setembro de 2023, registrando acréscimo de 9,3% (+US\$ 1.868,0 milhões), relativamente a mesmo período do ano anterior. As principais aquisições da categoria, nesse período, foram em Veículos automóveis para transporte de mercadorias e usos especiais (11,8% da categoria), Instrumentos e aparelhos de medição, verificação, análise e controle (8,1%) e Equipamentos de telecomunicações, incluindo peças e acessórios (7,3%). Nesse período comparativo, cresceram 12,7% (+US\$ 292,2 milhões), 14,3% (+US\$ 223,1 milhões) e 24,5% (+US\$ 315,9 milhões), respectivamente.

Já as aquisições de Bens de consumo (13,1% de participação) cresceram 16,5% (+US\$ 3.373,6 milhões), nesse período comparativo, destinadas, principalmente, às compras de Outros medicamentos, incluindo veterinários (16,1% da categoria), Veículos automóveis de passageiros (15,9%) e Medicamentos e produtos farmacêuticos, exceto veterinários (10,9%). No período em análise, registraram incremento de 24,5% (+ US\$ 751,4 milhões), 47,9% (+US\$ 1.220,8 milhões) e 18,3% (+US\$ 399,5 milhões), nessa ordem.

Os principais países de origem das importações brasileiras, no período jan-set/23, China (21,8%), Estados Unidos (15,9%) e Alemanha (5,6%), responderam por 43,2% do total. Relativamente a jan-set/22, decresceram as aquisições vindas da China (-13,2%, -US\$ 5.995,8 milhões) e Estados Unidos (-26,5%, -US\$ 10.427,1 milhões), enquanto as importações oriundas da Alemanha aumentaram (+6,6%, +US\$ 629,4 milhões).

Os principais produtos exportados pela China para o Brasil foram: Válvulas e tubos termiônicas, de cátodo frio ou foto-cátodo, diodos, transistores (10,6%), Equipamentos de telecomunicações, incluindo peças e acessórios (6,1%) e Compostos organo-inorgânicos, compostos heterocíclicos, ácidos nucleicos e seus sais, e sulfonamidas (5,3%).

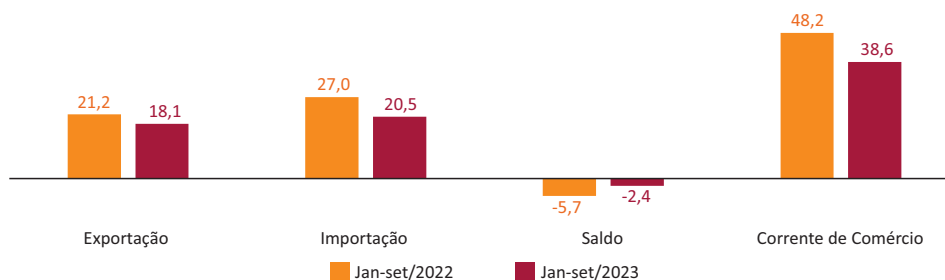
Já os Estados Unidos enviaram ao País, Óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos (exceto óleos brutos) (12,2%), Motores e máquinas não elétricos, e suas partes (exceto motores de pistão e geradores) (12,1%), Carvão, mesmo em pó, mas não aglomerado (4,6%) e etc.

Da Alemanha, o Brasil importou Medicamentos e produtos farmacêuticos, exceto veterinários (8,4%), Compostos organo-inorgânicos, compostos heterocíclicos, ácidos nucleicos e seus sais, e sulfonamidas (7,7%) e Partes e acessórios dos veículos automotivos (5,5%), dentre outros.

8.2 Balança comercial do Nordeste

As exportações nordestinas totalizaram US\$ 18.095,3 milhões, no período de janeiro a setembro de 2023, registrando queda de 14,8% (-US\$ 3.143,2 milhões) relativamente a mesmo período de 2022. As importações também registraram retração de 24,0% (-US\$ 6.479,1 milhões), nesse intervalo, somando US\$ 20.487,3 milhões no ano. Esses resultados foram devidos tanto à queda dos preços dos principais produtos da pauta nordestina ocasionando a diminuição das receitas de exportação e das despesas de importação quanto da quantidade embarcada e desembarcada. A balança comercial da Região registrou, portanto, déficit de US\$ 2.392,0 milhões, bem menor do que o registrado em mesmo período do ano passado, US\$ 5.727,8 milhões,. A corrente de comércio atingiu US\$ 38.582,6 milhões (queda de 20,0%).

Gráfico 2 – Nordeste: Exportações, importações, saldo da balança comercial e corrente de comércio – Jan - Set/2023/2022 - US\$ bilhões



Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados da Secex/MDIC (coleta de dados realizada em 16/11/2023).

Todos os setores de atividades econômicas registraram queda nas exportações. O setor agropecuário acumulou US\$ 6.224,4 milhões de vendas externas (34,4% do total), registrando queda de 7,2% (-US\$ 484,0 milhões), no período em foco. Decresceram, principalmente, as exportações de Soja (-10,2%, -US\$ 514,1 milhões), Algodão em bruto (-34,9%, -US\$ 192,5 milhões) e Café não torrado (-29,3%, -US\$ 45,5 milhões). Por outro lado, vale ressaltar o crescimento das exportações de Milho não moído, exceto milho doce (+39,2%, +US\$ 177,0 milhões) e de Frutas e nozes não oleaginosas, frescas ou secas (+28,6%, +US\$ 101,0 milhões).

Tabela 3 – Nordeste - Exportação por setor de atividades econômicas - Jan-set/2023/2022- US\$ milhões FOB

Atividade Econômica	Jan-set/2023		jan-set2022		Variação (%)
	Valor	Part. (%)	Valor	Part. (%)	
Agropecuária	6.224,4	34,4	6.708,4	31,6	-7,2
Indústria Extrativa	1.065,0	5,9	1.124,3	5,3	-5,3
Indústria de Transformação	10.763,4	59,5	13.340,2	62,8	-19,3
Outros Produtos	42,4	0,2	65,7	0,3	-35,5
TOTAL	18.095,3	100,0	21.238,5	100,0	-14,8

Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados da Secex/MDIC (coleta de dados realizada em 16/11/2023).

As exportações dos produtos da Indústria Extrativa decresceram 5,3% (-US\$ 59,2 milhões), atingindo US\$ 1.065,0 milhões (5,9% das vendas externas totais), no período em análise. Enquanto as vendas de Minérios de ferro e seus concentrados (-33,4%, -US\$ 143,6 milhões) e de Minérios de níquel e seus concentrados (-15,6%, -US\$ 38,1 milhões) decresceram, as de Minério de cobre e seus concentrados (+7,9%, +US\$ 20,4 milhões) e de Outros minerais em bruto (+10,1%, +US\$ 12,1 milhões) cresceram.

As exportações dos produtos da Indústria de Transformação somaram US\$ 10.763,4 milhões, no acumulado do ano, representando 59,5% da pauta da Região. No período jan-set/23 frente a jan-set/22, registraram decréscimo de 19,3% (-US\$ 2.576,7 milhões). Essa queda foi oriunda, principalmente, da redução do valor exportado dos Óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos (-36,1%, -US\$ 1.435,8 milhões), de Alumina (-34,6%, -US\$ 373,6 milhões) e de Produtos semiacabados, lingotes e outras formas primárias de ferro ou aço (-16,5%, -US\$ 163,5 milhões). Por outro lado, vale ressaltar o crescimento nas vendas de Açúcares e melaços (+70,4%, +US\$ 235,6 milhões), Ouro, não monetário (+20,9%, +US\$ 103,9 milhões) e Farelos de soja e outros alimentos para animais (+ 16,8%, + US\$ 87,0 milhões).

Os três principais parceiros comerciais do Nordeste absorveram 44,8% das vendas externas da Região, no período em análise: China (25,4%), Estados Unidos (11,3%) e Singapura (8,1%). Comparativamente ao período de janeiro/setembro/2022, apenas para a China (+0,4%, +US\$ 20,3 milhões) houve ligeiro acréscimo nas vendas. Decresceram as exportações para Singapura (-41,8%, -US\$ 1.052,5 milhões) e Estados Unidos (-3,6%, -US\$ 75,6 milhões).

Para a China, foram exportados, principalmente, Soja (74,3% do total), Celulose (12,3%) e Algodão em bruto (2,9%). Já para os Estados Unidos, foram enviados Produtos semiacabados, lingotes e outras formas primárias de ferro ou aço (26,9%), Celulose (14,2%), Ferro-gusa, spiegel, ferro-esponja, grânulos e

pó de ferro ou aço e ferro-ligas (6,3%), dentre outros. Singapura importou da Região, basicamente, Óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos (99,5%).

Do lado das importações nordestinas, o resultado negativo apresentado, segundo categoria econômica, foi motivado, principalmente, pela queda de 32,6% (-US\$ 3.562,9 milhões) nas compras de Combustíveis e lubrificantes e de 22,9% (-US\$ 3.201,2 milhões) na de Bens Intermediários, no período de jan-set/2023 ante jan-set/2022. Juntos, representaram 88,7% das importações totais.

Na categoria Combustíveis e lubrificantes, os produtos que registraram as maiores quedas foram Óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos (exceto óleos brutos) (-31,3%, -US\$ 2.011,4 milhões), Gás natural, liquefeito ou não (-89,1%, -US\$ 1.525,5 milhões), Carvão, mesmo em pó, mas não aglomerado (-52,7%, -US\$ 286,7 milhões), Propano e butano liquefeito (-51,2%, -US\$ 409,7 milhões) e Carvão, mesmo em pó, mas não aglomerado (-45,4%, -US\$ 329,5 milhões). Por outro lado, as compras de Óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos, crus cresceram 59,9% (+US\$ 721,3 milhões).

Já nas aquisições de Bens Intermediários, as maiores quedas, em termos de valor, foram em Aduhos ou fertilizantes químicos (exceto fertilizantes brutos) (-43,0%, -US\$ 1.109,5 milhões), Óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos (exceto óleos brutos) (-27,8%, -US\$ 648,6 milhões) e Trigo e centeio, não moídos (-37,4%, -US\$ 299,1 milhões) e Partes e acessórios dos veículos automotivos (-12,9%, -US\$ 63,9 milhões).

Tabela 4 – Nordeste - Importação por grandes categorias econômicas – Jan - Set /2023/2022- US\$ milhões

Grandes categorias econômicas	Jan-set/2023		jan-set2022		Variação (%)
	Valor	Part. (%)	Valor	Part. (%)	
Bens de capital	1.250,3	6,1	1.085,5	4,0	15,2
Bens intermediários	10.805,0	52,7	14.006,2	51,9	-22,9
Bens de consumo	1.066,5	5,2	935,4	3,5	14,0
Combustíveis e lubrificantes	7.360,2	35,9	10.923,1	40,5	-32,6
Bens não especificados anteriormente	5,3	0,0	16,2	0,1	-67,5
TOTAL	20.487,3	100,0	26.966,4	100,0	-24,0

Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados da Secex/MDIC (coleta de dados realizada em 16/11/2023).

As importações de Bens de Capital participaram com 6,1% da pauta. Nos nove primeiros meses de 2023, aumentaram 15,2% (+US\$ 164,8 milhões), relativamente a mesmo período do ano anterior. Dos principais produtos adquiridos, Aquecimento e resfriamento de equipamentos e suas partes (+225,4%, +US\$ 53,0 milhões), Máquinas de energia elétrica (exceto planta elétrica rotativa do grupo 716) e suas partes (+28,1%, +US\$ 42,9 milhões) e Outras máquinas e equipamentos especializados para determinadas indústrias e suas partes (+62,5%, +US\$ 51,8 milhões) registraram crescimento, enquanto decresceram as importações de Veículos automóveis para transporte de mercadorias e usos especiais (-2,3%, +US\$ 12,8 milhões).

Já as aquisições de Bens de consumo cresceram 3,5% (+US\$ 131,2 milhões), nesse período comparativo. O maior acréscimo, em termos de valor, foi nas aquisições de Veículos automóveis de passageiros (+110,5%, +US\$ 116,3 milhões), 20,8% do total adquirido pela categoria. Em sentido contrário, caíram, significativamente, as importações de Equipamentos elétricos e não elétricos de uso doméstico (-59,6%, -US\$ 42,1 milhões), Medicamentos e produtos farmacêuticos, exceto veterinários (-9,1%, -US\$ 13,0 milhões) e Bebidas alcoólicas (-35,3%, -US\$ 10,7 milhões).

Os principais países de origem das importações nordestinas, no acumulado de janeiro a setembro/23, foram: Estados Unidos (19,6%), China (17,4%) e Rússia (6,3%) que responderam por 43,3% do total. Frente a mesmo período de 2022, cresceram as compras oriundas da Rússia (+6,3%, +US\$ 476,9 milhões) enquanto decresceram as advindas dos Estados Unidos (-19,6%, -US\$ 5.716,5 milhões) e da China (-1,5%, -US\$ 53,6 milhões).

Dos Estados Unidos, os principais produtos importados foram Óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos (exceto óleos brutos) (48,6%), Carvão, mesmo em pó, mas não aglomerado (6,4%) e Propano e butano liquefeito (5,9%).

Da China, a Região comprou Válvulas e tubos termiônicas, de cátodo frio ou foto-cátodo, diodos, transistores (24,7%), Compostos organo-inorgânicos, compostos heterocíclicos, ácidos nucléicos e seus sais, e sulfonamidas (5,4%), Máquinas de energia elétrica (exceto planta elétrica rotativa do grupo 716) e suas partes (4,6%), dentre outros.

Já da Rússia, foram adquiridos Óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos (exceto óleos brutos) (43,7%), Adubos ou fertilizantes químicos (exceto fertilizantes brutos) (35,7%), Trigo e centeio, não moídos (10,2%), etc.

8.3 Balança comercial dos estados nordestinos

Bahia, Maranhão, Ceará e Pernambuco responderam por 85,0% das exportações e 88,9% das importações do Nordeste, no período de janeiro a setembro de 2023 (Tabela 5). Dos estados da Região, Bahia (+US\$ 1.320,6 milhões), Piauí (+US\$ 914,7 milhões), Maranhão (+US\$ 568,4 milhões), Alagoas (+US\$ 61,8 milhões), Rio Grande do Norte (+US\$ 27,2 milhões) e Sergipe (+US\$ 24,8 milhões) registraram saldo positivo na balança comercial. Os demais apresentaram déficits: Pernambuco (-US\$ 3.805,9 milhões), Ceará (-US\$ 908,5 milhões) e Paraíba (-US\$ 595,1 milhões).

Tabela 5 – Nordeste e Estados - Exportação, Importação e Saldo da Balança Comercial – Jan - Set/2023/2022 - US\$ milhões FOB

Estados	Exportação			Importação			Saldo
	Valor	Part. (%)	Var. %Jan-set/2023/Jan-set/2022	Valor	Part. (%)	Var. %Jan-set/2023/Jan-set/2022	
Maranhão	4.191,7	23,2	-7,8	3.623,3	17,7	-38,9	568,4
Piauí	1.263,5	7,0	-2,4	348,8	1,7	104,8	914,7
Ceará	1.536,5	8,5	-18,0	2.444,9	11,9	-38,2	-908,5
R G do Norte	529,8	2,9	-5,5	502,5	2,5	62,3	27,2
Paraíba	124,5	0,7	19,1	719,5	3,5	-12,5	-595,1
Pernambuco	1.556,7	8,6	-13,0	5.362,6	26,2	-8,7	-3.805,9
Alagoas	569,9	3,1	56,3	508,1	2,5	-13,1	61,8
Sergipe	223,9	1,2	141,9	199,2	1,0	-38,5	24,8
Bahia	8.098,9	44,8	-23,7	6.778,3	33,1	-24,7	1.320,6
Nordeste	18.095,3	100,0	-14,8	20.487,3	100,0	-24,0	-2.392,0

Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados da Secex/MDIC (coleta de dados realizada em 16/11/2023).

No Maranhão, as exportações totalizaram US\$ 4.191,7 milhões e as importações, US\$ 3.623,3 milhões, no período de janeiro a setembro de 2023. Ante mesmo período de 2022, as exportações caíram 7,8% (-US\$ 353,9 milhões). As vendas dos produtos da Indústria de Transformação caíram 19,6% (-US\$ 383,2 milhões) com destaque para Alumina (óxido de alumínio), exceto corindo artificial (-34,6%, -US\$ 373,6 milhões). Os produtos da Indústria Extrativa também registraram queda de 33,4% (-US\$ 134,3 milhões), sendo mais significativa a queda nas exportações de Minério de ferro e seus concentrados (-34,2%, -US\$ 136,4 milhões). A agropecuária registrou crescimento de 7,5% (+US\$ 163,7 milhões), devido, principalmente, às vendas de Soja (+6,0%, +US\$ 108,9 milhões) e Milho não moído, exceto milho doce (+25,7%, +US\$ 72,5 milhões). As importações decresceram bem mais, 38,9% (-US\$ 2.307,2 milhões), devido, principalmente, à diminuição nas aquisições de Combustíveis e Lubrificantes (-40,1%, -US\$ 1.608,4 milhões) e de Bens Intermediários (-38,4%, -US\$ 691,1 milhões) que representaram 96,8% da pauta importadora do Estado.

O Estado do Piauí registrou exportações no valor de US\$ 1.263,5 milhões, queda de 2,4% (-US\$ 30,8 milhões). Os produtos do setor agropecuário responderam por 93,8% do total das vendas, registrando

queda de 3,0% (-US\$ 36,2 milhões), devido, principalmente, a redução nas vendas de Soja (-5,7%, -US\$ 60,0 milhões). Por outro lado, vale ressaltar o incremento de 26,9% (+US\$ 33,6 milhões) nas exportações de Milho não moído, exceto milho doce. Já as importações alcançaram US\$ 348,8 milhões, incremento de 104,8% (+US\$ 178,5 milhões), causado, principalmente, pelo aumento de 101,9% (+US\$ 160,2 milhões) na aquisição de Bens Intermediários (91,0% da pauta).

O Estado do Ceará registrou, até setembro de 2023, exportações no valor de US\$ 1.536,5 milhões, queda de 18,0% (-US\$ 336,9 milhões), frente a mesmo período de 2022, com destaque para o decréscimo de 18,8% (-US\$ 320,7 milhões) nas vendas da Indústria de Transformação (90,0% da pauta). As exportações do principal produto do setor, Produtos semiacabados, lingotes e outras formas primárias de ferro ou aço, recuaram 16,2% (-US\$ 158,8 milhões). As importações somaram US\$ 2.444,9 milhões, queda de 38,2% (-US\$ 1.510,0 milhões), no período., com redução, notadamente, nas aquisições de Bens Intermediários (-16,0%, -US\$ 310,2 milhões) e de Combustíveis e Lubrificantes (-68,1%, -US\$ 1.219,9 milhões).

No Rio Grande do Norte, as exportações somaram US\$ 529,8 milhões e as importações, US\$ 502,5 milhões. No período em análise, as exportações decresceram 5,5% (-US\$ 30,6 milhões), devido ao recuo de 14,9% (-US\$ 63,9 milhões) nas vendas dos produtos da Indústria de Transformação (69,1% da pauta). As exportações de Óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos (exceto óleos brutos) retrocederam 16,5% (-US\$ 54,1 milhões). Por outro lado, o setor agropecuário (22,7% da pauta) cresceu 25,0% (+US\$ 24,1 milhões) devido ao incremento das vendas de Frutas e nozes não oleaginosas, frescas ou secas (+31,1%, +US\$ 24,3 milhões). Já as importações do Estado cresceram 62,3% (+US\$ 193,0 milhões). Todas as categorias econômicas registraram crescimento: Combustíveis e Lubrificantes (+23475,8%, +US\$ 93,7 milhões), Bens Intermediários (+19,0%, +US\$ 52,6 milhões), Bens de Capital (+192,8%, +US\$ 37,9 milhões) e Bens de Consumo (+74,1%, +US\$ 9,2 milhões).

As exportações da Paraíba somaram US\$ 124,5 milhões e as importações alcançaram US\$ 719,5 milhões, no acumulado dos nove primeiros meses de 2023. Comparativamente ao mesmo período de 2022, as vendas externas aumentaram em 19,1% (+US\$ 20,0 milhões), impulsionadas pelas vendas da Indústria Extrativa (+97,6%, +US\$ 8,0 milhões) e da Indústria de Transformação (+12,3%, +US\$ 11,3 milhões). Os principais produtos exportados pelo Estado foram: Calçados (42,2%), Açúcares e melaços (15,6%), Álcoois, fenóis, fenóis-álcoois, e seus derivados (10,7%) e Outros minérios e concentrados dos metais de base (7,5%). As importações decresceram 12,5% (-US\$ 102,6 milhões), devido, principalmente, à queda nas aquisições de Combustíveis e Lubrificantes (-59,2%, -US\$ 149,8 milhões). Por outro lado, vale ressaltar o crescimento nas importações de Bens de Consumo (+10,5%, +US\$ 2,5 milhões) e Bens de Capital (+112,9%, +US\$ 39,7 milhões).

Em Pernambuco, as exportações totalizaram US\$ 1.556,7 milhões, no acumulado janeiro-setembro/2023, valor 13,0% (-US\$ 233,5 milhões) inferior ao registrado em mesmo período de 2022. A Indústria de Transformação, 90,4% da pauta exportadora do Estado, recuou 15,6% (-US\$ 259,8 milhões), com destaque para a queda nas vendas de Óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos (exceto óleos brutos (-32,0%, -US\$ 215,1 milhões) e Poliacetais, outros poliéteres e resinas (-75,2%, -US\$ 175,9 milhões). Compensada em parte pelo incremento nas exportações de Veículos automóveis de passageiros (+32,6%, +US\$ 79,9 milhões), Açúcares e melaços (+75,0%, +US\$ 62,3 milhões) e Produtos residuais de petróleo e materiais relacionados (+86,2%, +US\$ 47,1 milhões). As importações totais, US\$ 5.362,6 milhões, decresceram 8,7% (-US\$ 509,7 milhões). Enquanto as compras externas de Bens Intermediários (-16,7%, -US\$ 478,9 milhões) e de Combustíveis e Lubrificantes (-8,7%, -US\$ 187,1 milhões) retrocederam, as de Bens de Consumo (+20,8%, +US\$ 106,8 milhões) e de Bens de Capital (+15,3%, +US\$ 49,7 milhões) aumentaram.

Em Alagoas, as exportações alcançaram US\$ 569,9 milhões, de janeiro a setembro de 2023, registrando aumento de 56,3% (+US\$ 205,3 milhões), relativamente ao mesmo período de 2022. As vendas dos produtos da Indústria Extrativa (+61,4%, +US\$ 58,7 milhões) e Indústria de Transformação (+54,8%, +US\$ 143,9 milhões) registraram crescimento, com destaque para as vendas externas de Minérios de cobre e seus concentrados (+61,4%, +US\$ 58,7 milhões) e Açúcares e melaços (+66,1%, +US\$ 158,0 milhões). Já as importações somaram US\$ 508,1 milhões, com decréscimo de 13,1% (-US\$ 76,7 milhões), principalmente de Bens Intermediários (-27,9%, -US\$ 105,1 milhões).

Sergipe exportou US\$ 223,9 milhões, no período em foco, valor 141,9% (+US\$ 131,4 milhões) superior ao total registrado em jan-set/22. Esse resultado decorreu, principalmente, das vendas de Óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos, crus (US\$ 110,9 milhões) da Indústria Extrativa (49,5% da pauta). As importações totalizaram US\$ 199,2 milhões, com decréscimo de 38,5% (-US\$ 124,5 milhões). Nesse período comparativo, regrediram as aquisições de Bens Intermediários (-22,1%, -US\$ 32,7 milhões), Bens de Consumo (-12,3%, -US\$ 0,7 milhão) e Combustíveis e Lubrificantes (-60,5%, -US\$ 93,4 milhões) enquanto o investimento em Bens de Capital cresceu 19,8% (+US\$ 2,9 milhões).

Na Bahia, as exportações alcançaram US\$ 8.098,9 milhões, queda de 23,7% (-US\$ 2.514,2 milhões). Todos os setores econômicos registraram queda nas vendas externas: agropecuário (-23,3%, -US\$ 698,3 milhões), indústria extrativa (-15,3%, -US\$ 78,7 milhões) e Indústria de Transformação (-24,3%, -US\$ 1.716,7 milhões). Os maiores recuos, em termos de valor, foram nas vendas de Óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos (exceto óleos brutos) (-39,3%, -US\$ 1.154,2 milhões), Soja (-25,8%, -US\$ 563,1 milhões), Algodão em bruto (-36,3%, -US\$ 167,7 milhões) e Minérios de cobre e seus concentrados (-26,2%, -US\$ 41,8 milhões). Já as importações atingiram US\$ 6.778,3 milhões, com queda de 24,7% (-US\$ 2.219,7 milhões), no período, devido aos decréscimos, principalmente, nas compras de Bens Intermediários (-30,3%, -US\$ 1.800,1 milhões) e de Combustíveis e Lubrificantes (-15,6%, +US\$ 397,9 milhões) que representaram 61,0% e 31,8%, respectivamente, da pauta importadora do Estado, no acumulado até setembro/2023.

Tabela 6 – Nordeste e Estados - Principais produtos exportados e importados - Em % – Jan - Set/2023

Estados/ Nordeste/ Brasil	Principais Produtos Exportados	Principais Produtos Importados
Maranhão	Soja (45,9%), Alumina (óxido de alumínio), exceto corindo artificial (16,8%), Celulose (10,8%)	Óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos, exceto óleos brutos (64,7%), Adubos ou fertilizantes químicos, exceto fertilizantes brutos (19,9%), Elementos químicos inorgânicos, óxidos e sais de halogêneos (4,3%)
Piauí	Soja (78,0%), Milho não moído, exceto milho doce (12,5%), Farelos de soja e outros alimentos para animais (4,1%)	Válvulas e tubos termiônicas, de cátodo frio ou foto-cátodo, diodos, transistores (47,5%), Produtos laminados planos de ferro ou aço não ligado, não folheados ou chapeados, ou revestidos (11,5%), Produtos laminados planos de ferro ou aço não ligado, folheados ou chapeados, ou revestidos (9,7%)
Ceará	Produtos semi-acabados, lingotes e outras formas primárias de ferro ou aço (53,5%), Calçados (13,2%), Frutas e nozes não oleaginosas, frescas ou secas (6,4%)	Carvão, mesmo em pó, mas não aglomerado (13,9%), Compostos organo-inorgânicos, compostos heterocíclicos, ácidos nucléicos e seus sais, e sulfonamidas (12,2%), Trigo e centeio, não moídos (6,8%)
Rio Grande do Norte	Óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos, exceto óleos brutos (51,6%), Frutas e nozes não oleaginosas, frescas ou secas (19,3%), Tecidos de algodão, telas (5,3%)	Válvulas e tubos termiônicas, de cátodo frio ou foto-cátodo, diodos, transistores (32,2%), Óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos (exceto óleos brutos) (18,6%), Trigo e centeio, não moídos (8,6%)
Paraíba	Calçados (42,2%), Açúcares e melaços (15,6%), Álcoois, fenóis, fenóis-álcoois, e seus derivados (10,7%)	Produtos residuais de petróleo e materiais relacionados (13,4%), Óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos, crus (13,3%), Óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos (exceto óleos brutos) (11,9%),
Pernambuco	Óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos, exceto óleos brutos (29,4%), Veículos automotivos de passageiros (20,9%), Açúcares e melaços (9,3%)	Óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos, exceto óleos brutos (29,7%), Partes e acessórios dos veículos automotivos (8,0%), Propano e butano liquefeito (7,1%)
Alagoas	Açúcares e melaços (69,6%), Minérios de cobre e seus concentrados (27,1%), Tabaco em bruto (1,2%)	Adubos ou fertilizantes químicos, exceto fertilizantes brutos (6,0%), Outros minerais em bruto (4,9%), Equipamentos de telecomunicações, incluindo peças e acessórios (4,7%)
Sergipe	Óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos, crus (49,5%), Sucos de frutas ou de vegetais (32,1%), Milho não moído, exceto milho doce (5,5%)	Gás natural, liquefeito ou não (30,6%), Adubos ou fertilizantes químicos, exceto fertilizantes brutos (20,1%), Produtos residuais de petróleo e materiais relacionados (12,5%)

Estados/ Nordeste/ Brasil	Principais Produtos Exportados	Principais Produtos Importados
Bahia	Óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos, exceto óleos brutos (22,0%), Soja (20,0%), Celulose (11,3%)	Óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos, crus (27,0%), Óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos, exceto óleos brutos (26,9%), Adubos ou fertilizantes químicos (exceto fertilizantes brutos) (8,9%)
Nordeste	Soja (25,0%), Óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos, exceto óleos brutos (14,1%), Celulose (7,5%)	Óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos, exceto óleos brutos (29,8%), Óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos, crus (9,4%), Adubos ou fertilizantes químicos, exceto fertilizantes brutos (7,2%)
Brasil	Soja (18,0%), Óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos, crus (12,0%), Minério de ferro e seus concentrados (8,5%)	Óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos, exceto óleos brutos (7,1%), Adubos ou fertilizantes químicos, exceto fertilizantes brutos (5,9%), Válvulas e tubos termiônicas, de cátodo frio ou foto-cátodo, diodos, transistores (3,8%)

Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados da Secex/MDIC (coleta de dados realizada em 16/11/2023).

Tabela 7 – Nordeste e Estados - Principais países de destino das exportações e de origem das importações – Em %– Jan - Set/2023

Estados/ Nordeste/ Brasil	Principais Países de Destinos das Exportações	Principais Países de Origens das Importações
Maranhão	China (35,8%), Canadá (15,5%), Estados Unidos (8,6%)	Estados Unidos (32,5%), Rússia (12,5%), Países Baixos (Holanda) (9,5%)
Piauí	China (61,3%), Espanha(7,3%), Estados Unidos (2,5%)	China (83,6%), Argentina (4,4%), Egito (2,0%)
Ceará	Estados Unidos (47,1%), México (11,8%), Argentina (4,9%)	China (38,1%), Estados Unidos (20,8%), Rússia (4,2%)
Rio Grande do Norte	Países Baixos (Holanda) (28,0%), Estados Unidos (18,8%), Singapura (16,4%)	China (44,8%), Países Baixos (Holanda) (12,7%), Estados Unidos (10,5%)
Paraíba	Espanha (17,1%), Estados Unidos (9,5%), Gana (7,0%)	Estados Unidos (36,2%), China (27,0%), Uruguai (10,9%)
Pernambuco	Singapura (27,8%), Argentina (17,6%), México (7,4%)	China (14,2%), Estados Unidos (13,6%), Argentina (11,3%)
Alagoas	China (15,5%), Romênia (13,5%), Estados Unidos (12,5%)	China (48,4%), Chile (8,8%), Estados Unidos (8,7%)
Sergipe	Países Baixos (Holanda) (41,7%), Espanha (22,0%), Bélgica (5,9%)	Estados Unidos (43,4%), China (15,5%), Russia (14,7%)
Bahia	China (25,8%), Singapura (11,6%), Estados Unidos (8,1%)	Estados Unidos (17,2%), China (11,0%), Angola (10,2%)
Nordeste	China (25,4%), Estados Unidos (11,3%), Singapura (8,1%)	Estados Unidos (19,6%), China (17,4%), Rússia (6,3%)
Brasil	China (30,6%), Estados Unidos (10,5%), Argentina (5,4%)	China (21,8%), Estados Unidos (15,9%), Alemanha (5,6%)

Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados da Secex/MDIC (coleta de dados realizada em 16/11/2023).

9 Finanças Públicas

O texto de Finanças Públicas trata das Transferências Constitucionais, Fundo de Participação dos Estados (FPE) e Fundo de Participação dos Municípios (FPM), da Arrecadação do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS). Indiretamente, trata da Arrecadação Federal, mais especificamente do Imposto de Renda e do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI), que são a base das Transferências Constitucionais, ou seja, quando se analisa a variação ocorrida nestas, está se avaliando, também, o que ocorreu na base do cálculo. No início, faz-se uma síntese do que ocorreu com a distribuição dos fundos constitucionais e do ICMS. Após a análise da evolução das Transferências Constitucionais, discute-se os ganhos e perdas que ocorreram com o ICMS até o terceiro trimestre de 2023, onde o centro da análise é a Região Nordeste. Por último, o capítulo trata do Grau de Endividamento dos Estados e Capitais, com foco na Região Nordeste, até o segundo quadrimestre de 2023.

Síntese da Evolução dos Fundos e do ICMS:

As Transferências Constitucionais (Fundo de Participação dos Estados – FPE e Fundo de Participação dos Municípios – FPM) são muito importantes para os Estados mais pobres da Federação. Em 2022, estas transferências na Região Nordeste, superaram um pouco a arrecadação do ICMS, R\$ 115,7 bilhões, para R\$ 115,5 bilhões. Até o terceiro trimestre de 2023, as transferências dos fundos (R\$87,9 bilhões), continuam a superar a arrecadação do ICMS na Região (R\$ 87,1 bilhões). Em apenas dois Estados da Região, Bahia e Pernambuco, as Transferências são menores que a arrecadação do ICMS, 73,5% e 74,4%, respectivamente. No Ceará, elas são praticamente iguais, 98,8%.

À exceção da Bahia, Ceará e Pernambuco, os outros estados nordestinos são muito dependentes das transferências da União. A maior dependência é de Sergipe (Transferências/ICMS = 59,9%), seguida por Maranhão (59,3%) e Piauí (59,2%).

Tabela 1 – Transferências Constitucionais (FPE + FPM) e ICMS – Até setembro de 2023 – R\$ Milhões

Estado/Região	ATÉ setembro/2023				
	FPE + FPM	ICMS	(FPE + FPM) + ICMS	FPE+FPM/ICMS	(FPE+FPM)/(FPE+FPM+ICMS)
Alagoas	6.584	4.767	11.351	138,1	58,0
Bahia	18.849	25.654	44.503	73,5	42,4
Ceará	12.229	12.375	24.604	98,8	49,7
Maranhão	11.390	7.810	19.200	145,8	59,3
Paraíba	7.960	5.922	13.882	134,4	57,3
Pernambuco	11.882	15.964	27.846	74,4	42,7
Piauí	7.002	4.819	11.820	145,3	59,2
Rio Grande do Norte	6.468	6.075	12.543	106,5	51,6
Sergipe	5.516	3.698	9.213	149,2	59,9
Nordeste	87.879	87.083	174.962	100,9	50,2
Norte	34.020	37.549	71.568	90,6	47,5
Sudeste	39.473	241.613	281.086	16,3	14,0
Sul	23.036	91.102	114.139	25,3	20,2
Centro-Oeste	14.045	52.338	66.383	26,8	21,2
Brasil	205.246	509.685	714.930	40,3	28,7

Fonte: BNB/Etene, com dados da Secretaria do Tesouro Nacional e do Conselho Nacional de Política Fazendária (Confaz), 2023. Nota: os dados do ICMS, setembro de 2023, para Goiânia, Rondônia, Alagoas, Ceará, São Paulo e Rio Grande do Sul, são estimados.

Apenas a Região Norte, não sofreu perda nominal em sua arrecadação de ICMS (+1,9%). As variações estão entre -0,1% (Nordeste) e -5,3% (Sudeste). O setor terciário, no Nordeste, foi o único setor relevante, com variação positiva real até o terceiro trimestre de 2023, comparado com o mesmo período do ano

anterior (+7,2% e impacto de +3,0 p.p.). Em 2022, vinha continuamente tendo perdas de arrecadação, quando é o setor mais importante na arrecadação total (43,7%, média de 2022 e 2023 – 3º trimestre, no Nordeste 39,4% no Brasil). Em 2022, sua arrecadação caiu -2,1%.

A arrecadação do ICMS, até o terceiro trimestre de 2023 caiu em termos reais -7,0% no Brasil, e -4,4% no Nordeste. Na Região, os setores, secundário, petróleo e energia, que participam da arrecadação total com 52,5%, caíram em suas arrecadações, (-0,2% e impacto de -0,2 p.p.), (-23,7% e impacto de -5,0 p.p.) e (-17,6% e impacto de -2,1 p.p.), respectivamente.

As principais perdas reais no ICMS, na área de atuação do BNB, até setembro de 2023, foram no Maranhão (-14,8%), Ceará (-8,1%), Pernambuco (-7,3%) e Minas Gerais (-6,0%). Rio Grande do Norte (+6,9%), seguido por Alagoas (+5,7%), Piauí (+5,3%) e Sergipe (+2,2%), são os estados com variação positiva em suas arrecadações. As menores perdas estão no Piauí (-0,5%), Espírito Santo (-5,3%) e Sergipe (-5,9%, cada). Comparando as perdas até setembro de 2023, com o mesmo período do ano anterior, corrigido pela inflação, as perdas na arrecadação brasileira chegaram a -R\$ 38,6 bilhões, e a -R\$ 4,0 bilhões no Nordeste.

Houve perdas, também, nas Transferências Constitucionais (FPE e FPM); caíram em termos reais, excluindo o efeito da inflação em 2023, com relação ao mesmo período de 2022, -0,6%, e -0,7% no Brasil. Em termos monetários, corrigindo as Transferências até o terceiro trimestre de 2022 pela variação entre os IPCA's médios de 2022 e 2023, a perda na Região em 2023 foi -R\$ 514 milhões, enquanto a perda no ICMS foi -R\$ 4,0 bilhões. No Brasil, a perda real nas transferências, foi -R\$ 1,5 bilhão, e perda de R\$ 38,6 bilhões no ICMS.

Tabela 2 – Variação Real em 2023, com Relação a 2022 (até setembro) – Fundos Constitucionais e ICMS – R\$ milhões e %, excluindo-se o efeito da inflação

Estado/Região	R\$ Milhões (a preços de 2023)		%	
	FPE + FPM	ICMS	FPE + FPM	ICMS
Alagoas	-60	258,8	-0,9	5,7
Bahia	-75	-1.162,7	-0,4	-4,3
Ceará	26	-1.094,0	0,2	-8,1
Maranhão	-77	-1.357,1	-0,7	-14,8
Paraíba	-67	-143,4	-0,8	-2,4
Pernambuco	-35	-1.250,2	-0,3	-7,3
Piauí	-108	241,1	-1,5	5,3
Rio Grande do Norte	-137	394,5	-2,1	6,9
Sergipe	19	80,4	0,3	2,2
Nordeste	-514	-4.032,5	-0,6	-4,4
Norte	1.335	-996,4	4,1	-2,6
Sudeste	-2.792	-25.128,5	-6,6	-9,4
Sul	-1.700	-5.530,3	-6,9	-5,7
Centro-Oeste	-248	-2.883,2	-1,7	-5,2
Brasil	-1.534	-38.571,0	-0,7	-7,0

Fonte: BNB/Etene, com dados da Secretaria do Tesouro Nacional e do Conselho Nacional de Política Fazendária (Confaz), 2023.

Nota: os dados do ICMS, setembro de 2023, para Goiânia, Rondônia, Alagoas, Ceará, São Paulo e Rio Grande do Sul, são estimados.

A perda real no FPE, no Nordeste, foi -0,9%. Nos Estados nordestinos, a maior perda se deu no Rio Grande do Norte (-3,4%, R\$ 132 bilhões), e a menor, na Bahia (-0,5%, R\$47 milhões). Três Estados, tiveram ganhos reais, Espírito Santo (+1,6%, R\$ 26 milhões), Ceará (+0,5%, R\$ 34 milhões) e Sergipe (+0,5%, R\$ 20 milhões). O coeficiente de distribuição, do Rio Grande do Norte, caiu de 3,5% (2022) para 3,2% (2023). Em Sergipe, ocorreu o contrário, o coeficiente subiu de 3,4% (2022) para 3,7% (2023).

A perda real do FPM foi -0,2% no Nordeste. O FPM distribuído para as capitais nordestinas, que também impactam no FPM da Região, cresceu +0,3%, em razão do aumento dos coeficientes das principais capitais, Salvador, Fortaleza e Recife. Em contrapartida, Maceió e Teresina perderam participação, sendo

a situação mais grave a de Teresina, dado que o TCU negou o seguimento à suspensão de Liminar, que majorou o seu coeficiente para 6,25%, voltando para 4,0%. A variação real para Teresina foi negativa em -6,7%, a única capital nordestina com perdas.

Transferências Constitucionais:

As Transferências Constitucionais (FPE + FPM) para os Estados do Nordeste, até setembro de 2023, somaram R\$ 87,9 bilhões, uma perda real de -0,6% (FPE, -0,9% e FPM, -0,2%), comparado com o mesmo período de 2022. A perda no Brasil foi de -0,7%, situação um pouco diferente do que está acontecendo com a arrecadação do ICMS, uma redução de -4,5% (Nordeste) e -7,1% (Brasil). À exceção da Região Norte (+4,1%), todas as Regiões tiveram perdas reais nos Fundos Constitucionais, e todas tiveram perdas no ICMS.

As capitais da Região receberam R\$ 5,1 bilhões até o 3º trimestre, que representa 46,3% do total transferido para as capitais do País. O FPM distribuído para as capitais nordestinas, que também impactam no FPM da Região teve um leve crescimento de +0,3%, quando o FPM total para o Nordeste, teve redução de -0,2%. Isto, em razão do aumento dos coeficientes das principais capitais, Salvador, Fortaleza e Recife. Em contrapartida, Teresina perdeu participação, dado que o TCU negou o seguimento à suspensão de Liminar, que majorou o seu coeficiente para 6,25%, voltando a 4,0%.

A variação real para Teresina foi negativa em -6,7%. Recife tem uma situação inversa à Teresina, a variação real de sua transferência foi de +5,0%. As outras capitais cresceram +0,7%. O crescimento do coeficiente de Recife se deve ao aumento no fator renda per capita, de 1,6 (2022) para 1,8 (2023), dado que sua renda per capita caiu, e com isso, a participação aumenta. Saiu de 4,83% (2022) para 5,72% (2023). Fortaleza foi a capital que mais recebeu recursos (R\$ 955 milhões), 11,1% acima da segunda colocada, Salvador (R\$ 859 milhões).

Tabela 3 – FPE + FPM - Brasil, Nordeste e Estados Selecionados – Até setembro de 2023 - R\$ Milhões¹

Estado/Região	FPE		FPM		FPM CAPITAIS	
	2022	2023	2022	2023	2022	2023
Alagoas	3.967	4.091	2.387	2.493	453	477
Bahia	8.453	8.791	9.647	10.058	816	859
Ceará	6.448	6.777	5.224	5.453	907	955
Maranhão	6.554	6.788	4.413	4.602	567	597
Paraíba	4.378	4.503	3.300	3.457	363	382
Pernambuco	6.321	6.556	5.076	5.326	508	557
Piauí	4.015	4.137	2.785	2.865	567	553
Rio Grande do Norte	3.714	3.751	2.603	2.716	326	344
Sergipe	3.686	3.874	1.572	1.642	326	344
Nordeste	47.535	49.268	37.007	38.611	4.832	5.067
Espírito Santo	1.569	1.666	1.875	1.955	181	191
Minas Gerais	4.284	4.372	13.788	14.375	544	573
Brasil	92.746	95.735	105.025	109.510	10.502	10.951

Fonte: BNB/Etene, com dados da STN.

Nota: (1) Valores transferidos em janeiro a setembro de cada ano.

A Tabela 4 traz as previsões para o que vai ser transferido de FPE + FPM, para 2023, de acordo com o Decreto nº 11.621/2023, de 28 de julho, e a previsão para 2024, de acordo com o Projeto de Lei Orçamentária – PLOA. Colocou-se 2023, para se ter uma ideia das variações para o próximo ano. O PLOA utilizou os seguintes parâmetros macroeconômicos: IPCA 2024: 3,3%; PIB (var. real): 2,3%; câmbio (médio, R\$/US\$): 5,02 e Selic (média – a.a.): 9,8%. As previsões reais de aumento são: FPE, 11,9% - Brasil e 12,1% - Nordeste e FPM, 12,8% - Brasil e 13,0% - Nordeste. Com relação às capitais nordestinas, observa-se um crescimento real de 14,7%, à exceção de Recife e Teresina, que crescem 19,6%, cada. Com os dados reais, o FPE já executou 73,2% da previsão para 2023, e o FPM, 71,1%.

Tabela 4 – Previsão¹ das Transferências Constitucionais (FPE + FPM) – Brasil, Nordeste e Estados Seleccionados – 2023 e 2024 – R\$ milhões

Estado/Região	FPE		FPM		FPM CAPITAIS	
	2023	2024	2023	2024	2023	2024
Alagoas	5.603	6.563	3.505	4.085	672	787
Bahia	11.982	13.908	14.136	16.456	1.210	1.417
Ceará	9.224	10.706	7.666	8.931	1.345	1.574
Maranhão	9.256	10.642	6.468	7.530	840	984
Paraíba	6.141	7.090	4.870	5.704	538	630
Pernambuco	8.949	10.394	7.510	8.817	803	992
Piauí	5.651	6.452	4.046	4.767	796	984
Rio Grande do Norte	5.091	6.023	3.819	4.448	484	567
Sergipe	5.279	6.032	2.308	2.690	484	567
Nordeste	67.176	77.810	54.327	63.428	7.173	8.501
Espírito Santo	2.307	2.413	2.747	3.198	269	315
Minas Gerais	5.987	7.155	20.203	23.523	807	945
Brasil	130.776	151.125	153.939	179.299	15.394	17.930

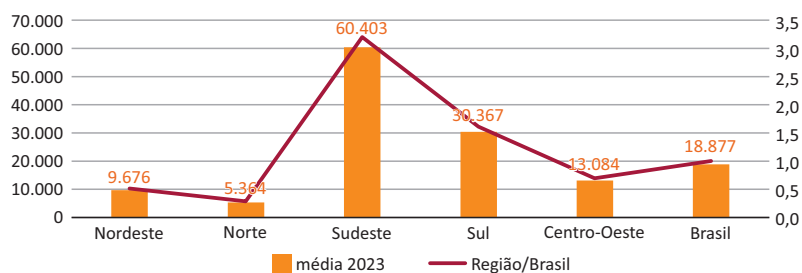
Fonte: BNB/Etene, com dados da STN.

Nota: (1) Valores a serem transferidos em 2023, de acordo com o Decreto nº 11.621, de 28 de julho/23, e 2024, de acordo com o PLOA24.

Arrecadação de ICMS:

A arrecadação do ICMS, espelha fielmente a desigualdade regional. A Região Sudeste participa com 47,4% do total da arrecadação, com 14,8% dos Estados da Federação. A arrecadação média, por Estado da Região Sudeste, até setembro de 2023, representa 3,2 vezes a média nacional. Um Estado do Nordeste, arrecada 50,0% da média nacional, e um Estado da Região Norte, 30,0%.

Gráfico 1 – Arrecadação Média por Estado em Cada Região/Brasil (R\$ Milhões) e Relação Região/Brasil – Até setembro de 2023



Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do Conselho Nacional de Política Fazendária (Confaz).

Nota: os dados do ICMS, setembro de 2023, para Goiânia, Rondônia, Alagoas, Ceará, São Paulo e Rio Grande do Sul, são estimados.

A Região Nordeste, com uma arrecadação de R\$ 87,1 bilhões, até o terceiro trimestre de 2023, teve uma perda real de -4,5%, comparado com o mesmo período de 2022. À exceção do setor terciário (+7,2%), todos os outros setores relevantes tiveram perdas neste período. As principais perdas vêm do setor petróleo (-23,7% e impacto de -5,0 p.p.), energia (-17,6% e -2,1 p.p.) e do setor secundário (-0,2% e impacto de -0,2 p.p.).

A perda real de -4,5%, na Região Nordeste, está distribuída em seis Estados e, inclusive os que fazem parte da área de atuação do BNB, Espírito Santo e Minas Gerais. As maiores perdas se encontram no Maranhão (-14,8%), Ceará (-8,1%), Pernambuco (-7,3%), Minas (-6,0%) e Bahia (-4,3%). A origem das perdas, nos quatro Estados vem, principalmente, das perdas nos setores de petróleo e energia. O setor terciário, que é o maior agente arrecadador, participa com 43,7% do total da arrecadação, e 40,5% no Maranhão, teve neste Estado uma variação real de apenas +3,3%, seguido pelo Ceará (+0,7%) e Minas Gerais (+1,8%). O destaque, neste setor, são as variações reais na arrecadação do Espírito Santo (+13,9%),

Piauí (+23,4%), Sergipe (+15,8%) e Rio Grande do Norte (+14,5%). Dentre as quatro maiores perdas, a Bahia (-7,7%), Ceará (-1,8%) e Minas (-4,9%) tiveram perdas, também, no setor secundário. Todos os Estados tiveram perdas no setor de energia, e à exceção do Rio Grande do Norte, o único com ganho no setor de petróleo.

Como exposto acima, o setor com maior participação na arrecadação do ICMS, é o terciário (comércio e serviços, sem energia e a cadeia do petróleo), 39,4% no Brasil e 43,7% no Nordeste. A situação em 2023, até setembro, melhorou quando comparada a 2022, em que o setor sofreu uma queda de -12,5% (Brasil) e -1,3% (Nordeste). À exceção do Nordeste, todas as outras sofreram reduções acima dos 10,0%. Até o 3º trimestre de 2023, a arrecadação do setor no Brasil, teve aumento de +1,5%, em função da queda na arrecadação do Sudeste (-2,5%). Contudo, a arrecadação no Nordeste cresceu +7,2%, e impacto no total da arrecadação de +3,0 p.p. A Região Sudeste tem a situação mais grave, com uma redução de -2,5%, seguida pelo Centro-Oeste (+0,3%) e o Sul (+3,6%). A Região Norte teve um crescimento real de +12,7% na arrecadação do setor. No Nordeste, o crescimento, não conseguiu compensar as perdas sofridas nos outros grandes setores. Ainda no setor terciário, as variações ficaram entre +0,7% (Ceará) e +23,4% (Piauí).

O setor com maior impacto negativo, na arrecadação da Região, foi o setor petróleo, combustíveis e lubrificantes (-35,9% e impacto de -7,6 p.p.). Sua arrecadação vem dos setores secundário e terciário. O primeiro é o mais importante, representa 67,2% da arrecadação total do setor. Teve perdas reais de -27,3%. No setor terciário, as perdas na arrecadação do setor petróleo, foram de -16,0%. As maiores perdas se encontram no Maranhão (-51,6%), Pernambuco (-33,6%), Bahia (-23,8%) e Ceará (-20,0%).

Diferente do setor de petróleo, o de energia tem sua maior arrecadação dentro do setor terciário (57,9%), ficando o resto no secundário (42,1%). As maiores perdas concentram-se no setor terciário (-18,7%). No total da arrecadação do setor de energia, as principais perdas são nos Estados do Espírito Santo (-41,8%), Paraíba (-38,4%), Ceará (-33,9%) e Pernambuco (-31,8%).

Tabela 5 – Arrecadação de ICMS (R\$ milhões) e Variação Real (%) e R\$ milhões – Nordeste e Estados selecionados, Brasil – Acumulado até setembro de 2023 (Base: igual período do ano anterior)

Estado/Região/País	2022		2023		Var. Nominal %	Var. Real %
	Valor (R\$ milhão)	Part. %	Valor (R\$ milhão)	Part. %		
Alagoas	4.311	0,8	4.767	0,9	10,6	5,7
Bahia	25.648	4,9	25.654	5,0	0,0	-4,4
Ceará	12.882	2,5	12.375	2,4	-3,9	-8,2
Maranhão	8.768	1,7	7.810	1,5	-10,9	-14,8
Paraíba	5.801	1,1	5.922	1,2	2,1	-2,4
Pernambuco	16.465	3,1	15.964	3,1	-3,0	-7,3
Piauí	4.378	0,8	4.819	0,9	10,1	5,2
Rio Grande do Norte	5.433	1,0	6.075	1,2	11,8	6,9
Sergipe	3.460	0,7	3.698	0,7	6,9	2,19
Nordeste	87.146	16,6	87.083	17,1	-0,1	-4,5
Norte	36.866	7,0	37.549	7,4	1,9	-2,6
Sudeste	255.121	48,7	241.613	47,4	-5,3	-9,5
Espírito Santo	12.523	2,4	13.086	2,6	4,5	-0,1
Minas Gerais	53.678	10,2	52.773	10,4	-1,7	-6,0
Sul	92.423	17,6	91.102	17,9	-1,4	-5,8
Centro-Oeste	52.815	10,1	52.338	10,3	-0,9	-5,3
Brasil	524.371	100,0	509.685	100,0	-2,8	-7,1

Fonte: Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do Conselho Nacional de Política Fazendária (Confaz). 1. Sem inflação (IPCA) nos dois períodos. 2. Variação entre 2023 e 2022 (corrigido pela variação entre os IPCA's médios de 2023 e 2022). Nota: os dados do ICMS, setembro de 2023, para Goiânia, Rondônia, Alagoas, Ceará, São Paulo e Rio Grande do Sul, são estimados.

Grau de Endividamento dos Estados e Capitais:

O quadro financeiro das Unidades Federativas e Cidades brasileiras tem se constituído em um dos importantes temas para os formuladores de políticas públicas no Brasil. Os entes federados só podem tomar operações de crédito se seu GRE, constituído pela relação entre a Dívida Consolidada Líquida e a Receita Corrente Líquida, for menor que 2.

A evolução positiva do Grau de Endividamento dos Estados brasileiros, vem ocorrendo desde 2020. Em 2021, o cenário apresentou-se mais favorável. O quadro mais atual, segundo quadrimestre de 2022, mostra que a evolução continua. O índice de endividamento nacional saiu de 0,88 (2021), para 0,77 (1º quadrimestre de 2022), e 0,72 (2º quadrimestre de 2022). Agora, no 2º quadrimestre de 2023, pode-se dizer que o índice está estável (0,73). Este leve aumento, deve-se ao crescimento do índice da Região Sudeste, de 1,25 (2-22) para 1,32 (2023). Para as capitais, o índice que era 0,20 (2021), caiu para 0,13, nos primeiros quatro meses de 2022, ficando em zero, no 2º quadrimestre, e subindo para 0,01, no 2º quadrimestre de 2023.

O nível de endividamento das capitais representava 22,6% do Endividamento dos Estados (2021). No primeiro quadrimestre passou para 16,7%. No segundo, como os recursos em caixa superaram suas dívidas líquidas consolidadas, o grau de endividamento nacional ficou em zero, sinalizando que as capitais têm autonomia e recursos para bancarem suas ações, enquanto fica para o Estado, a obrigação de atuação em todos os outros municípios, principalmente em saúde e infraestrutura. O índice, agora, no 2º quadrimestre de 2023, é apenas 0,01. Nas regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste, os recursos em caixa superaram suas dívidas líquidas consolidadas. As capitais da Região Norte, é que têm o maior nível de endividamento (0,10), mas, mesmo assim, muito baixo. No Nordeste, a relação entre os endividamentos das Capitais e Estados, saiu de 34,5% (2021), para 25,3% (1º quadrimestre de 2022), e 15,4% no 2º quadrimestre de 2022, e 19,6% (2º quadrimestre de 2023). Cabe destacar que o nível de endividamento das capitais nordestinas, representavam 62,2% da média nacional das capitais (2021), e passou a representar 51,3%, no primeiro quadrimestre de 2022. No segundo quadrimestre de 2023, o índice de endividamento das capitais da Região é 0,04.

Quatro Estados (MG, RJ, SP e RS), respondem por 89,8% da DCL (dívida consolidada líquida) do País em 2023, que é R\$ 740,1 bilhões, e 45,2% da RCL (receita corrente líquida) do país (R\$ 1.016,1 bilhões). Estes, também, pioraram um pouco seus índices de endividamento (GRE), que saiu de 1,57 (2021), para 1,38 no 2º quadrimestre e 1,45 (2º quadrimestre de 2023). Nesse sentido, os estados do Nordeste são uma boa referência, o GRE da Região é apenas 0,22 no 2º quadrimestre de 2023.

O GRE da Região Nordeste teve uma variação de -13,4%, em função da redução de sua DCL (variação nominal de -5,2%) e o aumento de sua RCL (variação nominal de +9,5%). O Nordeste detém 6,5% da DCL nacional e 21,8% da RCL. O leve aumento do índice nacional de endividamento (0,72 para 0,73), +0,8%, se deve ao aumento de 4,7% na DCL, e de 3,8%, no RCL.

O Estado de Alagoas piorou seu índice de endividamento em 2022, de 0,47 (2022) para 0,52 (2º quadrimestre de 2023). A sua Dívida Consolidada Líquida aumentou +16,7%, de 2022 para 2023, enquanto sua Receita Corrente Líquida cresceu +6,8%. As maiores reduções nos níveis de endividamento ocorreram no Maranhão (-37,3%), Bahia (-22,5%) e Ceará (-11,4%). No primeiro, houve uma redução na DCL de -31,9% e um aumento na RCL de +8,9%. No segundo, uma redução na DCL (-8,3%) e aumento na RCL (+18,3%). No Ceará, a DCL caiu -5,1% e a RCL aumentou em +7,1%. Tanto a Paraíba, quanto o Espírito Santo têm GRE igual a zero porque tinham recursos em caixa acima do valor de suas DCL.

Tabela 6 – Grau de Endividamento (GRE) Regiões, Brasil e Estados Selecionados – 2022 e 2023 - 2º quadrimestre

Estado/Região/País	Estado				Capital		
	2022	2023	Relação(%) ¹	Var. %	2022	2023	Var. %
Alagoas	0,47	0,52	70,8	9,2	-	-	-
Bahia	0,27	0,21	28,9	-22,5	-	-	-
Ceará	0,29	0,26	35,8	-11,4	0,19	0,22	12,2
Maranhão	0,32	0,20	27,8	-37,3	-	-	-
Paraíba	-	-	-	-	-	-	-
Pernambuco	0,21	0,22	29,6	0,4	0,08	0,11	36,0
Piauí	0,34	0,32	44,1	-4,4	0,20	0,25	27,2
Rio Grande do Norte	0,24	0,23	31,6	-5,1	0,31	0,28	-8,4
Sergipe	0,22	0,22	30,2	1,1	-	0,05	-
Nordeste	0,25	0,22	30,0	-13,4	0,04	0,04	10,1
Norte	0,06	0,08	10,7	34,8	0,04	0,10	140,7
Sudeste	1,25	1,32	180,6	5,3	-	-	-
Espírito Santo	-	-	-	-	-	-	-
Minas Gerais	1,50	1,55	212,6	3,4	-	-	-
Sul	0,78	0,75	103,0	-4,1	-	-	-
Centro-Oeste	0,10	0,09	12,5	-7,3	0,12	0,13	5,2
Brasil	0,72	0,73	100,0	0,8	-	0,01	-

Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do Tesouro Nacional (2022). 1. Relação entre o índice estadual/capital com o índice nacional, em 2022. 2. Quando o Grau de endividamento é zero, quer dizer que o Estado/Capital tinha recurso em caixa acima de sua dívida consolidada líquida.

10 Intermediação Financeira

O saldo de crédito do Sistema Financeiro Nacional (SFN), no final do setembro de 2023, alcançou a marca de R\$ 5,57 trilhões de reais, o que representou crescimento de 8,0%, na métrica do acumulado dos últimos doze meses. Apesar da elevação do montante de crédito, observa-se desaceleração, haja vista que o crescimento do saldo de crédito foi de 16,4% e 14,0% nos anos de 2021 e 2022, respectivamente.

A atual expansão do crédito no Brasil vem sendo influenciada, em grande parte, pela estratégia de concessão de recursos financeiros destinada a pessoa física, que avançou 10,5% nos últimos doze meses, terminados em setembro de 2023. No recorte empresarial, o grupo das “Micro, Pequenas e Médias” empresas no Brasil, que mais intensamente sentiu os efeitos econômicos da pandemia e da inflação elevada, apresentou aceleração no saldo de crédito em 5,9% nos últimos 12 meses. O saldo de crédito das pessoas jurídicas cresceu 4,4% no mesmo período.

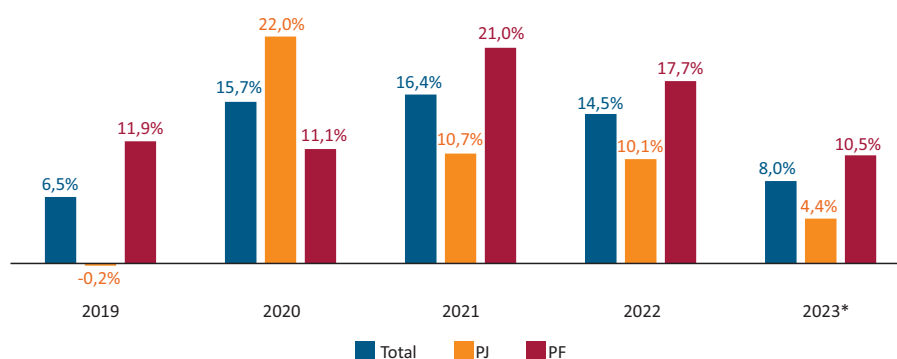
Entre as fontes de operações de empréstimos e financiamentos, os recursos livres apresentaram velocidade de crescimento inferior aos recursos direcionados. Os recursos livres, embora contemplem aquisição de bens, são voltados, principalmente, para a gestão do fluxo de caixa das empresas e famílias, como capital de giro e cartão de crédito, que apresentaram crescimento de 6,0% nos últimos 12 meses, com referência a setembro de 2023. A desaceleração do ritmo de crescimento do crédito segue liderada pelo crédito livre, mais sensível à política monetária e ao ciclo econômico.

Segundo o Banco Central, em setembro de 2023, o saldo das operações de crédito com recursos livres para pessoas jurídicas somou R\$1,4 trilhão, com avanços de 1,9% no mês e de 2,1% em doze meses. Nesse contexto, destacou-se a evolução da carteira de desconto de duplicatas e outros recebíveis (+15,5%) decorrente da sazonalidade característica do período, bem como os incrementos nas carteiras de antecipação de faturas de cartão de crédito (+5,6%) e de outros créditos livres (+2,4%).

Para as famílias, ainda de acordo com o Bacen, o crédito com recursos livres às pessoas físicas somou R\$1,9 trilhão em setembro, com estabilidade no mês e expansão de 9,2% em relação ao mesmo período do ano anterior. Esse desempenho decorreu da elevação em financiamentos para aquisição de veículos (+1,1%), crédito consignado para aposentados e pensionistas do INSS (+1,2%) e crédito consignado para trabalhadores do setor público (+0,5%) e, em sentido contrário, da redução no cartão de crédito total (-1,6%).

Os recursos direcionados, que registraram a marca de R\$ 2,29 trilhões, são geralmente regulamentados pelo Conselho Monetário Nacional – CMN ou vinculados a recursos orçamentários. Destacam-se o crédito rural, imobiliário, investimento de longo prazo e microcrédito. No final de setembro de 2023, os recursos direcionados cresceram 11,0%, quando comparado ao mesmo período de 2022.

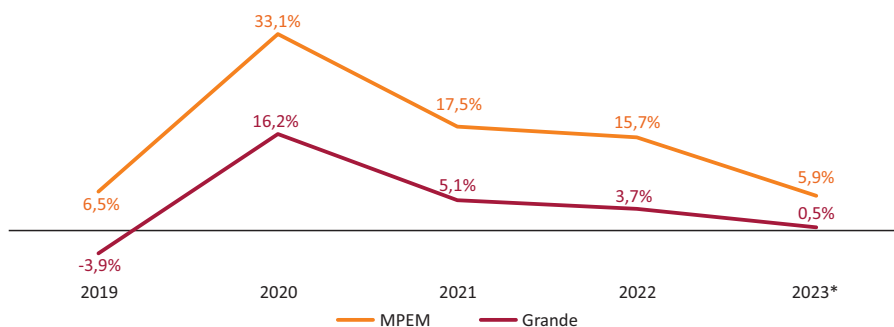
Gráfico 01 – Saldo das Operações de Crédito no Brasil - Total, Pessoa Jurídica e Pessoa Física - % de Crescimento em Relação ao Ano Anterior - 2019 a 2023*



Fonte: Elaboração do BNB/Etene, com base no Bacen (2023).

(*)2023 refere-se ao acumulado dos últimos doze meses, terminados em setembro.

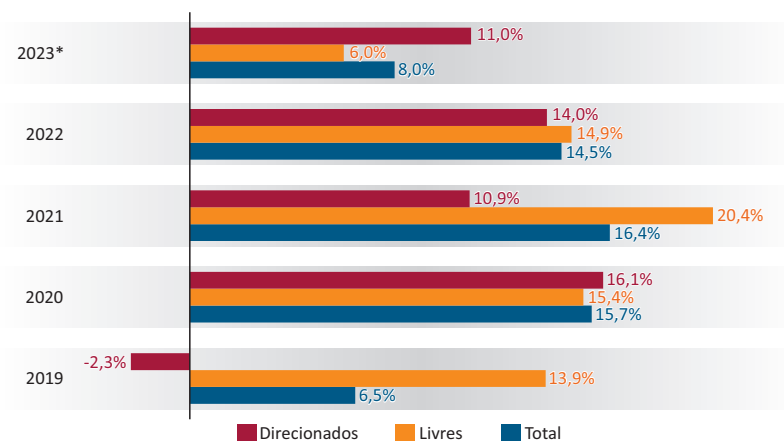
Gráfico 02 – Saldo das Operações de Crédito no Brasil - Por Porte - % de Crescimento em Relação ao Ano Anterior - 2019 a 2023



Fonte: Elaboração do BNB/Etene, com base no Bacen (2023).

(*) 2023 refere-se ao acumulado dos últimos doze meses, terminados em setembro.

Gráfico 03 – Saldo das Operações de Crédito no Brasil - Total, Recursos Direcionados e Recursos Livres - % de Crescimento em Relação ao Ano Anterior - 2019 a 2023



Fonte: Elaboração do BNB/Etene, com base no Bacen (2023).

(*) 2023 refere-se ao acumulado dos últimos doze meses, terminados em setembro.

As operações de crédito do Sistema Financeiro Nacional, sob o lastro de recursos livres e direcionados, encerraram o último mês de setembro de 2023 com taxa média de juros de 30,5% a.a., o que representa recuo pelo quarto mês consecutivo, conforme informações publicadas pelo Banco Central. Entretanto, na métrica do acumulado dos últimos 12 meses, a taxa de juro média ainda sobe 1,5%. Desde o ponto de inflexão da taxa Selic, que é a taxa de referência da economia, a taxa média de juros das operações de crédito deve continuar em trajetória de queda nos próximos meses.

O *spread* bancário, que representa a diferença de juros entre a captação e aplicação de recursos, sendo, em grande medida, a margem de rentabilidade dos bancos, registrou 21,2% no último mês de setembro, e da mesma forma que os juros totais, o *spread* registra retração pelo quarto mês consecutivo. O *spread* da pessoa jurídica (9,6%) continua mais baixo que o *spread* da pessoa física (+27,1%), fundamentalmente pela menor inadimplência, maior respaldo das operações bancárias com garantias reais, entre outros fatores econômico-financeiros.

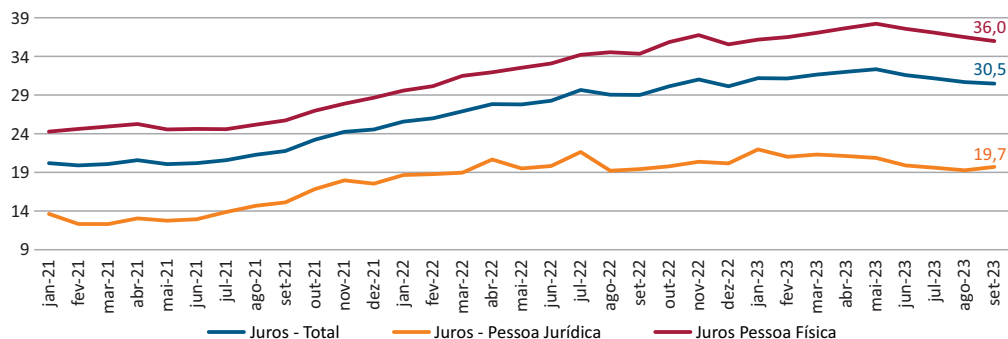
A taxa de inadimplência das operações de crédito, correspondente aos atrasos superiores a noventa dias, situou-se no Brasil em 3,49% no mês de setembro de 2023 (+0,64 p.p. nos últimos 12 meses), alcançando 3,98% no crédito às famílias (+0,24 p.p. nos últimos 12 meses) e 2,74% no crédito às empresas (+1,19 p.p. nos últimos 12 meses). A inadimplência já apresenta queda em dois meses consecutivos.

A taxa de inadimplência do Nordeste registrou +4,34% no último mês de setembro de 2023, o que representa avanço de 0,48 p.p. nos últimos 12 meses, situando-se acima da taxa de inadimplência nacional (+3,49%). No Nordeste, as inadimplências mais baixas foram observadas no Piauí (3,52%) e Maranhão

BNB Conjuntura Econômica Jul/Set/2023

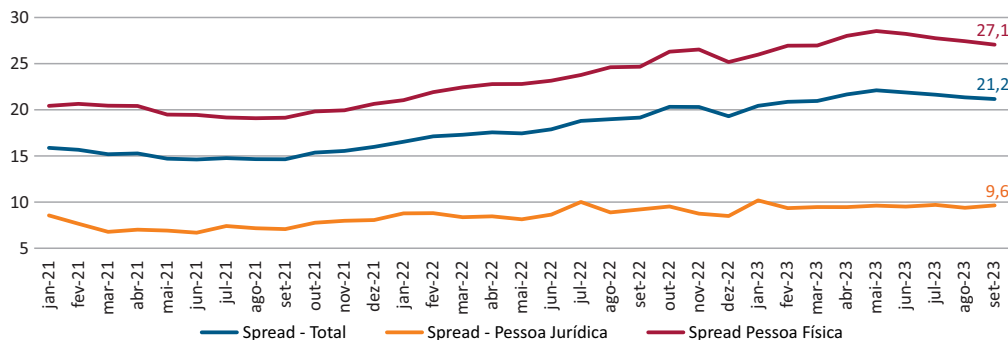
(3,96%). Minas Gerais (2,89%) e Espírito Santo (+2,97%), que fazem parte da área de atuação do BNB, apresentaram inadimplência inferior à média brasileira.

Gráfico 4 – Taxas de Juros – Total, Pessoa Física e Pessoa Jurídica – % Anual – Janeiro de 2021 a setembro de 2023



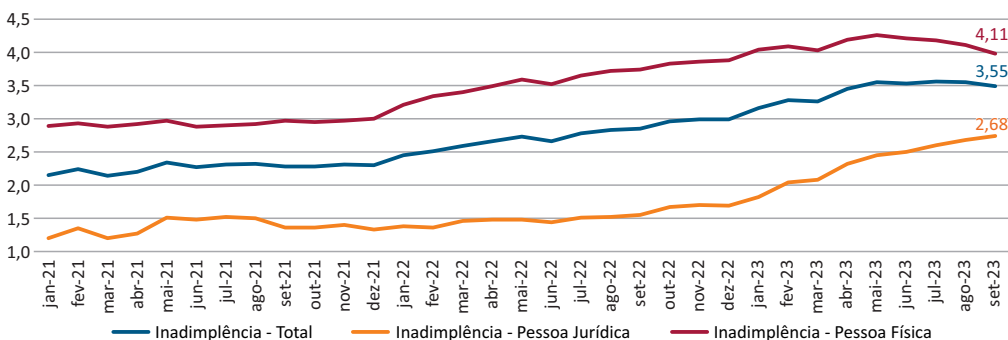
Fonte: Banco Central (2023). Elaboração: BNB/Etene (2023).

Gráfico 5 – Spread – Total, Pessoa Física e Pessoa Jurídica – % Anual – Janeiro de 2021 a setembro de 2023



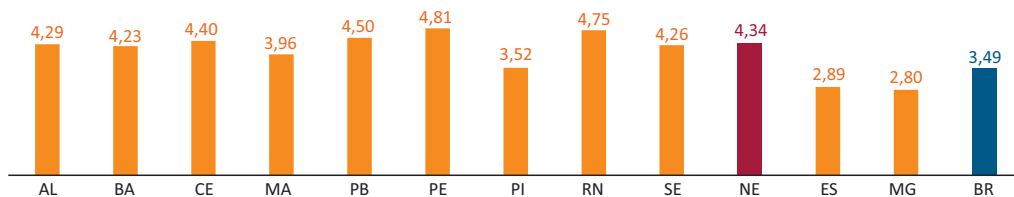
Fonte: Banco Central (2023). Elaboração: BNB/Etene (2023).

Gráfico 6 – Inadimplência – Brasil - Total, Pessoa Física e Pessoa Jurídica – % Anual – Janeiro de 2021 a Setembro de 2023



Fonte: Banco Central (2023). Elaboração: BNB/Etene (2023).

Gráfico 7 – Inadimplência – Nacional, Regional e Estados da Área de Atuação do BNB – % – Setembro de 2023



Fonte: Banco Central (2023). Elaboração: BNB/Etene (2023).

Crédito no Nordeste

O saldo das operações de crédito do Sistema Financeiro Nordestino atingiu o montante de R\$ 767,26 bilhões de reais no final do mês de setembro de 2023, e superando a dinâmica nacional, apresentou crescimento de 10,8% nos últimos 12 meses, enquanto no Brasil, na mesma métrica de comparação, o crédito avançou 8,0%.

No Nordeste, no acumulado dos últimos doze meses, terminados em setembro de 2023, o avanço do crédito ocorre devido à expansão tanto das carteiras de crédito das pessoas físicas, que registrou aumento de 11,0%, quanto das empresas, que apontou elevação em 10,2%. O saldo das operações de empréstimos e financiamentos no final do mês de agosto, destinado às famílias, representava 70,1% do total, cabendo a parcela restante (29,9%) às empresas.

Crédito nos Estados

Entre os estados nordestinos, a maior elevação no saldo das operações de crédito ocorreu no Piauí (+16,3%) e Maranhão (+15,5%), no período acumulado dos últimos doze meses, terminados em setembro de 2023.

A liderança no avanço do crédito no Piauí, decorre em razão do apetite de crédito das pessoas jurídicas, que cresceu em ritmo de 23,9% no acumulado dos últimos doze meses. Apesar do significativo crescimento, as pessoas jurídicas piauienses possuem apenas 37,9% do crédito total no Estado. O saldo de crédito no Piauí é de R\$ 46,18 bilhões de reais.

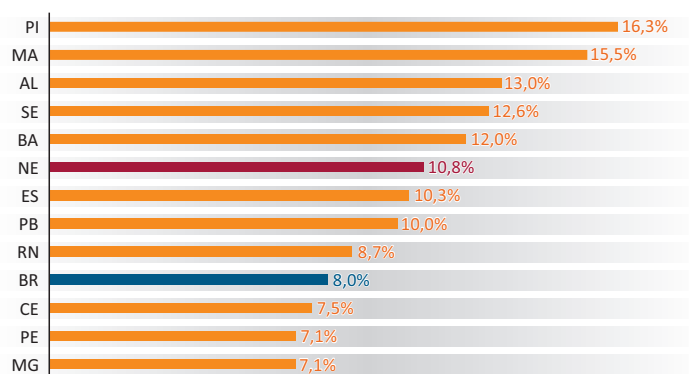
O avanço do crédito no Maranhão, decorre em razão do apetite de crédito tanto das pessoas físicas, quanto das pessoas jurídicas. O avanço do crédito das pessoas jurídicas e físicas, no Maranhão, foi de 17,9% e 14,7%, respectivamente. O saldo de crédito do Maranhão atualmente é de R\$ 83,57 bilhões de reais.

No montante total de crédito, os principais estados no Nordeste são: Bahia (R\$ 208,77 bilhões), Pernambuco (R\$ 126,03 bilhões) e Ceará (R\$ 120,46 bilhões).

Crédito nas Regiões do Brasil

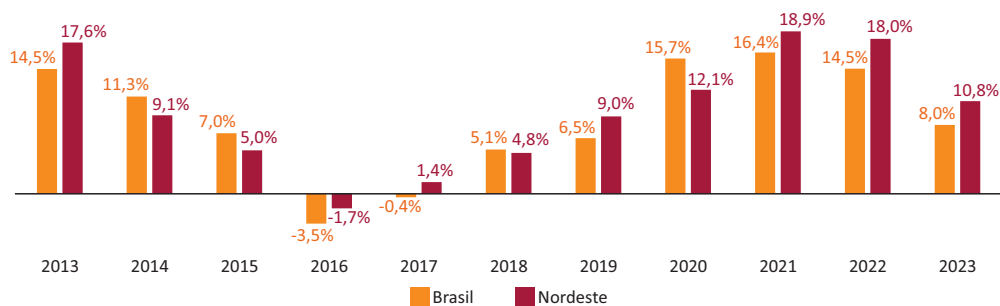
Regionalmente, consideradas as operações acima de R\$ 1 mil, a maior expansão no saldo de crédito até setembro de 2023, pela métrica do acumulado dos últimos doze meses, foi na Região Norte, que registrou crescimento no saldo de crédito de 15,2%. O Nordeste, com crescimento de 10,8%, na mesma base de comparação, ficou em terceiro lugar no crescimento da carteira de crédito, logo após a Região Centro-Oeste, que avançou 12,3%.

Gráfico 8 – Saldo de Crédito do Sistema Financeiro Nacional e Estadual - Área de Atuação do BNB – Crescimento Acumulado em 12 Meses % - Setembro de 2023



Fonte: Banco Central (2023). Elaboração: BNB/Etene (2023).

Gráfico 9 – Saldo de Crédito do Sistema Financeiro Nacional e Nordestino – Em 12 Meses % - 2013 a 2023*



Fonte: Banco Central (2023). Elaboração: BNB/Etene (2023).

(*) 2023 corresponde ao período acumulado dos últimos doze meses, terminados em setembro de 2023.

Tabela 1 – Saldo de Crédito do Sistema Financeiro Nacional e Regiões Seleccionadas – Crescimento Acumulado em 12 Meses % - 2019 a 2023*

	2019	2020	2021	2022	2023
Brasil	6,5%	15,7%	16,4%	14,5%	8,0%
Nordeste	9,0%	12,1%	18,9%	18,0%	10,8%
Sudeste	4,1%	15,6%	14,9%	10,9%	5,7%
Norte	13,2%	17,9%	27,4%	22,4%	15,2%
Sul	8,7%	19,1%	15,4%	16,2%	8,6%
Centro Oeste	10,0%	17,3%	17,4%	17,8%	12,3%

Fonte: Banco Central (2023). Elaboração: BNB/Etene (2023).

(*) 2023 corresponde ao período acumulado dos últimos doze meses, terminados em setembro de 2023.

11 Índices de Preços

É sempre bom dar o devido destaque para o fenômeno da inflação, no sentido de que provoca perdas irreversíveis nas rendas das classes trabalhadores, as mais vulneráveis a esse poder de corrosão. Os dados do Relatório Anual de Informações Sociais – Rais, 2022, com os dados de dezembro de 2021, deixam isso claro. Dos trabalhadores cadastrados, na Região Nordeste, 63,4% ganham até dois salários mínimos. Este percentual cai para 51,2% no País como um todo. A ampliação do limite para três salários mínimos, apresenta que 75,4% dos trabalhadores na Região, estão dentro desse limite, índice que cai para 68,5% no Brasil. Fica claro, que os trabalhadores na base da pirâmide social são os que mais sofrem quando os índices inflacionários crescem, ver Tabela 1. Vale a pena acompanhar a evolução dos itens: alimentação no domicílio, gás butano, energia residencial e ônibus municipal, que afetam diretamente as classes menos abastadas.

Tabela 1 – Percentual de Vínculos Empregatícios por Faixa de Remuneração – Rais 2021

Regiões/Brasil	Até 1 SM	1 SM < x < 2 SM	2 SM < x < 3 SM	Até 3 SM
Norte	9,0	46,3	14,9	70,1
Nordeste	12,7	50,7	12,0	75,4
Sudeste	5,6	42,3	18,2	66,1
Sul	5,3	41,6	22,1	68,9
Centro-Oeste	7,0	42,5	16,1	65,6
Brasil	7,2	44,0	17,4	68,5

Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados da Rais 2022, Ministério da Economia. Nota: SM – Salário Mínimo.

O Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo:

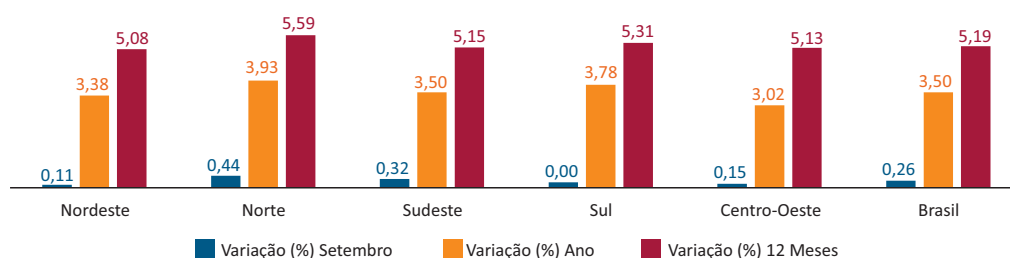
O Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo - IPCA de setembro teve alta de 0,26%, 0,03 ponto percentual (p.p.) acima da taxa de 0,23% registrada em agosto. No ano, o IPCA acumula alta de 3,50% e, nos últimos 12 meses, de 5,19%, acima dos 4,61% observados nos 12 meses imediatamente anteriores. Em setembro de 2022, a variação havia sido de -0,29%. Dos nove grupos de produtos e serviços pesquisados, seis tiveram alta no mês de setembro. O maior impacto positivo (0,29 p.p.) e a maior variação (1,40%) vieram de Transportes, seguido por Habitação (0,47% e 0,07 p.p.). No lado das quedas, destaca-se o grupo Alimentação e bebidas, que caiu pelo quarto mês consecutivo (-0,71% e -0,15 p.p.). Os demais grupos ficaram entre o -0,58% de Artigos de residência e o 0,45% de Despesas pessoais.

Na Região Nordeste, o IPCA foi +0,11%, -0,26 p.p. acima da taxa de +0,37%, registrada no mês anterior. No ano, o IPCA acumula alta de +3,38% e, nos últimos 12 meses terminados em setembro, +5,08%, acima dos +4,55% registrados em agosto. Em setembro de 2022 o índice regional foi de -0,29%.

Na variação em setembro, São Luís (+0,50%) tem o maior IPCA. As outras capitais nordestinas estão um pouco acima de Goiânia, Salvador e Recife (+0,05%, cada), Aracaju (+0,08%) e Fortaleza (+0,13%). Aracaju (+3,95%) tem o 2º maior IPCA no ano, e Fortaleza (+3,76%) é a 5ª colocada. Nos 12 meses, terminados em setembro, Recife (+5,67%) tem o 3º maior IPCA, seguido por Aracaju (+5,37%, 6º maior IPCA). São Luís (+4,02%), tem o segundo menor IPCA. Entre as Regiões, o Nordeste (+0,11%) tem o menor IPCA em setembro, e o Norte (+0,44%) o maior, que detém, também, a maior inflação no ano (+3,93%), e o Nordeste (+3,57%), a segunda menor. Em doze meses, o Nordeste (+5,08%) tem o menor IPCA, seguida pelo Centro-Oeste (+5,13%).

Cabe destacar que em setembro de 2022, a inflação do País em doze meses, estava em +7,17%, a regional em +7,70% e a Selic, em +13,75%. Neste ano, o IPCA regional está em +5,08%, o índice nacional em +5,19%, e a Selic em +13,25% (a reunião 258º, 01/11/2023, já colocou a taxa em 12,25%). A relação Selic/IPCA saiu de 1,92 (set/22), para 2,55 (set/23), e está em 2,36 (nov/23).

Gráfico 1 – IPCA (%) – Brasil e Regiões – Setembro, ano, e terminados em doze meses em setembro de 2023



Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do IBGE (2023).

O IPCA no mês – detalhamento das principais variações:

Em setembro, os três grupos que geraram maior impacto no índice nacional, foram os mesmos que impactaram o regional, Transporte, Habitação e Despesas pessoais. Eles representam 157,1% do IPCA total nacional, e 281,1% do regional. Eles foram compensados pela deflação do grupo Alimentação e bebidas (-0,71% e -0,15 p.p.), Brasil, e -0,86% e -0,20 p.p. (Nordeste). No IPCA regional, as principais variações em Transporte vieram da gasolina (+1,4%), óleo diesel (+11,8%), veículo próprio (0,4%) e passagem aérea (+9,1%). Energia elétrica residencial (+1,4%) e aluguel e taxas (+0,5%) são os principais fatores em Habitação. As principais variações em Despesas pessoais, são de serviços pessoais (+0,4%) e recreação (+0,3%). Estes três grupos, são as referências para as inflações de Fortaleza, Salvador e Aracaju. Em Recife, apenas Transportes é importante (+1,3% e +0,3 p.p.). Em São Luís, apenas Transportes e Habitação são referências. No sentido inverso, a deflação no índice regional, em Alimentação e bebidas (-0,9% e -0,2 p.p.), é explicada pelas reduções em tubérculos, raízes e legumes (-7,6%), carnes (-2,2%), aves e ovos (-1,0%) e leite e derivados (-1,0%).

Tabela 2 – IPCA (%) – Nordeste e Capitais pesquisadas na Região – Setembro de 2023

IPCA - Grupo Pesquisado	Fortaleza	Recife	Salvador	Aracaju	São Luis	Nordeste	Brasil
Índice Geral	0,13	0,05	0,05	0,08	0,50	0,11	0,26
Alimentação e Bebidas - p.p.	-0,16	-0,13	-0,26	-0,28	-0,14	-0,20	-0,15
Habitação - p.p.	0,11	-0,01	0,09	0,02	0,44	0,10	0,07
Artigos de Residência - p.p.	-0,02	-0,01	-0,04	-0,01	0,00	-0,02	-0,02
Vestuário - p.p.	0,02	0,01	0,02	0,01	0,01	0,02	0,02
Transportes - p.p.	0,16	0,25	0,16	0,22	0,24	0,19	0,29
Saúde e Cuidados Pessoais - p.p.	-0,02	-0,02	0,02	0,03	-0,04	-0,01	0,01
Despesas Pessoais - p.p.	0,04	-0,03	0,06	0,06	0,00	0,03	0,05
Educação - p.p.	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Comunicação - p.p.	-0,01	-0,01	0,00	0,01	-0,02	-0,00	-0,01

Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do IBGE (2023). Nota: p.p. – pontos percentuais (impactos).

A principal variação no grupo Habitação, em São Luís, é da energia elétrica residencial (+4,7%). Em Transportes, as principais variações são de passagem aérea (+7,5%), veículo próprio (+1,7%) e óleo diesel (+13,9%). No sentido inverso, em Alimentação e bebidas, as deflações mais importantes foram do tomate (-11,1%), carnes (-1,6%) e leite e derivados (-3,0%).

Em Fortaleza, no grupo Habitação, as variações mais relevantes são de aluguel e taxas (+0,4%), gás butano (+1,3%) e energia elétrica residencial (+1,4%). Passagens aéreas (+8,0%), veículo próprio (+0,5%), gasolina (+0,8%) e óleo diesel (+8,9%), são os destaques do grupo Transportes. Em Despesas pessoais, as variações mais relevantes são de cinema, teatro e concertos (+3,7%). A deflação em Alimentos e bebidas é puxada por tubérculos, raízes e legumes (-7,2%), carnes (-1,1%), aves e ovos (-2,1%), leite e derivados (-1,2%) e refeição (-0,5%).

O IPCA no ano – detalhamento das principais variações:

No ano, no índice regional, os principais impactos são dos grupos Habitação (+4,2% e impacto de +0,6 p.p.), Transportes (+6,7% e impacto de +1,3 p.p.), Saúde e cuidados pessoais (+ 5,8% e impacto de +0,8 p.p.) e Educação (+8,2% e impacto de +0,5 p.p.). Nestes grupos, os principais aumentos são da energia elétrica residencial (+11,8%), gasolina (+18,2%), planos de saúde (+9,1%) e cursos regulares, que aumentaram, em média +9,5%. Quem puxou o aumento em energia, foi Salvador (+19,3%), que tem o maior peso relativo. As variações nas outras capitais ficaram entre +2,0% (Aracaju) e +16,0% (São Luís).

Tabela 3 – IPCA (%) – Nordeste e Capitais pesquisadas na Região – Até setembro de 2023

IPCA - Grupo Pesquisado	Fortaleza	Recife	Salvador	Aracaju	São Luís	Nordeste	Brasil
Índice Geral	3,76	3,36	3,49	3,95	1,90	3,38	3,50
Alimentação e Bebidas - p.p.	-0,13	-0,03	-0,34	-0,21	-0,71	-0,25	-0,22
Habitação - p.p.	0,31	0,44	0,97	0,23	0,34	0,60	0,64
Artigos de Residência - p.p.	-0,01	-0,03	-0,10	-0,00	-0,07	-0,05	-0,03
Vestuário - p.p.	0,13	0,05	0,09	0,06	0,05	0,09	0,09
Transportes - p.p.	1,85	1,22	0,98	1,40	1,10	1,26	1,23
Saúde e Cuidados Pessoais - p.p.	0,70	0,85	0,95	1,21	0,54	0,84	0,77
Despesas Pessoais - p.p.	0,24	0,23	0,35	0,49	0,29	0,30	0,40
Educação - p.p.	0,59	0,53	0,43	0,59	0,35	0,49	0,46
Comunicação - p.p.	0,07	0,11	0,17	0,17	-0,01	0,12	0,17

Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do IBGE (2023).

Nota: p.p. – pontos percentuais (impactos).

Avaliando as mudanças, no maior detalhe, no índice regional, cabe ainda destacar, no grupo Habitação, a variação em aluguel e taxas (+4,9%) e a redução no gás butano (-9,6%). Em Transportes, além da gasolina (+18,2%), deve-se destacar os aumentos no etanol (+7,3%), veículo próprio (+3,5%), ônibus urbano (+4,0%) e taxi (+10,5%). No sentido inverso, observa-se as reduções nas passagens aéreas (-13,6%) e óleo diesel (-7,5%). Os destaques em Saúde e cuidados pessoais, são os aumentos em planos de saúde (+9,1%), produtos farmacêuticos (+6,0%) e higiene pessoal (+4,0%). Pré-escola (+11,3%), ensino fundamental (+11,1%) e ensino médio (10,6%), seguido de papelaria (+9,8%), são as variações mais importantes em Educação. A deflação em Alimentação e bebidas (-1,0% e impacto de 0,3%) é explicada pelas variações em tubérculos, raízes e legumes (-12,4%), carnes (-12,1%), aves e ovos (-6,6%), óleo de soja (-5,3%) e café moído (-5,3%).

Como exposto na Tabela 3, a variação nas capitais nordestinas pesquisadas, ficou entre +1,90% (São Luís) e +3,95% (Aracaju), seguida de perto por Fortaleza (+3,76%) e Salvador (+3,49%).

Em Aracaju, os principais aumentos vieram dos grupos Transportes (7,69%), Saúde e cuidados pessoais (+7,29%) e Educação (+8,01%), que representam 81,2% do índice total. No primeiro, as variações mais relevantes são de veículo próprio (0,7%) e gasolina (+31,6%). Cabe destacar a redução em passagem aérea (-23,1%). Produtos farmacêuticos (+9,0%), planos de saúde (+9,0%) e higiene pessoal (+4,6%), são os destaques do grupo Saúde e cuidados pessoais. Em Educação, pré-escola, ensino fundamental, ensino médio e ensino superior, cresceram, em média, +8,3%, e cursos diversos, +6,4%.

Em Fortaleza, os grupos mais representativos são os mesmos de Aracaju, e respondem por 83,5% da inflação anual. Ônibus urbano (+15,8%), veículo próprio (+4,8%) e gasolina (+21,7%), são os destaques do grupo Transportes. No grupo Saúde e cuidados pessoais, produtos farmacêuticos (+4,7%), planos de saúde (+9,1%) e higiene pessoal (+3,4%), são os principais responsáveis pelo índice deste grupo. Em Educação a variação média dos cursos regulares (pré-escola a ensino superior) foi +10,3%, e papelaria, +13,0%.

As variações mais relevantes, em Salvador, são dos grupos Habitação, Transportes e Saúde e cuidados pessoais, que representam 83,3% do índice total. No primeiro grupo, aluguel e taxas (+5,3%) e energia elétrica residencial (+19,3%) têm as variações mais importantes. Cabe destacar a redução no gás butano (-6,7%). No grupo Transportes, sobressaem ônibus intermunicipal (+8,7%), veículo próprio (+2,4%), gasolina (+17,0%) e

etanol (+9,7%). No sentido contrário, passagem aérea caiu -19,0%. Produtos farmacêuticos (+7,5%), planos de saúde (+9,2%) e higiene pessoal (+3,7%), são os destaques em Saúde e cuidados pessoais.

A inflação em doze meses terminados em setembro – detalhamento das principais variações:

Em doze meses, terminados em setembro, os impactos dos grupos Habitação (+6,0% e impacto de 0,9 p.p.), Transportes (+8,1% e +1,5 p.p.) e Saúde e cuidados pessoais (+9,1% e impacto de 1,3 p.p.), representam 72,7% do IPCA regional. Associando-se o grupo Educação (8,9% e impacto de +0,5 p.p.), a representação vai para 83,0%. No primeiro, as principais variações são da energia elétrica residencial (+16,4%) e aluguel e taxas (+5,8%). Veículo próprio (+5,1%), transporte público (+4,5%) e gasolina (+18,4%), são os destaques em Transportes. Em Saúde e cuidados pessoais, os maiores aumentos vêm de planos de saúde (+13,4%), higiene pessoal (+9,4%) e produtos farmacêuticos (+6,7%). Em Educação, os cursos regulares (pré-escola, ensino fundamental e ensino médio), cresceram, em média, +10,1%.

Tabela 4 – IPCA (%) – Nordeste e Capitais pesquisadas na Região – Em doze meses, terminados em setembro de 2023

IPCA - Grupo Pesquisado	Fortaleza	Recife	Salvador	Aracaju	São Luís	Nordeste	Brasil
Índice Geral (%)	5,32	5,67	4,79	5,37	4,02	5,08	5,19
Alimentação e Bebidas - p.p.	0,25	0,34	-0,00	0,09	-0,21	0,12	0,18
Habitação - p.p.	0,56	0,86	1,11	0,31	0,79	0,86	0,80
Artigos de Residência - p.p.	-0,00	-0,03	-0,07	-0,07	-0,09	-0,05	-0,01
Vestuário - p.p.	0,35	0,29	0,31	0,37	0,31	0,32	0,28
Transportes - p.p.	2,12	1,88	0,97	1,61	1,40	1,51	1,59
Saúde e Cuidados Pessoais - p.p.	1,13	1,36	1,42	1,68	1,06	1,32	1,16
Despesas Pessoais - p.p.	0,27	0,28	0,44	0,62	0,41	0,37	0,55
Educação - p.p.	0,59	0,55	0,49	0,62	0,38	0,52	0,48
Comunicação - p.p.	0,05	0,13	0,12	0,14	-0,02	0,10	0,16

Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do IBGE (2023).

Nota: p.p. – pontos percentuais (impactos).

A variação em doze meses, nas capitais nordestinas pesquisadas, ficou entre +4,02% (São Luís) e +5,67% (Recife). Um pouco abaixo de Recife, estão Aracaju (+5,37%) e Fortaleza (5,32%).

Em Recife, os principais impactos vieram dos grupos Habitação, Transportes e Saúde e cuidados pessoais, que representam 72,3% do índice total. Aluguel e reparos (+6,1%) e energia elétrica residencial (+18,6%), são os destaques do primeiro grupo. Cabe destacar a redução no gás butano (-12,7%). Em Transportes, passagem aérea (+20,1%) desponta como uma das principais variações, seguida por veículos próprio (+6,5%) e gasolina (+21,0%). Produtos farmacêuticos (+6,2%), planos de saúde (+13,2%) e higiene pessoal (+10,4%), são as variações recorrentes no grupo Saúde e cuidados pessoais.

Os grupos de maior destaque em Aracaju, são Transportes, Saúde e cuidados pessoais, Educação e Despesas pessoais. Juntos, respondem por 94,7% da inflação total. Veículo próprio (+3,2%) e gasolina (+30,0%), são os destaques do grupo Transportes. Vale mencionar a redução em passagem aérea (-21,7%). Produtos farmacêuticos (+8,1%), planos de saúde (+13,0%) e higiene pessoal (+9,7%), são as variações relevantes em Saúde e cuidados pessoais. No grupo Despesas pessoais, as principais variações são de serviços pessoais (+5,9%) e recreação (+9,4%). A variação média em cursos regulares (pré-escola, ensino fundamental, ensino médio e ensino superior) chegou a +8,3%. A variação em leitura foi de +11,9%.

Fortaleza tem a terceira maior inflação (+5,32%), e os grupos mais importantes são Transportes, Saúde e cuidados pessoais e Educação, que respondem por 72,3% do IPCA. Ônibus urbano (+15,8%), veículo próprio (+5,7%) e gasolina (+23,2%) são os principais responsáveis pela variação no grupo Transportes. Em Saúde e cuidados pessoais, as principais variações vêm de produtos farmacêuticos (+5,7%), planos de saúde (+13,3%) e higiene pessoal (+8,7%). Os cursos regulares, já citados acima, tiveram uma variação média de +10,3%, e leitura, +8,3%, eles são os destaques em Educação.

12 Cesta Básica

A Cesta Básica é calculada pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos – Dieese em 17 capitais, conforme o Decreto-Lei 399/38, ainda em vigor. Diante da estratificação de renda da população brasileira, a cesta é um instrumento importante para acompanhar a evolução dos preços dos alimentos básicos. Como foi exposto no início do texto, 63,4% dos trabalhadores nordestinos, com carteira assinada, ganham até dois salários mínimos, e 75,4% até 3 salários mínimos. Grande parte do orçamento desse extrato da população, é destinado a alimentação e despesas de subsistência. Vê-se, então, a importância do acompanhamento dos gastos com alimentos básicos.

Evolução de 2021 para 2022:

A variação da cesta básica nordestina em 2021, foi de +3,1%, com o valor de R\$ 535,29. Em dezembro de 2021, cresceu apenas +1,1%. Em 2022, a cesta básica regional passa a custar R\$ 590,08, +10,2% maior que o preço vigente em dezembro de 2021. A cesta cresceu em dezembro de 2022, +3,1%, cenário muito diferente do ano anterior.

A Região fechou o ano com a menor variação entre as Regiões (+10,24%), 20,0% abaixo da média nacional. As maiores variações, no ano, são do Centro-Oeste (+17,24%) e Norte (+14,83%). No mês de dezembro, quatro capitais nordestinas ocupam as primeiras posições: Fortaleza (+3,70%), Salvador (+3,64%), Natal (+3,07%) e Recife (+2,50%). Aracaju (+1,77%) e João Pessoa (+1,70%), situam-se no meio das 17 capitais pesquisadas. As capitais da Região Sul estão com as menores variações no mês, ficando Porto Alegre com o menor índice (-2,03%). O Nordeste, mesmo com as maiores variações em dezembro, termina o ano com a menor variação. Apenas Fortaleza (+12,94%) fica na 8ª posição, ficando as outras capitais na escala de baixo: Natal (+10,35%), Salvador (+10,13%), João Pessoa (+9,99%), Aracaju (+8,99%) e Recife (+6,15%).

Cabe destacar a diferença entre a variação da cesta básica com o IPCA da Região. Existem alguns detalhes que diferenciam as duas pesquisas. Na cesta básica, o leite é o integral (UHT), e no IPCA, o leite longa vida, e o em pó; optou-se, no IPCA, pelo leite longa vida. As capitais pesquisadas diferem um pouco, Fortaleza, Recife, Salvador e Aracaju, fazem parte das duas pesquisas. São Luís, no IPCA, e Natal e João Pessoa, na cesta básica. Contudo, as diferenças nos resultados não são tão relevantes. A variação da cesta básica no Nordeste foi + 10,24%, e a variação dos produtos que compõem a cesta básica, no IPCA da Região foi +10,16% (utilizou-se os pesos da cesta básica). Olhando a variação dos produtos, as maiores diferenças são no arroz (+1,86% - CB; +6,99% - IPCA) e óleo de soja (+4,68% - CB; +7,12% - IPCA).

Cesta Básica até setembro de 2023:

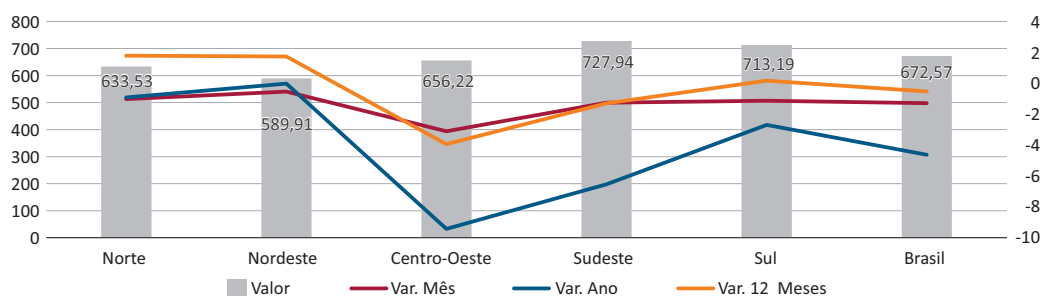
Em setembro, todas as Regiões tiveram reduções em suas cestas, variando entre -0,55% (Nordeste) e -3,11% (Centro-Oeste). A média brasileira ficou com -1,30%. As outras Regiões, ficaram próximas a -1,0%. Das 17 capitais pesquisadas, apenas três tiveram aumentos em suas cestas: Vitória (+3,10%), Natal (+3,06%) e Florianópolis (+0,50%). As outras capitais nordestinas pesquisadas ficaram entre a 4ª posição, -0,34% (Fortaleza) e a 14ª posição, -1,90% (Aracaju). As reduções nas outras capitais foram: João Pessoa (-0,44%), Salvador (-0,83%) e Recife (-1,81%). Brasília teve a maior variação negativa (-4,03%), seguida por Porto Alegre (-2,48%).

As capitais nordestinas, mais Belém, detêm as maiores variações no ano, razão para o Norte (-0,92%) e o Nordeste (-0,03%), ocuparem os primeiros lugares, dado que as outras Regiões têm variações negativas de maior monta, Sul (-2,70%), Sudeste (-6,55%) e Centro-Oeste (-9,43%). A média brasileira ficou em -4,64%. Cabe salientar que a Cesta Brasileira, em dezembro de 2022, teve uma variação anual de +13,49%. Cinco capitais nordestinas ocupam as primeiras variações, tendo Natal o maior índice (+2,50%), seguido por Aracaju (+2,17%), Recife (+0,90%), João Pessoa (+0,14%) e Salvador (+0,05%). Belém (-0,92%) e Fortaleza (-2,07%) ocupam a sexta posição e sétima posições.

Nos 12 meses terminados em setembro, a Região Norte (+1,78%) tem uma variação muito alta, comparada com as outras regiões: Centro-Oeste (-3,94%), Sudeste (-1,31%) e Sul (+0,16%). O Nordeste

(+1,73%), ocupa a segunda posição e o índice nacional ficou em (-0,53%). Quatro capitais da Região Nordeste ocupam as primeiras colocações: Fortaleza (+3,16%), Natal (+3,00%), Aracaju (+2,63%) e Salvador (+1,91%). João Pessoa (+0,05%), ocupa a 9ª posição e Recife (-1,69%), a 12ª. Campo Grande (-4,98%) tem a menor variação em doze meses, terminados em setembro, seguida por Goiânia (-4,21%), daí a explicação do Centro-Oeste ter a menor variação em doze meses.

Gráfico 2 – Valor (R\$) da cesta básica e variações (%) – Setembro de 2023 - Brasil e Regiões



Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do Dieese.

O valor da cesta básica nordestina (R\$ 589,91) é 12,3% menor que a média nacional (R\$ 672,57), e 19,0% que a do Sudeste (R\$ 727,94). Mesmo comparando com a Região Norte, ela é menor 6,9% (R\$ 633,53). Mesmo colocando a batata (R\$ 17,78) dentro da cesta nordestina, ela continuaria 9,6% menor que a cesta nacional, e 16,5% menor que a cesta do Sudeste. Na comparação dentro da Região, Fortaleza se sobressai com a cesta de maior valor (R\$ 640,47), 8,6% mais cara que a média regional (R\$ 589,91) e 20,3% que a de menor valor, R\$ 532,11 (Aracaju).

Tabela 5 – Valor e Variação da Cesta Básica na Região Nordeste – Setembro, ano e 12 meses – 2023

Capitais/Região	Valor	% - Mês	% - 12 Meses	% - Ano
FORTALEZA	640,47	-0,34	3,2	-2,1
ARACAJU	532,33	-1,9	2,6	2,2
JOÃO PESSOA	562,60	-0,4	0,0	0,1
NATAL	598,99	3,1	3,0	2,5
RECIFE	570,18	-1,8	-1,7	0,9
SALVADOR	571,00	-0,83	1,9	0,1
NORDESTE	589,91	-0,5	1,7	-0,03

Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do Dieese.

Variação no mês:

A variação de -1,30%, na cesta do País, têm como principais respostas, as reduções na carne (-2,4 e impacto de -0,8 p.p.), feijão (-6,4% e impacto de -0,3 p.p.), na batata (-11,1% e impacto de -0,3 p.p.) e no leite (variação de -1,3% e impacto de -0,1 p.p.). Juntos, representam 112,1% do índice total. No sentido inverso, tem-se os aumentos no arroz (variação de +3,3% e impacto de +0,1 p.p.) e do tomate (variação de +2,2% e impacto de +0,3 p.p.). No índice regional, a deflação de -0,55%, é razão, principalmente, das reduções na carne (variação de -1,4% e impacto de -0,4 p.p.), no feijão (variação de -7,2% e impacto de -0,4 p.p.) e no tomate (variação de -0,7 e impacto de -0,1 p.p.). Juntos, representam 169,8% do índice regional. Os principais crescimentos foram da banana (variação de +4,7% e impacto de +0,4 p.p.), no arroz (variação de +1,2% e impacto de +0,04 p.p.) e no pão (variação de +0,3% e impacto de +0,04 p.p.).

As principais variações regionais, carne, feijão e tomate (reduções), têm suas mudanças nas capitais pesquisadas (máxima e mínima variações): carne - +3,3% (Natal) e -3,1% (Aracaju); feijão - -0,6% (Natal) e -8,9% (Fortaleza); tomate - +9,1% (Natal) e -2,6% (Salvador). Variações positivas: arroz - +2,6% (Fortaleza) e -0,3% (Salvador).

Variação no ano:

No ano, o índice nacional (-4,64%) foi afetado, pelas variações da carne (variação de -11,4% e impacto de -3,7 p.p.), feijão (variação de -14,2% e impacto de -0,8 p.p.), batata (variação de -28,5% e impacto de -1,0 p.p.) e o óleo de soja (-29,7% e impacto de -0,4 p.p.), que correspondem a 125,0% do índice mensal. Cabe destacar as variações positivas no tomate (variação de +8,7% e impacto de +1,0 p.p.), pão (variação de +3,3% e impacto de +0,4 p.p.) e no arroz (variação de +10,4% e impacto de +0,2 p.p.). Enquanto isso, o índice regional nordestino traz uma leve variação negativa de -0,03%, principalmente afetado pela carne (variação de -11,7% e impacto de -3,4 p.p.), feijão (variação de -15,5% e impacto de 1,2 p.p.), leite (variação de -7,1% e impacto de -0,6 p.p.) e o óleo de soja (variação de -26,5% e impacto de -0,5 p.p.), que geram um impacto, em conjunto de -5,7 p.p.. No sentido inverso, tem-se as variações do tomate (variação de +31,4% e impacto de +4,6 p.p.), no pão (variação de +4,5% e impacto de +0,6 p.p.) e na farinha de mandioca (variação de +12,6% e impacto de +0,4 p.p.), que geram um impacto, em conjunto, de +5,5 p.p.. Olhando os principais impactos, negativos e positivos, dentro das capitais nordestinas pesquisadas (variações máximas e mínimas), a carne (-3,4 p.p.), feijão (-1,2 p.p.) e o tomate (+4,6 p.p.), observa-se: carne - -6,1% (Aracaju) e -14,1% (Salvador); feijão - -10,4% (Salvador) e -21,0% (Fortaleza); tomate - +47,1% (Aracaju) e +17,5% (Fortaleza).

Variação em doze meses, terminados em setembro:

Em 12 meses, terminados em setembro, a variação na cesta nordestina (+1,73%) é a segunda em magnitude; só perde para a Região Norte (+1,78%). Em seguida, tem-se o Sul (+0,16%). O Sudeste (-1,31%) e o Centro-Oeste (-3,94%) têm deflações. O Norte é representado por Belém, e os transtornos climáticos estão provocando esse hiato com as outras Regiões. A variação do índice nacional (-0,53%) se aproxima mais do índice alimentação dentro do domicílio, do IPCA nacional (-0,78%). Este grupo no índice regional está em -0,92% (alimentação no domicílio – Nordeste). A variação da Cesta Básica, à exceção do Norte e Nordeste (Regiões mais pobres), quando comparadas as variações no IPCA alimentação no domicílio, contribuem com um maior reforço nos gastos das famílias menos abastadas, em que a compra de alimentos é um dos grandes itens em seus orçamentos.

A variação em doze meses, olhando as capitais pesquisadas, quatro nordestinas ocupam as primeiras posições: Fortaleza (+3,16%), Natal (+3,00%), Aracaju (+2,63%) e Salvador (+1,91%), seguida por Belém (+1,78%). João Pessoa (+0,05%) e Recife (-1,69%), ocupam as 9ª e 12ª, respectivamente. A menores variações, em doze meses, são Campo Grande (-4,98%) e Goiânia (-4,21%).

No detalhe das variações, nos doze meses terminados em setembro, dos seis maiores impactos, positivos e negativos, no índice nacional, apenas a banana não é comum ao índice regional, sendo substituída pela farinha de mandioca. O detalhe é que a variação na cesta brasileira foi de -0,53% e na cesta nordestina, +1,73%. Na média nacional, as variações mais relevantes, no âmbito negativo, foram da carne (variação de -11,7% e impacto de -4,0 p.p.), leite (variação de -15,4% e impacto de -1,2 p.p.) e do feijão (variação de -13,7% e impacto de 1,0 p.p.). No sentido inverso, o tomate (variação de +55,8% e impacto de 6,4 p.p.), pão (variação de +4,6% e impacto de +0,5 p.p.) e a banana (variação de +4,9% e impacto de +0,3 p.p.).

No índice nordestino, os três principais impactos positivos são do tomate (variação de +55,0% e impacto de +7,4 p.p.), farinha de mandioca (variação de +30,0% e impacto de +0,8 p.p.) e do pão (+6,6% e impacto de 0,8 p.p.). As reduções vieram da carne (variação de -11,0% e impacto de -3,4 p.p.), leite (variação de -22,2% e impacto de -1,7 p.p.) e do feijão (variação de -17,5% e impacto de -1,5 p.p.). Cabe destacar que o índice nordestino é positivo (+1,73%), enquanto o índice nacional é negativo (-0,53%). No grupo Alimentação no domicílio, IPCA Nordeste (-0,91%) está abaixo do índice IPCA Brasil (-

As variações e impactos, em todas as capitais nordestinas pesquisadas, sem encontram na Tabela 6.

Tabela 6 – Cesta Básica (%) e Impactos (p.p.) Nordeste e Capitais Pesquisadas na Região – 2023, em doze meses terminados em setembro

Pro- dutos/ Cesta	Aracaju		Fortaleza		João Pessoa		Natal		Recife		Salvador		Nordeste		Brasil	
	Varia- ção	Impacto	Varia- ção	Impacto	Varia- ção	Impacto	Varia- ção	Impacto	Varia- ção	Impacto	Varia- ção	Impacto	Varia- ção	Impacto	Varia- ção	Impacto
Total da Cesta		2,63		3,16		0,05		3,00		-1,69		1,91		1,73		-0,53
Carne	-6,62	-2,41	-11,34	-3,60	-9,31	-2,98	-12,98	-4,31	-9,25	-2,87	-12,83	-3,82	-10,96	-3,44	-11,74	-3,97
Leite	-32,46	-2,38	-25,27	-1,85	-23,76	-1,88	-23,44	-1,86	-17,73	-1,27	-22,99	-1,86	-22,17	-1,70	-15,34	-1,23
Feijão	-14,33	-1,29	-15,96	-1,32	-15,90	-1,44	-14,40	-1,39	-18,48	-1,56	-13,68	-1,17	-17,48	-1,49	-13,69	-0,95
Arroz	3,04	-0,01	8,16	-0,05	14,27	0,26	13,75	0,13	2,98	0,00	14,00	0,30	11,64	0,14	14,91	0,17
Farinha	23,22	0,63	28,32	0,62	38,95	1,30	30,06	0,89	29,75	0,95	33,17	1,10	29,56	0,84	15,35	0,13
Tomate	56,59	6,55	62,34	8,69	43,52	5,35	55,90	6,87	-3,01	-0,53	47,95	6,10	55,02	7,39	55,76	6,35
Pão	5,81	0,57	8,84	1,19	0,58	-0,11	5,07	0,38	24,20	3,20	1,14	0,00	6,62	0,76	4,64	0,46
Café	-8,24	-0,39	-5,20	-0,39	-11,66	-0,39	-5,53	-0,40	-4,44	-0,20	-2,37	-0,21	-6,03	-0,35	-8,88	-0,43
Banana	4,58	0,13	8,04	0,36	6,62	0,32	2,09	0,00	-5,75	-0,57	4,41	0,19	8,85	0,47	4,86	0,27
Açúcar	-2,14	-0,29	-0,23	-0,31	-2,09	-0,24	-6,04	-0,44	-9,53	-0,33	-2,06	-0,22	-1,64	-0,29	1,85	0,00
Óleo	-29,69	-0,68	-31,12	-0,72	-31,53	-0,68	-30,97	-0,77	-33,07	-0,64	-33,20	-0,66	-26,55	-0,63	-29,69	-0,54
Manteiga	5,96	0,14	2,75	-0,10	1,96	-0,04	15,98	0,98	13,18	0,93	3,09	0,06	3,65	0,03	0,89	-0,14

Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do Dieese (2023). Variação: % e Impacto; pontos percentuais (p.p.).